



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NAS CAPITALS DA
REGIÃO NORTE DO BRASIL**

MARCELO PIRES DIAS

**BELÉM- PARÁ
2012**

MARCELO PIRES DIAS

**AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NAS CAPITALS DA REGIÃO
NORTE DO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Dr^a Marilúcia Barros de Oliveira

**BELÉM- PARÁ
2012**

MARCELO PIRES DIAS

**AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NAS CAPITAIS DA REGIÃO
NORTE DO BRASIL**

Banca examinadora

Prof^ª Dr^ª Marilúcia Barros de Oliveira - UFPA (Orientadora)

Prof^ª Dr^ª Silvia Figueiredo Brandão - UFRJ

Prof^ª Dr^ª. Regina Célia Fernandes Cruz - UFPA

Prof. Dr. Abdelhak Rasky (Suplente)

**BELÉM – PARÁ
2012**

*À minha família, amigos, alunos e
professores, dedico este trabalho.*

AGRADECIMENTOS

À minha família,

À professora Marilúcia pelas orientações indispensáveis,

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPA),

Ao projeto GeoLinTerm e Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) pela permissão para utilização dos dados.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa parcial.

Aos colegas de turma do Mestrado, em especial ao amigo Apolo Macoto Hino (*in memoriam*)

– Mostrengo ou monstrengo, vovó? – quis saber Pedrinho.

Vejo esta palavra escrita de dois jeitos.

– Os gramáticos querem que seja mostrengo – coisa de mostrar: mas o povo acha melhor monstrengo – coisa monstruosa, e vai mudando. Por mais que os gramáticos insistam na forma “mostrengo”, o povo diz “monstrengo”.

– E quem vai ganhar essa corrida, vovó?

– Está claro que o povo, meu filho. Os gramáticos acabarão se cansando de insistir no “mostrengo” e se resignarão ao “monstrengo”.

(Monteiro Lobato, Fábulas).

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo descrever o comportamento das vogais médias pretônicas <e> e <o> com base no falar de informantes de seis capitais da região Norte do Brasil, a saber: Belém-PA, Manaus-AM, Rio Branco-AC, Macapá-AP, Porto Velho-RR e Boa Vista-RO. A pesquisa se justifica pela importância de se descrever a variedade do português brasileiro falado na Amazônia brasileira e por contribuir para descrição linguística do português brasileiro (PB). Foram usados dados dos questionários fonético-fonológico (QFF) e semântico-lexical (QSL), instrumentos de coleta dos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Os dados foram transcritos a partir do uso do *Transcriber* e, em seguida, submetidos ao uso do programa de regra variável *Varbrul* que forneceu os pesos relativos úteis para a análise e reflexão linguística variacionista. Os grupos de fatores instituídos para a descrição e análise linguística do comportamento das médias pretônicas foram os seguintes: natureza da vogal tônica, distância entre a vogal tônica e pretônica, segmento do onset da pretônica, segmento do onset da sílaba seguinte, sexo, escolaridade, faixa etária e procedência do informante. Foram encontradas as variantes [i], [e] e [ɛ] para variável <e>. Para <o> encontrou-se [u], [o] e [ɔ]. Os resultados apontam [e] e [o] como as variantes mais frequentes no falar do Norte do país.

PALAVRAS-CHAVE: Vogais médias; Sociolinguística Quantitativa; ALiB.

ABSTRACT

This dissertation aims to describe the behavior of the middle unstressed vowels <e> <o> based on informants speech of six capitals of northern Brazil, namely: Belém (PA), Manaus (AM), Rio Branco (AC), Macapa (AP), Porto Velho (RO) and Boa Vista (RR). The research is justified by the importance of describing the variety of Brazilian Portuguese spoken in the Brazilian Amazon and for contributing to linguistic description of the Brazilian Portuguese (BP). We used data from the phonetic-phonological (QFF) and lexical-semantic questionnaires (QSL), instruments of data collection of the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB). The data were transcribed with the use of Transcriber and then subjected to the use of the variable rule program VARBRUL which provided the relative weights useful for the analysis and variationist linguistic reflection. The groups of established factors for the description and linguistic analysis of the behavior of middle back unstressed vowels were the following: the nature of the stressed vowel, the distance between the stressed and unstressed vowel, the unstressed onset segment, the following syllable onset segment, gender, education, age and origin of the informant. Variants [i], [e] and [ɛ] were found to variable <e>. To <o> we found [u] [o] and [ɔ]. The outcomes show [e] and [o] as the most frequent variants in the speech of northern Brazil.

KEYWORDS: middle vowels; Quantitative Sociolinguistics; ALiB.

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1: amostra estratificada utilizada na pesquisa para as seis capitais da Região Norte do Brasil..... | 39 |
| Tabela 2: população, extensão territorial e ano de fundação das capitais da região Norte..... | 40 |
| Tabela 3: fatores que apresentaram nocaute no grupo segmento do onset da sílaba da pretônica na rodada de <o>..... | 56 |
| Tabela 4: fatores que apresentaram nocaute no grupo segmento do onset da sílaba seguinte na rodada de <o>..... | 57 |
| Tabela 5: fatores que apresentaram nocaute no grupo segmento da coda da sílaba da pretônica | 58 |
| Tabela 6: fator que apresentou nocaute no grupo fonema vocálico da tônica na rodada de <e> | 59 |
| Tabela 7: fatores que apresentaram nocautes no grupo classe morfológica na rodada de <e> | 59 |
| Tabela 8: fatores que apresentaram nocaute no grupo segmento do onset na rodada de <e> | 60 |
| Tabela 9: fatores que apresentaram nocaute no grupo segmento do onset na rodada de <e>..... | 61 |
| Tabela 10: fatores que apresentaram nocautes no grupo segmento da coda na rodada de <e>..... | 62 |
| Tabela 11: resultados da variável dependente para <e> e <o>..... | 63 |
| Tabela 12: resultados do grupo fonema vocálico da tônica em pesos relativos para a vogal pretônica <o>..... | 64 |
| Tabela 13: fatores favorecedores por variante do grupo fonema vocálico da tônica..... | 65 |
| Tabela 14: resultados do grupo distância entre a vogal da sílaba tônica e pretônica em pesos relativos para a vogal pretônica <o>..... | 66 |
| Tabela 15: fatores favorecedores por variante do grupo distância entre vogal tônica e pretônica..... | 66 |
| Tabela 16: resultados do grupo segmento do onset da sílaba da vogal pretônica em pesos relativos para a vogal pretônica <o>..... | 67 |
| Tabela 17: fatores favorecedores por variante do grupo segmento do onset..... | 68 |
| Tabela 18: resultados do grupo segmento do onset da sílaba seguinte em pesos relativos para a vogal pretônica <o>..... | 69 |
| Tabela 19: fatores favorecedores por variante do grupo segmento do onset da sílaba seguinte..... | 69 |
| Tabela 20: resultados do grupo classe morfológica em pesos relativos para a vogal pretônica <o>.... | 70 |
| Tabela 21: fatores favorecedores por variante do grupo classe morfológica..... | 70 |
| Tabela 22: resultados do grupo sexo do informante em pesos relativos para a vogal pretônica <o>..... | 71 |
| Tabela 23: resultados do grupo escolaridade do informante em pesos relativos para a vogal pretônica <o>..... | 72 |
| Tabela 24: resultados do grupo faixa etária do informante em pesos relativos para a vogal pretônica <o>..... | 72 |
| Tabela 25: resultados do grupo procedência do informante em pesos relativos para a vogal pretônica <o>..... | 73 |
| Tabela 26: fatores favorecedores por variante do grupo procedência do informante..... | 74 |
| Tabela 27: resultados do grupo tipo de questionário do informante em pesos relativos para a vogal pretônica <o>..... | 76 |

| | |
|---|----|
| Tabela 28: resultados do grupo fonema vocálico da tônica em pesos relativos para a vogal pretônica <e>..... | 77 |
| Tabela 29: fatores favorecedores por variante do grupo fonema vocálico da tônica..... | 77 |
| Tabela 30: resultados do grupo distância entre a vogal da sílaba tônica e pretônica em pesos relativos para a vogal pretônica <e>..... | 78 |
| Tabela 31: fatores favorecedores por variante do grupo distância entre vogal tônica e pretônica..... | 78 |
| Tabela 32: resultados do grupo segmento do onset da sílaba da vogal pretônica em pesos relativos para a vogal pretônica <e>..... | 79 |
| Tabela 33: fatores favorecedores por variante do grupo segmento do onset..... | 80 |
| Tabela 34: resultados do grupo segmento do <i>onset</i> da sílaba seguinte em pesos relativos para a vogal pretônica <e>..... | 81 |
| Tabela 35 fatores favorecedores por variante do grupo fonema vocálico da tônica..... | 81 |
| Tabela 36: resultados do grupo sexo do informante em pesos relativos para a vogal pretônica <e>..... | 82 |
| Tabela 37: resultados do grupo escolaridade do informante em pesos relativos para a vogal pretônica <e>..... | 83 |
| Tabela 38: resultados do grupo faixa etária do informante em pesos relativos para a vogal pretônica <e>..... | 85 |
| Tabela 39: resultados do grupo procedência do informante em pesos relativos para a vogal pretônica <e>..... | 86 |
| Tabela 40: fatores favorecedores por variante do grupo procedência do informante..... | 87 |
| Tabela 41: resultados do grupo tipo de questionário do informante em pesos relativos para a vogal pretônica <e>..... | 88 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1: mapa político das capitais da região Norte do Brasil..... | 46 |
| Figura 2: exemplo de transcrição grafemática no programa <i>Transcriber</i> | 52 |
| Figura 3: exemplo de arquivo de dados introduzido no programa <i>Varbrul</i> | 53 |
| Figura 4: distribuição das variantes de <o> nas capitais da região Norte do Brasil..... | 75 |
| Figura 5: distribuição das variantes de <e> capitais da região Norte do Brasil..... | 87 |
| Figura 6: distribuição das variantes de <e> nas capitais da região Norte do Brasil..... | 99 |
| Figura 7: distribuição das variantes de <e> nas capitais da região Norte do Brasil..... | 100 |
| Figura 8: distribuição das variantes de <o> e <e> nas capitais da região Norte do Brasil..... | 101 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1: sexo do informante para a vogal pretônica a vogal pretônica <e>..... | 83 |
| Gráfico 2: escolaridade do informante para a vogal pretônica <e>..... | 84 |
| Gráfico 3: faixa Etária do Informante para a vogal pretônica <e>..... | 85 |
| Gráfico 4: resultados para as variantes de <e> e de <o>..... | 90 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1: resumo de fatores favorecedores da variação das vogais médias no Brasil..... | 30 |
| Quadro 2: Itens lexicais do Questionário Fonético-Fonológico (QFF). Fonte: ALIB..... | 37 |
| Quadro 3: lista de itens lexicais do Questionário Semântico-Lexical (QSL). Fonte: ALIB..... | 38 |
| Quadro 4: quadro da variável dependente e suas variantes..... | 47 |
| Quadro 5: quadro geral de segmentos do onset da sílaba da vogal pretônica..... | 49 |
| Quadro 6: quadro geral de segmentos do onset da sílaba seguinte a vogal pretônica..... | 49 |
| Quadro 7: quadro comparativo de <e> e <o> para o grupo fonema vocálico da tônica..... | 91 |
| Quadro 8: quadro comparativo de <e> e <o> para o grupo distância entre tônica e pretônica..... | 92 |
| Quadro 9: quadro comparativo de <e> e <o> para o grupo segmento do <i>onset</i> | 93 |
| Quadro 10: quadro comparativo de <e> e <o> para o grupo segmento do onset da sílaba seguinte..... | 94 |
| Quadro 11: quadro comparativo de <e> e <o> para o grupo fonema vocálico da tônica..... | 95 |
| Quadro 12: quadro comparativo de <e> e <o> para o grupo sexo do informante..... | 96 |
| Quadro 13: quadro comparativo de <e> e <o> para o grupo faixa etária do informante..... | 96 |
| Quadro 14: quadro comparativo de <e> e <o> para o grupo escolaridade do informante..... | 97 |
| Quadro 15: quadro comparativo de <e> e <o> para o grupo procedência do informante..... | 98 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 17 |
| 1. REVISÃO DE LITERATURA..... | 19 |
| 1.1. Regiões Sul e Sudeste | 19 |
| 1.2. Região Nordeste..... | 24 |
| 1.3. Vogais Pretônicas na região Norte | 26 |
| 2. METODOLOGIA | 35 |
| 2.1. A sociolinguística laboviana | 35 |
| 2.1.1. Variedade, variante e regra variável..... | 35 |
| 2.2. Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) | 36 |
| 2.3. A amostra estratificada..... | 37 |
| 2.4. Comunidades pesquisadas..... | 39 |
| 2.4.1. Belém (PA) | 40 |
| 2.4.2. Manaus (AM) | 41 |
| 2.4.3. Macapá (AP) | 42 |
| 2.4.4. Rio Branco (AC)..... | 43 |
| 2.4.5. Boa Vista (RR) | 44 |
| 2.4.6. Porto Velho (RO)..... | 45 |
| 2.5. Definição das Variáveis | 46 |
| 2.5.1. Variável Dependente | 46 |
| 2.5.2. Variáveis Independentes | 47 |
| 2.5.2.1. Fonema vocálico da tônica | 47 |
| 2.5.2.2. Distância entre vogal tônica e pretônica..... | 48 |
| 2.5.2.3. Segmento do <i>onset</i> da sílaba da vogal pretônica..... | 48 |
| 2.5.2.4. Segmento do <i>onset</i> da sílaba seguinte à vogal pretônica..... | 49 |
| 2.5.2.5. Classe morfológica..... | 49 |
| 2.5.2.6. Tipo de questionário..... | 50 |
| 2.5.2.7. Sexo do informante..... | 50 |
| 2.5.2.8. Escolaridade do informante..... | 50 |
| 2.5.2.9. Faixa etária do informante..... | 51 |
| 2.5.2.10. Procedência do informante..... | 51 |
| 2.6. Tratamento estatístico dos dados | 51 |
| 3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS..... | 55 |
| 3.1. Resultados preliminares | 55 |
| 3.1.1. Rodada preliminar de <o> | 56 |
| 3.1.2. Rodada preliminar de <e> | 56 |
| 3.2. Resultados Finais | 63 |
| 3.2.1. Resultados de <o> | 64 |
| 3.2.1.1. Fonema vocálico da tônica..... | 64 |
| 3.2.1.2. Distância entre vogal tônica e a pretônica..... | 65 |
| 3.2.1.3. Segmento do <i>onset</i> a sílaba da vogal pretônica..... | 67 |
| 3.2.1.4. Segmento do <i>onset</i> da sílaba seguinte..... | 68 |

| | |
|---|------------|
| 3.2.1.5. Classe Morfológica | 70 |
| 3.2.1.6. Sexo do informante | 71 |
| 3.2.1.7. Escolaridade do informante | 71 |
| 3.2.1.8. Faixa etária do informante | 72 |
| 3.2.1.9. Procedência do Informante | 73 |
| 3.2.1.10. Tipo de questionário | 76 |
| 3.2.2. Resultados de <e> | 76 |
| 3.2.2.1. Fonema vocálico da tônica..... | 76 |
| 3.2.2.2. Distância entre vogal tônica e a pretônica..... | 78 |
| 3.2.2.3. Segmento do onset da sílaba da vogal pretônica | 79 |
| 3.2.2.4. Segmento do onset da sílaba seguinte | 80 |
| 3.2.2.5. Sexo do informante | 82 |
| 3.2.2.6. Escolaridade do informante | 83 |
| 3.2.2.7. Faixa etária do informante | 84 |
| 3.2.2.8. Procedência do Informante | 86 |
| 3.2.1.9. Tipo de questionário | 88 |
| 3.2.3. Atuação dos grupos de fatores sobre a variação de <e> e de <o> | 89 |
| 3.2.3.1. Variável dependente | 89 |
| 3.2.3.2. Fonema vocálico da tônica..... | 90 |
| 3.2.3.3. Distância entre vogal tônica e pretônica..... | 91 |
| 3.2.3.4. Segmento do <i>onset</i> da sílaba da pretônica | 92 |
| 3.2.3.5. Segmento do <i>onset</i> da sílaba seguinte..... | 93 |
| 3.2.3.6. Tipo de questionário | 94 |
| 3.2.3.7. Sexo do informante | 95 |
| 3.2.3.8. Faixa etária | 96 |
| 3.2.3.9. Escolaridade | 97 |
| 3.2.3.10. Procedência do informante..... | 98 |
| | |
| CONCLUSÃO | 102 |
| | |
| REFERÊNCIAS..... | 105 |
| | |
| ANEXOS | 107 |

INTRODUÇÃO

Dentre os estudos de descrição linguística considerados importantes para a caracterização de um determinado dialeto, podemos apontar aqueles que descrevem quadros vocálicos, que tomam como base estudos geossociolinguísticos e que também mostram os principais processos que envolvem esses sons, daí a importância de se fazer estudos específicos do quadro de vogais do português brasileiro, em especial nas localidades onde ainda temos poucas investigações, como é o caso da região Norte do Brasil.

O comportamento das vogais do português brasileiro é um fenômeno linguístico já descrito em vários estudos. No Brasil, sob a ótica variacionista, há estudos desde a década de 1970. O primeiro linguista a estudar a organização dos sons do quadro vocálico no Português Brasileiro foi Câmara Jr. (1970). O autor observa em sua obra basilar *Estrutura da Língua Portuguesa* que, no português brasileiro, (embora apenas o falar carioca tenha servido como base para sua observação) temos sete vogais em posição acentuada (/i/, /e/, /ɛ/, /a/, /o/, /ɔ/, /u/), cinco em posição pretônica (/i/, /e/, /a/, /o/, /u/), quatro em posição postônica não final (/i/, /e/, /a/, /u/) e três vogais em posição final (/i/, /a/, /u/).

A presente dissertação tem como objetivo realizar a descrição da variação das vogais médias no português falado em seis capitais da região Norte do Brasil, tomando-se como base dados de contextos específicos dos questionários fonético-fonológicos (QFF) e questionários semântico-lexicais (QSL) do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Esses dados foram coletados por meio de entrevistas. Será proposta uma análise sob a ótica da sociolinguística variacionista que pretende indicar os contextos favorecedores e com maior probabilidade de ocorrência, do abaixamento, alteamento e também da manutenção das vogais médias pretônicas e suas relações com grupos de fatores sociais.

Neste trabalho iremos elencar questões que podem nos indicar quais fatores linguísticos e/ou não linguísticos apresentam relevância para a variação em estudo, e que podem elucidar os questionamentos feitos ao longo da pesquisa. Optamos, por questões metodológicas, pela separação das rodadas de <e> e de <o> para verificar, posteriormente, se os fatores que motivam a elevação, manutenção ou abaixamento são os mesmos para uma e outra variável ou se há diferenças na atuação dos fatores sobre elas. A pesquisa aqui realizada busca responder as seguintes questões levantadas ao longo da realização da pesquisa:

- a) Os fatores que atuam no favorecimento do alteamento, manutenção ou abaixamento de <e> e de <o> são os mesmos ou são diferentes?
- b) A presença de vogal alta ou média alta em posição tônica favorece o alteamento e a presença de vogal baixa ou média baixa favorecem o abaixamento?
- c) A distância da vogal pretônica em relação à vogal tônica influencia na realização da manutenção, portanto, quanto menor a distância entre vogal tônica e vogal pretônica maior é a probabilidade de manutenção?
- d) A altura do segmento do *onset* na qual a pretônica se encontra e também do *onset* da sílaba seguinte favorecem o alteamento?
- e) Existe relação entre a natureza morfológica do item lexical e a realização de alteamento, abaixamento ou manutenção, em outros termos, nomes e verbos possuem o mesmo comportamento quando consideramos a variação das médias pretônicas?
- f) É possível estabelecer fronteiras dialetais entre os falares da região Norte do Brasil?

A dissertação aqui apresentada é dividida em três capítulos, a saber: a) Revisão da literatura, em que mostraremos alguns trabalhos sobre vogais médias pretônicas publicados no Brasil, a fim de se fazer posteriores comparações; b) Metodologia, em que apresentaremos a constituição da amostra, dados sócio históricos de cada capital da região Amazônica e o processamento estatístico informatizado no pacote *Varbrul*; e c) Resultados obtidos, em que apresentaremos os resultados preliminares e finais, além da discussão sobre os mesmos, com base em pesos relativos e frequências gerados a partir da aplicação do *Varbrul*.

1 REVISÃO DE LITERATURA

No presente capítulo iremos apresentar trabalhos realizados em quatro das cinco regiões do Brasil e, em seguida, os relativos à região Norte. Os critérios de seleção dos trabalhos levaram em consideração a representatividade da pesquisa na região onde foi realizada, a metodologia variacionista, a atualidade do trabalho, sua disponibilidade nos acervos bibliográficos, assim como a semelhança entre eles e esta investigação. Serão apresentados, inicialmente, trabalhos das regiões Sul, Sudeste e, finalmente, os trabalhos realizados na região Norte.

1.1 Regiões Sul e Sudeste

Bisol (1981) investigou o comportamento da vogal pretônica na tese intitulada “Harmonização Vocálica: uma regra variável”, a partir da fala espontânea dos habitantes do Rio Grande do Sul, tomando por base um *corpus* de 44 informantes estratificados socialmente, inclusive considerando a origem étnica (metropolitanos, italianos, alemães e fronteiriços). A pesquisadora utilizou a metodologia variacionista para o desenvolvimento do seu estudo.

Os resultados da rodada binária de Bisol (op. cit) mostraram que a vogal alta da sílaba seguinte, independente da condição de tônica ou átona, é favorecedora da regra de alteamento das médias e a presença de uma vogal alta, tônica ou não, em sílaba não contígua, desfavorece a regra, o que evidencia a atuação da harmonia vocálica no falar em questão.

O grupo de fatores atonicidade foi selecionado como importante na análise, pois quando a pretônica é mantida durante a derivação, como em menino > mininice (átona permanente, permanece inalterada), o alteamento ocorre, no entanto, quando a pretônica é casual (quando muda de posição na derivação), como em ferro > ferreiro ou em cabelo > cabeludo, a regra é desfavorecida.

Os grupos de fatores sociais indicaram que os informantes mais velhos realizam mais o alteamento em relação aos mais jovens, o que representa, segundo a autora “com cautela”, o fenômeno em via de desaparecimento. Os informantes metropolitanos realizaram elevações com maior frequência por terem o português como única língua, enquanto que os bilíngues (italianos, alemães e fronteiriços) apresentaram menor

frequência.

Schwindt (1995) pesquisou também o dialeto gaúcho, a partir de dados do projeto VARSUL. A amostra estratificada foi constituída por 64 informantes, 16 para cada cidade do Rio Grande do Sul, a saber, Flores da Cunha, Panambi, São Borja e Porto Alegre. O estudo compreendeu 12.133 dados, sendo 6.611 para [e] e 5.522 para [o].

Para a pesquisa foram considerados os seguintes grupos: a) contiguidade; b) homorganicidade; c) nasalidade; d) contexto fonológico precedente; e) contexto fonológico seguinte; f) tonicidade; g) localização morfológica; h) escolaridade; i) sexo; j) faixa etária e l) região.

A pesquisa se pautou na rodada binária que serviu como base para a descrição da harmonia vocálica no dialeto gaúcho.

Os resultados mostraram a contiguidade como fator determinante para a elevação tanto de <e> quanto de <o>, assim como nos resultados de Bisol (1981). O contexto precedente mostrou os segmentos velares, alveolares e labiais como favorecedores de [i] e os segmentos velares, palatais e labiais como favorecedores de [u].

Para o contexto seguinte, a pesquisa apresentou os segmentos velares e alveolares como favorecedores de [i] e os segmentos alveolares, velares e labiais como favorecedores de [u].

O grupo tonicidade mostrou a importância da vogal tônica para a realização de [i] e [u], de modo que a presença de vogal alta na tônica favorece a realização das duas variantes. A presença de vogal alta na raiz e em sufixos verbais eleva a probabilidade de ocorrência do alteamento.

Os resultados dos grupos sociais se mostraram semelhantes aos de Bisol (1981) e mostraram os informantes com o grau de escolaridade primária como fator motivador da elevação tanto de <e> quanto de <o>. Os informantes com idade acima de 55 anos e do sexo feminino apresentaram maior probabilidade de ocorrência de [i].

Yacovenko (1993) estudou as médias pretônicas no falar carioca e utilizou a metodologia da sociolinguística laboviana, a partir de um corpus estratificado socialmente e formado por 18 informantes do Projeto Norma Urbana Culta (NURC).

A autora utilizou os seguintes grupos de fatores na pesquisa: a) tipo de vogal tônica; b) distância; c) vogal átona subsequente; d) atonicidade; e) modo de articulação da consoante anterior e seguinte; f) ponto de articulação da consoante anterior e seguinte; g) tipo de sufixo da palavra; h) zona de residência; i) sexo e j) faixa etária.

De acordo com os resultados obtidos na pesquisa, a manutenção das vogais médias apresenta maior probabilidade de ocorrência, ao contrário das vogais altas [i] e [u] resultantes de alteamento, que possuem menor probabilidade de ocorrência, portanto, a autora conclui que o padrão na fala carioca é a manutenção.

Segundo os resultados apresentados pelo processamento informatizado, a natureza da vogal tônica é fator determinante para o alteamento, a presença de vogal alta (homorgânica ou não) eleva a possibilidade de ocorrer o alteamento.

Os grupos referentes ao ponto de articulação e modo de articulação das consoantes precedentes e seguintes se mostraram importantes na pesquisa, de modo que consoantes velares favorecem a realização do alteamento da média anterior /e/, seguido das laterais em contexto precedente, além das nasais e oclusivas em posição seguinte.

Para a vogal média posterior /o/, as consoantes que possuem modo oclusivo e africado em posição precedente são importantes para o alteamento. Em posição seguinte são favorecedores do alteamento, o modo nasal, fricativo e vibrante.

Além dos resultados de natureza fonológica, a pesquisa mostrou que vocábulos que possuem sufixos verbais são os principais motivadores do alteamento, tanto de /e/ quanto de /o/. Ao final da pesquisa, a autora considera que a harmonia vocálica atua na elevação das médias pretônicas no falar carioca.

É importante observar que o estudo se baseou em poucos informantes, o que compromete a qualidade da pesquisa, pois não é possível fazer afirmações mais contundentes. Para a construção de regras que pode explicar a ocorrência do fenômeno, é preciso considerar uma quantidade maior de informantes e conseqüentemente um maior número de dados.

Célia (2004) investigou o quadro de vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia (ES), município localizado na região noroeste do Estado de Espírito Santo (240 quilômetros da capital Vitória).

Com base na metodologia da sociolinguística quantitativa, a autora selecionou nove informantes do sexo feminino e com ensino superior completo, divididos em três faixas etárias (25 a 35 anos; 36 a 55; de 56 anos em diante).

No total, a pesquisa apresentou 1714 contextos de vogal <e> e 1236 contextos de vogal <o> que, em seguida, foram codificados e processados no programa estatístico *Varbrul*. Os grupos de fatores utilizados na codificação foram os seguintes: a) realização da pretônica; b) nasalidade; c) distância; d) vogal tônica; e) pretônica seguinte; f) atonicidade; g) consoante precedente; h) consoante seguinte; i) tipo de sílaba e h) faixa etária.

Os resultados mostram que há uma preferência pela manutenção das médias, enquanto que o abaixamento apresentou frequência maior em relação ao alteamento que, nessa pesquisa, apresentou resultados mais baixos.

Os demais resultados mostraram que a vogal média <e> quando nasalizadas favorecem o alteamento, como em /aprendi/, ao contrário da vogal média <o> que sofre resistência e tende à manutenção.

Os resultados mostraram que a presença de uma vogal anterior /i/ favorece a aplicação [i] e [u], enquanto que a vogal tônica /u/ favorece [u].

A distância em relação à sílaba tônica se apresentou como determinante no processo de alteamento. A distância 1 (Ex.: segundo) é a que mais favorece a elevação e a distância 3 (pedagogia) é a mais desfavorecedora como peso de .23. Esses resultados se referem apenas à vogal pretônica <o>, pois a relevância desse fator para a vogal <e> não foi considerada pelo programa de regra variável.

A presença de /i/ na sílaba que sucede a pretônica em análise favorece o alteamento, como em /perigoso/, assim como de /u/ após a pretônica (0,71), o que confirma a importância do fator homorganicidade no contexto vocálico pretônico.

A pesquisa apresentou como relevantes para o alteamento de <e>, as palatais e bilabiais.

s, com .69 e .59, respectivamente, e para o alteamento de <o>, palatais (.56) e velares (.67). Para o contexto seguinte, velares favorecem o alteamento de /e/ e as labiodentais favorecem o alteamento de <o>.

O último fator linguístico selecionado se refere à estrutura silábica que mostrou como favorecedora a estrutura silábica aberta, como: /pedir/ e /komer/, tanto para vogal pretônica <e> quanto <o> com pesos de .60 e .61 respectivamente. As sílabas travadas, como em /perder/ e /dormir/ desfavorecem a aplicação do alteamento com pesos abaixo de .30.

Dentre os fatores sociais, a faixa etária se mostrou relevante tanto para <e> quanto para <o>. Os informantes com mais de 55 anos de idade são os que realizam mais o alteamento, enquanto que os informantes com idade entre 25 e 35 anos o realizam menos.

Os resultados para o abaixamento mostraram que a presença de /ɛ/, /ɔ/ ou /a/ na vogal tônica favorece o abaixamento tanto de /e/ quanto de /o/.

As labiodentais são as que mais favorecem o abaixamento (.75), já para o contexto seguinte, alveolares favorecem /e/ (.57) e /o/ (.65), e palatais favorecem apenas /o/ (.58).

A sílaba aberta é a que mais favorece o abaixamento das médias pretônicas, resultado semelhante para o alteamento.

A faixa etária responsável pela maior ocorrência do abaixamento foi a intermediária (36 a 55 anos), com pesos de ,67 para [ɛ] e .63 para [ɔ].

O trabalho de Célia (2004) apresenta resultados que condizem com resultados de trabalhos anteriores, como os de Bisol (1981) e Yacovenco (1993), no que diz respeito à harmonia vocálica, apesar de ter utilizado um *corpus* menor e controlado apenas um grupo de fator social (faixa etária).

Silveira (2008) estudou o comportamento das vogais médias pretônicas no português falado na região de São José do Rio Preto, Noroeste do Estado de São Paulo, com base em 16 informantes do sexo feminino com nível superior completo ou em andamento pertencentes ao banco de dados IBORUNA. As informantes foram divididas em três faixas etárias, a saber: 16 a 25 anos; 26 a 35 anos e mais de 55 anos.

Os grupos de fatores linguísticos testados na pesquisa foram os seguintes: a) vogal da sílaba tônica; b) posição da vogal da sílaba pretônica em relação à sílaba tônica; c) vogal átona seguinte; d) segmento (consonantal) precedente; e) segmento (consonantal) seguinte; f) tipo de sílaba; g) nasalidade e h) grau de atonicidade da vogal pretônica.

Após a submissão dos dados ao pacote estatístico *Varbrul*, todos os grupos de fatores foram incluídos na rodada binária *step-up*, logo, todos os grupos foram considerados para a caracterização do alteamento na variedade culta de São José de Rio Preto.

Os resultados do grupo de fatores referente à posição da pretônica em relação à sílaba tônica mostraram que a presença de uma vogal alta /i/ na sílaba tônica favorece a realização [i] (.98) e [u] (.91), enquanto que a vogal baixa /a/ é a que desfavorece a realização do fenômeno para <e> (ex.: regaço) com peso relativo de .05 e também para <o> (ex.: bolacha), com peso relativo na ordem de .17.

A distância também é um fator importante para a realização ou não do alteamento, de modo que a pesquisa apontou a distância 1 como a mais favorável à ocorrência do fenômeno, tanto para [i] (.73) quanto para [u] (.74). As demais distâncias (2 e 3 sílabas) apresentaram pouca influência na aplicação do mesmo.

O grupo de fatores que indica a vogal seguinte (tônica ou átona) que favorece o alteamento mostrou as vogais altas /i/ e /u/ como as que possuem maior influência sobre o alteamento.

Os resultados referentes ao segmento consonantal precedente mostraram que os segmentos consonantais labiais são os que favorecem [i] (.74) e [u] (.63), já os segmentos alveolares são os que desfavorecem a realização fenômeno. O grupo de fatores referente ao segmento consonantal seguinte mostrou os segmentos velares como

principais favorecedores de [i] (.99) e segmentos labiais (.59) e palatais (.70) como favorecedores de [u].

Outro grupo de fatores relevante para a descrição do alteamento é o tipo de estrutura silábica (CV, CCV, CVN ou CVC). Os resultados mostraram que a estrutura Vogal + Consoante (CV) é a que mais favorece [i] (.57) e [u] (.69), seguido pela estrutura Consoante + Vogal + Consoante (CVC) que favorece apenas [u], com .61 de probabilidade.

O grupo referente ao grau de atonicidade da vogal pretônica mostrou que a presença de vogal átona permanente (quando a vogal permanece não acentuada após processo derivacional (Ex.: a[gre]ssivo > a[gre]ssividade) favorece a elevação, tanto de <e> (.56) quanto de <o> (.58), já a presença de vogal átona secundária (Ex.: [be]lo > [be]leza) desfavorece a elevação.

A pesquisa apresentou resultados semelhantes a outras pesquisas anteriores, no entanto, a pesquisa ficou comprometida em virtude da baixa quantidade de informantes (16) e pelo fato da autora ter considerado apenas informantes do sexo feminino. Além disso, a baixa quantidade de informantes também gerou baixas frequências, o que compromete a significância do processamento estatístico.

1.2 Região Nordeste

Araújo (2007) tratou das vogais pretônicas <e> e <o> interconsonânticas no falar popular de Fortaleza/CE. A autora tomou como base a fala de 72 informantes provenientes do corpus Norma do Português Oral Popular de Fortaleza - NORPORFOR que foram estratificados socialmente. O estudo partiu dos pressupostos da sociolinguística variacionista e para o processamento estatístico foi utilizado o pacote de programas *Varbrul* que gerou os pesos relativos e frequências úteis para a descrição da realização variável das vogais médias.

Os grupos de fatores iniciais escolhidos para a investigação foram os seguintes: a) tipo de vogal acentuada; b) tipo de vogal átona seguinte; c) nasalidade; d) contexto fonológico precedente (alveolares; labiais, palatais, velares e glotais); e) contexto fonológico seguinte; f) tipo de sílaba (livre ou fechada); g) distância em relação à tônica (1 para a menor distância e 4 para a distância máxima); h) tipo de atonicidade da pretônica (permanente ou casual) e i) estrutura morfológica da palavra (com sufixo ou sem sufixo), além dos grupos de fatores sociais (sexo, faixa etária e escolaridade);

Foram realizadas rodadas ternárias para as séries de vogais recuadas (u; o; ɔ) e não recuadas (i; e; ε). No total foram efetuadas rodadas com 5848 dados, dos quais 3.337 correspondiam a vogais anteriores e 2.511 a ocorrências de vogais posteriores.

Os resultados mostraram que para as vogais pretônicas posteriores, a vogal [u], oral ou nasal é contexto favorecedor do alteamento, o que indica uma clara influência da harmonia vocálica. As consoantes labiais e velares se mostraram favorecedores da elevação, em contrapartida as alveolares e as aspiradas favorecem a manutenção das médias.

Em relação ao abaixamento de <o>, a pesquisa mostrou que a vogal baixa [a] e não alta [ɔ] nasal favorece o mesmo, potencializado pela presença de alveolares, palatais e aspiradas, como em j[ɔ]rnalista, ch[ɔ]rar e melh[ɔ]rar, por conta do ajustamento fonético. As sílabas travadas (pesadas) favorecem o abaixamento, enquanto que as livres (leves) desfavorecem o mesmo.

A investigação mostrou que há predomínio de variantes baixas. A variação das médias é condicionada principalmente pelo tipo de vogal tônica, indicando claramente que a harmonização vocálica é o motivador das alternâncias.

Os grupos sociais apontaram que não há estigma quanto ao uso das variantes e embora a manutenção das médias indique prestígio, alteamentos e abaixamentos ocorrem tanto na fala dos mais escolarizados e dos menos escolarizados, assim como em todas as faixas etárias.

Silva (2009) tratou das vogais médias no falar teresinense, considerando 5308 contextos e 36 informantes estratificados socialmente. Para o processamento estatístico no pacote *Varbrul* S2 foram elencados os seguintes fatores: a) contiguidade; b) homorganicidade; c) tonicidade; d) paradigma; e) distância; f) derivada da tônica; g) contextos fonológicos precedentes e seguintes, além dos fatores sociais, faixa etária, sexo e escolaridade.

Os resultados mostraram que, no dialeto teresinense, as vogais médias abertas [ɛ] e [ɔ] predominam (65%) e que ocorrem três harmonias vocálicas: quando há uma vogal tônica aberta [a] e/ou média aberta, a pretônica predominante é média aberta (.73), já quando temos uma média alta [e] ou [o] na tônica, predomina a média alta na pretônica e a presença de vogal alta [i] ou [u] na tônica, favorece o alteamento.

A pesquisa apontou o favorecimento da variante [ɛ] pelas vogais tônicas /ɛ/ (.76) e /ɔ/ (.67) e a variante [ɔ] é favorecida pelos vogais tônicas [ɔ] (.87), [a] (.77) e [ɔ] (.68). Para o segmento do *onset* velar e *onset* vazio favorecem [ɔ] e coronais, palatais e *onset* vazio favorecem [ɔ].

Os resultados mostraram também que a contiguidade favorece tanto o

abaixamento quanto o alteamento.

O segmento do onset mostrou que labiais (.60) e palatais favorecem [i] e velares favorecem [u] e o segmento do *onset* da sílaba seguinte mostrou velares (.60) favorecendo [i] e labiais (.57), palatais (.58) e coronais (.58) favorecendo [u].

A autora conclui que a regra inovadora (manutenção) é conduzida pelos mais jovens e rejeitada pelos mais velhos e o sexo/gênero se mostrou irrelevante, já que ambos os sexos apresentaram ponto neutro no processamento estatístico, e os menos escolarizados alteiam mais do que os mais escolarizados. De acordo com a autora, o falar teresinense pode ser considerado, de acordo com a pesquisa, pertencente à mesma isoglossa dos demais falares nordestinos, situando-se no falar nordestino.

1.3 Vogais Pretônicas na região Norte

Na presente seção iremos tratar das pesquisas realizadas na região Norte do Brasil e que se assemelham teoricamente e metodologicamente com a presente pesquisa. Para cada pesquisa serão apresentados os grupos de fatores utilizados, assim como os grupos selecionados como relevantes quando for o caso, e em seguida os resultados em termos de peso relativo e frequência, de modo a propiciar a construção de um quadro comparativo entre as pesquisas.

Freitas (2001) investigou a pauta pretônica na fala de 32 informantes estratificados socialmente no município de Bragança (PA), levando em consideração os pressupostos da sociolinguística variacionista. A autora usou dados de entrevistas do Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALIPA) e controlou os seguintes grupos de fatores: a) prefixação; b) tipo silábico (CV e CVC); c) distância da sílaba tônica; d) vogal da sílaba seguinte; e) consoante precedente (bilabiais; labiodentais; alveolares; sibilantes, palatais e velares); f) consoante seguinte; g) classe morfológica (substantivos; verbos; adjetivos; pronomes; numerais; advérbios e conjunções); g) faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 45 anos e 46 anos em diante); h) sexo; i) escolaridade (baixa escolaridade; escolaridade fundamental e escolaridade média) e j) renda (baixa, até R\$ 400,00 e média/média-alta, acima de R\$ 400,00 em valores da época).

Os resultados obtidos pela autora a partir de rodadas ternárias mostraram que as vogais altas em posição contígua se apresentaram como favorecedoras do alteamento. O ditongo oral contíguo favorece a manutenção das médias.

A autora considerou os pontos de articulação das consoantes e os resultados mostraram que as labiais e velares favorecem [u], com .719 e .531, palatais e alveodentais favorecem [ɔ], com peso de .590 e .581, e posteriores e sibilantes

favorecem [o], com .538 e .373, respectivamente. Em relação às vogais anteriores, palatais, sibilantes e velares favorecem [i], posteriores, alveodentais e velares favorecem [ɛ], com .503, .498 e .459, respectivamente. As consoantes alveodentais, posteriores e labiais favorecem [e].

O contexto consonantal seguinte mostrou que sibilantes, labiais e palatais favorecem [u], com .784, .449 e .342, respectivamente. Consoantes posteriores (.800), alveodentais (.557) e velares (.545) favorecem [ɔ] e labiais (.448) e palatais (.336) favorecem [o]. Palatais, velares, alveodentais, labiais e sibilantes favorecem [i], posteriores favorecem [ɛ] e labiais (.405), alveodentais (.383) e sibilantes (.349) favorecem [e].

A variação é favorecida por contextos vocálicos imediatamente seguintes, independente da tonicidade, uma clara evidência do processo de assimilação.

Em relação aos grupos de fatores sociais, a hipótese de que a escolaridade atua como condicionador do comportamento variável das vogais médias pretônicas foi confirmada no dialeto bragantino, ou seja, os informantes com baixa escolaridade realizam mais elevações, enquanto que os mais escolarizados optam pela manutenção das vogais médias em contexto pretônico. A pesquisa também constatou que predomina a realização das variantes médias (manutenção), em detrimento do alteamento e do abaixamento.

Campos (2008) estudou a realização do alteamento <e> e <o> no português falado no Município de Mocajuba (PA), com base em amostra estratificada de 48 informantes. Para a pesquisa foi realizada uma rodada binária considerando vogais médias anteriores e posteriores na mesma rodada.

A autora utilizou em sua pesquisa, os seguintes grupos de fatores: a) tonicidade; b) vogal pré pretônica; c) vogal contígua; d) distância; e) atonicidade; f) consoante do onset; g) consoante do onset da sílaba seguinte; h) peso silábico; i) sufixos e como grupos extralinguísticos: a) sexo; b) escolaridade e c) faixa etária.

Os resultados obtidos com base nas rodadas no programa *Varbrul* tiveram como grupos selecionados: a) fonema vocálico da tônica (tonicidade); b) fonema vocálico da tônica, quando a pretônica é nasal; c) vogal contígua; d) atonicidade; e) consoante do onset; f) consoante do onset da sílaba seguinte; g) sufixo; e h) escolaridade.

Segundo os resultados, a presença de vogal alta /i/ (.75) e /u/ (.59) oral na sílaba tônica é determinante para a realização do alteamento e a presença da vogal baixa /a/ desfavorece completamente a aplicação do fenômeno (.40). A nasalidade na pretônica /e/ favoreceu a realização do alteamento, seguido da vogal /ɔ/ e /o/.

A distância entre a vogal tônica e pretônica se mostrou favorecedora, e teve como resultados as vogais altas imediatas /i/ e /u/ como favorecedoras do alteamento. As vogais não altas na tônica desfavorecem o fenômeno, com peso na ordem de .40.

O grupo consoante do *onset* mostrou que o *onset* vazio favorece o alteamento com peso de .86, já os demais contextos desfavorecem o mesmo. Resultado semelhante ao grupo consoante do *onset* da sílaba seguinte, onde a autora obteve .90 de favorecimento em virtude da presença do *onset* vazio, seguido do *onset* ramificado (.57) e *onset* dorsal (.520).

Os fatores sociais mostraram que a realização do alteamento está diretamente relacionada à baixa escolaridade do informante, em virtude dos informantes não escolarizados e com 1 a 4 anos de estudo realizarem mais o fenômeno, embora o fenômeno do alteamento ocorra em todos os níveis de escolaridade.

Ao final, a autora conclui que, em Mocajuba (PA), há ponto neutro nos resultados, em virtude da variável dependente ter apresentado .50 para o alteamento e .50 para a manutenção, o que a fez considerar como variação estável. A autora também aponta a assimilação como determinante e desencadeadora do alteamento das médias, assim como a presença de atonicidade permanente (no vocábulo primitivo e derivado) e a ausência de sufixos.

Sousa (2010) trata da variação no quadro de vogais médias pretônicas no município de Belém do Pará sob a ótica variacionista, com base em entrevistas coletadas de 48 informantes estratificados socialmente.

A pesquisa considerou duas variantes para vogais médias <e> e <o>, a saber: alta ([i] e [u]) e média alta ([e] e [o]). Teve como objetivo identificar qual das duas variantes apresenta maior ocorrência na capital Belém e quais processos estão envolvidos na ocorrência das variantes.

Os grupos de fatores linguísticos utilizados para a codificação e posterior processamento de dados no *Varbrul* foram os seguintes: a) natureza da vogal (pretônica) alvo: anterior ou posterior; b) fonema vocálico da tônica quando a pretônica é oral; c) fonema vocálico da sílaba tônica quando a pretônica é nasal ou nasalizada; d) vogal contígua à sílaba pretônica; e) distância da vogal pretônica para a sílaba tônica; f) atonicidade; g) sufixo (com vogal alta; sem vogal alta; sem sufixo); h) consoante do *onset*: coronal, dorsal, labial, *onset* vazio e *onset* ramificado; i) consoante do *onset* da sílaba seguinte; j) peso silábico em relação à sílaba da variável dependente (leve CV ou pesada VC).

Os resultados mostraram que, na capital Belém, há maior ocorrência de vogais médias fechadas, tanto anteriores (47%) quanto posteriores (44%), em seguida, de

vogais altas resultantes de alteamento (36% para anteriores e 37% para posteriores) em menor frequência. De acordo com a pesquisa, em Belém há maior probabilidade de ocorrer a vogal pretônica média fechada (.81).

O primeiro grupo de fatores selecionado, indicando qual o fonema vocálico da sílaba tônica quando a pretônica é oral, mostrou que vogais médias fechadas /o/, /e/ apresentaram maior probabilidade de ocorrência, com .89 e .70. Em seguida, vogais altas /i/ e /u/ figuram com peso relativo de .62 e .52 respectivamente.

A presença da nasalidade foi determinante para o favorecimento da manutenção das vogais médias, de modo que vogais tônicas /a/ (.78), /e/ (.75) e /ɛ/ (.64) somadas ao elemento nasal na pretônica elevam a probabilidade de ocorrência da manutenção. Segundo a autora, o abaixamento do véu palatino somado ao traço [+baixo] da vogal tônica pode ser considerado favorável à manutenção das médias pretônicas nasais, daí a justificativa para esses resultados.

O terceiro grupo selecionado na análise refere-se à distância em relação à sílaba tônica. Foram consideradas três distâncias: a) distância 1 – Ex.: s[e]rviçu; b) distância 2 – Ex.: cr[e]scimento; e c) distância 3 – Ex.: f[e]licidade. Os resultados mostraram que distâncias 2 e 3 são as que favorecem a manutenção das vogais médias, com .92 e .72 de peso relativo respectivamente. É possível dizer com base nesses resultados que quanto maior for a distância da pretônica em relação à tônica, maior é a probabilidade de manutenção das médias.

Dos grupos de fatores sociais, faixa etária e escolaridade foram selecionadas como relevantes. Os resultados referentes à escolaridade mostraram que os falantes com nível fundamental são os que mais realizam a manutenção das vogais médias (.61), enquanto que falantes não escolarizados (.47) ou com nível médio (.44) tendem a alternar entre a manutenção e o alteamento.

Os resultados referentes ao grupo de fatores faixa etária mostraram que os informantes com idade de 15 a 25 anos apresentaram maior probabilidade (.57) de manutenção das vogais médias, demonstrando que são os mais jovens os maiores responsáveis pela manutenção. Segundo a autora, isso se deve pelo fato dos mesmos estarem sob as “diretrizes do falar culto ensinado nas séries iniciais (nível fundamental)”.

A partir dos resultados dos trabalhos mencionados, iremos apresentar um quadro resumido referente à variação das vogais médias pretônicas no Brasil. Observemos o quadro que segue:

QUADRO 1

Resumo de fatores favorecedores da variação das vogais médias no Brasil

| Autor/localidade | Tipo de rodada | Grupos controlados | Fatores linguísticos selecionados | Fatores sociais selecionados |
|---|----------------|--|---|--|
| Bisol (1981) Rio Grande do Sul/RS | Binária | a) nasalidade; b) tônica; pretônica seguinte; c) distância; atonicidade; d) consoante precedente e seguinte; e) faixa etária e f) etnia. | Contiguidade da vogal alta; atonicidade. | Informantes mais velhos e metropolitanos realizam mais o alteamento |
| Schwindt (1995) Rio Grande do Sul/RS | Binária | a) contiguidade; b) homorganicidade; c) nasalidade; d) contexto fonológico precedente; e) contexto fonológico seguinte; f) tonicidade; g) localização morfológica; h) escolaridade; i) sexo; j) faixa etária e l) região. | Contiguidade; contexto precedente e seguinte; localização morfológica; tonicidade e homorganicidade | Informantes mais velhos e menos escolarizados realizam mais o alteamento |
| Yacovenko (1993) Rio de Janeiro/RJ | Binária | a) tipo de vogal tônica; b) distância; c) vogal átona subsequente; d) atonicidade; e) modo de articulação da consoante anterior e seguinte; f) ponto de articulação da consoante anterior e seguinte; g) tipo de sufixo da palavra; h) zona de residência; i) sexo e j) faixa etária. | Consoantes velares e laterais favorecem o alteamento de <e> e oclusivas e africadas favorecem o alteamento de <o> | Não houve fatores sociais selecionados |

| Autor/localidade | Tipo de rodada | Grupos controlados | Fatores linguísticos selecionados | Fatores sociais selecionados |
|---|----------------|--|--|---|
| Célia (2004) Nova Venécia/ES | Binária | a) realização da pretônica; b) nasalidade; c) distância; d) vogal tônica; e) pretônica seguinte; f) atonicidade; g) consoante precedente; h) consoante seguinte; i) tipo de sílaba e h) faixa etária. | Vogal média <e>, quando nasalizada favorece o alteamento; vogais altas na tônica favorecem o alteamento; bilabiais e palatais favorecem o alteamento de <e> e palatais e velares o alteamento <o>. Sílabas travadas favorecem a manutenção; a vogal média baixa ou baixa favorece o abaixamento. | Informantes mais velhos preferem mais o alteamento e os mais jovens realizam menos |
| Silveira (2008) Noroeste Paulista/SP | Binária | a) vogal da sílaba tônica; b) posição da vogal da sílaba pretônica em relação à sílaba tônica; c) vogal átona seguinte; d) segmento (consonantal) precedente; e) segmento (consonantal) seguinte; f) tipo de sílaba; g) nasalidade e h) grau de atonicidade da vogal pretônica. | A vogal tônica alta [i] favorece o alteamento e a vogal baixa [a] desfavorece; a distância contígua favorece o alteamento; segmentos labiais favorecem o alteamento e alveolares desfavorecem; em contexto seguinte, velares favorecem o alteamento de <e> e labiais e palatais o de <o>. | Informantes acima de 55 anos preferem mais o alteamento de <e> e os mais jovens o alteamento de <o> |

| Autor/localidade | Tipo de rodada | Grupos controlados | Fatores linguísticos selecionados | Fatores sociais selecionados |
|-------------------------------|----------------|--|--|--|
| Araújo (2007) Fortaleza/CE | Ternária | a) tipo de vogal acentuada; b) tipo de vogal átona seguinte; c) nasalidade; d) contexto fonológico precedente; e) contexto fonológico seguinte; f) tipo de sílaba; g) distância em relação à tônica; h) tipo de atonicidade da pretônica; i) estrutura morfológica da palavra; | A vogal alta tônica anterior (oral ou nasal) favorece o alteamento; consoantes labiais e velares favorecem a elevação, alveolares e aspiradas favorecem a manutenção; vogais baixas e não altas favorecem o abaixamento, assim como os segmentos alveolares, palatais e aspiradas; sílabas travadas favorecem o abaixamento. | Alteamento e abaixamento ocorrem tanto na fala dos mais escolarizados e dos menos escolarizados, assim como em todas faixas etárias |
| Silva (2009) Teresina/PI | Ternária | a) contiguidade; b) homorganicidade; c) paradigma; d) contexto fonológico precedente e seguinte; e) sexo/gênero; f) escolaridade; g) faixa etária. | As vogais médias abertas predominam; tônicas altas favorecem o alteamento, a média baixa e favorece o abaixamento; palatais favorecem o alteamento de <e> e velares favorecem o alteamento de <o>, em contexto seguinte, velares favorecem as anteriores e labiais, palatais e coronais favorecem as posteriores. | A manutenção é conduzida pelos mais jovens, ambos os sexos apresentaram ponto neutro no processamento estatístico e os menos escolarizados alteiam mais que os mais escolarizados. |

| Autor/localidade | Tipo de rodada | Grupos controlados | Fatores linguísticos selecionados | Fatores sociais selecionados |
|-------------------------------|----------------|--|---|--|
| Freitas (2001) Bragança/PA | Ternária | a) prefixação; b) tipo silábico; c) distância da sílaba tônica; d) vogal da sílaba seguinte; e) consoante; f) consoante seguinte; g) classe morfológica; h) faixa; i) sexo; j) escolaridade; e j) renda | Segmentos labiais, sibilantes e velares favorecem o alteamento; contiguidade; | Informantes mais velhos e com menor escolaridade realizam mais o alteamento |
| Campos (2008) Mocajuba/PA | Binária | a) natureza da vogal (pretônica); b) fonema vocálico da tônica quando a pretônica é oral; c) fonema vocálico da sílaba tônica quando a pretônica é nasal ou nasalizada; d) vogal contígua; e) distância; f) atonicidade; g) sufixo; h) consoante do onset; i) consoante do onset da sílaba seguinte; j) peso silábico. | Vogais tônicas altas [i] e [u] favorecem o alteamento e a vogal baixa [a] desfavorece; a contiguidade e atonicidade permanente favorecem o alteamento, assim como o onset vazio na sílaba da pretônica e na seguinte. | Informantes não escolarizados ou com pouca escolarização realizam mais o alteamento |
| Sousa (2010) Belém/PA | Binária | a) natureza da vogal (pretônica); b) fonema vocálico da tônica quando a pretônica é oral; c) fonema vocálico da sílaba tônica quando a pretônica é nasal ou nasalizada; d) vogal contígua; e) distância; f) atonicidade; g) sufixo; h) consoante do onset; i) consoante do onset da sílaba seguinte; j) peso silábico. | A nasalidade favorece a manutenção; a distância contígua favorece o alteamento; a ausência de sufixo favorece a manutenção, assim como o onset coronal e labial; sílabas pesadas CVC favorecem manutenção. | Informantes com nível fundamental realizam mais a manutenção, os não escolarizados os que possuem ensino médio realizam o alteamento e a manutenção; informantes mais jovens (15 a 25) realizam mais a manutenção. |

De acordo com o quadro 1, podemos observar que a maioria dos trabalhos utilizou a rodada binária como base e pesos relativos para a análise dos resultados. Apenas os trabalhos de Araújo (2007), Silva (2009) e Freitas (2001) utilizam rodadas ternárias. Os trabalhos apresentam arquivos de especificação distintos em termos de número de grupos e de fatores, mas apresentaram os seguintes grupos em comum: a) natureza da vogal tônica. b) distância; c) segmento do onset da pretônica; d) segmento do onset da sílaba seguinte; e) sexo; f) faixa etária e g) escolaridade.

Os trabalhos apresentaram os seguintes grupos de fatores linguísticos favorecedores em comum: a) presença de vogal alta na tônica favorecendo o alteamento; b) distância contígua favorecendo o alteamento a distância não contígua favorecendo a manutenção.

Os resultados comuns referentes à natureza do onset mostraram que em grande parte dos trabalhos temos as lábias (ou bilabiais) e velares atuando no favorecimento do alteamento de [i] e velares favorecendo [u]. A manutenção é favorecida principalmente quando temos sílabas travadas e a presença de segmentos alveolares. O abaixamento de <e> e de <o> apresentou favorecimento principalmente quando há presença de alveolares, palatais e sílabas travadas.

Os fatores sociais apresentados nas pesquisas mostram que informantes mais velhos preferem a variante alta e os mais jovens a manutenção. A escolaridade também é fator favorecedor e a maioria das pesquisas aponta que informantes com baixa escolaridade possuem maior probabilidade de apresentar alteamento e a maior escolaridade favorece a manutenção.

Considerando todos os trabalhos aqui apresentados podemos afirmar que é comum o fato da presença de vogal alta na tônica favorecer a elevação, somado ao fator contiguidade. As pesquisas mostraram as labiais atuando na elevação de <o> e velares e palatais elevando <e>. Para os grupos sociais, grande parte as pesquisas mostraram os informantes do sexo masculino, mais velhos e com baixa escolaridade, preferindo a realização de [i] e de [u]. Dentre as pesquisas que abordaram o uso das variantes [ɛ] e [ɔ] ficou evidente a atuação da vogal baixa /a/ ou pelas médias baixas /ɛ/ e /ɔ/ favorecendo o abaixamento da pretônica.

No próximo capítulo, iremos apresentar a metodologia utilizada na pesquisa com enfoque para o a constituição da amostra, dados socioeconômicos das capitais da região Norte e o processamento estatístico no pacote de programas *Varbrul*.

2 METODOLOGIA

No presente capítulo, detalharemos a metodologia aplicada na pesquisa. Realizaremos uma breve exposição sobre a sociolinguística variacionista. Também descreveremos o processamento estatístico informatizado no programa *Varbrul*, explicitando todos os procedimentos e escolhas adotadas na presente pesquisa.

2.1 A sociolinguística laboviana

A sociolinguística surge em meados dos anos de 1960, na época em que os estudos gerativistas ganhavam força e a linguística estruturalista (na sua vertente bloomfieldiana) estava em declínio. Como campo do conhecimento, a sociolinguística já havia desenvolvido suas bases (com Meillet e Saussure, por exemplo), embora ainda não estivesse devidamente constituída como ramo dos estudos linguísticos que estuda a relação entre língua e sociedade. Para Labov (1972), “a mudança linguística não é um tema novo, novo é o seu estudo à luz do modelo variacionista”, daí a necessidade de se constituir um ramo específico que estude a variação linguística.

Os estudos sociolinguísticos tinham como objetivo estudar a língua dentro de sua manifestação social, com base em dados de fala reais, daí a utilização de corpus, de modo a chegar à sistematização da variação. Sistematizar a variação significa encontrar padrões de uso das variantes (possibilidades de se dizer a mesma coisa de modos diferentes), assim como regularidades e tendências.

Para a devida sistematização da variação, a sociolinguística se utiliza de modelos estatísticos para o tratamento de dados, com o intuito de indicar a relevância de fatores linguísticos ou não com base nas ocorrências e probabilidades numéricas. Por conta da utilização de números, a sociolinguística variacionista é também chamada de linguística matemática.

2.1.1 Variedade, variante e regra variável

Na sociolinguística laboviana, podemos encontrar três conceitos que indicam o objeto e os objetivos dessa área do conhecimento: variedade, variante e regra variável. São conceitos básicos nos quais apoiamos a natureza da pesquisa aqui apresentada.

De Norte a Sul do país é possível observar peculiaridades na forma de falar dependendo do local, diferenças que marcam determinadas variedades do português. Portanto, o português falado no Pará não é exatamente igual ao português falado no sul de Minas Gerais e mesmo dentro do Pará, o falante das ilhas que circundam Belém apresentam diferenças dialetais do português falado em Marabá, sudeste do Pará. Labov (1972), ao tratar da variação na fala disse que:

É comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer a mesma coisa. Algumas palavras como carro e automóvel parecem ter os mesmos referentes; outras têm duas pronúncias como cantando e cantano. Existem opções sintáticas como Uma pessoa que eu confio muito vs. Uma pessoa em quem eu confio muito ou É fácil para ele falar vs. Para ele falar é fácil. Em cada um destes casos, temos o problema de decidir o lugar desta variação na estrutura linguística. (p.221)

Podemos dizer que mesmo sendo a língua única oficial do Brasil e, portanto, única e bem distante do português europeu, a língua portuguesa é heterogênea e os falantes, dependendo da cidade, da idade, da escolaridade se utilizam de variantes, ou seja, modos de dizer a mesma coisa de maneiras diferentes.

A variação linguística, definida por Guy & Zilles (2007) como a “alternância entre dois ou mais elementos linguísticos” é a razão pela qual se realizam pesquisas sob a ótica da sociolinguística quantitativa e a partir da análise variacionista é possível chegar à construção da regra variável. A regra variável é importante para a elucidação de fatos linguísticos, pois se utiliza da metodologia da quantificação para se chegar às regularidades e padrões internos da língua.

2.2 Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

A presente pesquisa está ligada ao Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), projeto que forneceu os dados para a realização deste estudo. A metodologia de pesquisa do referido projeto leva em consideração: a) faixa etária de 18 a 30 anos, e de 50 a 65 anos; b) sexo/gênero: masculino e feminino; c) nível de escolaridade: ensino fundamental e ensino superior (apenas para as capitais).

O quadro geral de pontos de inquérito ficou assim configurado: Região Norte, 23 pontos; Região Nordeste, 71 pontos; Região Sudeste, 79 pontos; Região Sul, 41 pontos e Região Centro-oeste, 21 pontos.

Os questionários utilizados para os inquéritos do projeto são: Questionário Semântico Lexical (QSL), 15 áreas semânticas e 207 questões; Questionário Fonético-fonológico (QFF), 159 questões, além de 11 questões de prosódia; Questionário

Morfossintático. Além desses, há questões referentes à pragmática, bem como sugestões de temas para registro de discursos semidirigidos e questões de natureza metalinguística e texto para leitura.

Atualmente, o Atlas Linguístico do Brasil já atingiu 80% das localidades visitadas e 89,1% dos informantes inquiridos, restando apenas 30 localidades para a finalização dos trabalhos que está prevista para o ano de 2012 a elaboração das cartas referentes às capitais, a fim de mostrar a distribuição geossociolinguística das variações identificadas.

Para a presente pesquisa foram utilizados apenas os dados do QFF e QSL, pelo fato de esses questionários apresentarem contextos específicos em que figuram as variáveis em estudo, especialmente o QFF.

2.3 A amostra estratificada

Foram utilizados como fonte de dados para a pesquisa o Questionário Fonético-fonológico (QFF) e o Questionário Semântico Lexical (QSL), pelo fato de apresentarem os itens lexicais contendo tanto vogais médias pretônicas anteriores, quanto posteriores, o que totalizou 33 itens esperados para o QFF e 37 itens esperados para o QSL. Entretanto, utilizamos tanto esses contextos quanto os não esperados, os que surgem quando o entrevistado tenta responder a pergunta que foi feita pelo entrevistador. Abaixo, podemos observar os itens lexicais referidos, assim como a sua localização numérica no QFF e no QSL:

QUADRO 2
Itens lexicais do Questionário Fonético-Fonológico (QFF).

| ITENS LEXICAIS (QFF) | | | |
|----------------------|----------------|-----------------|-----------------|
| <e> | | <o> | |
| terreno (002) | mentira (106) | gordura (022) | colegas (085) |
| televisão (004) | pecado (109) | colher (025) | borracha (087) |
| fervido (027) | pescoço (113) | tomate (030) | Soldado (093) |
| cebola (029) | ferida (123) | botar (036) | inocenti (104) |
| elefante (049) | perfume (144) | bonito (037) | precissão (107) |
| remando (052) | presente (145) | montar (043) | coração (119) |
| seguro (074) | perdida (150) | borboleta (046) | sorriso (147) |
| pernambucano (092) | - | começo (082) | dormindo (148) |
| perguntar (152) | - | morreu (159) | - |

De acordo com o quadro 2 para o QFF foram utilizados 17 contextos para o estudo da variação de <e> e 17 contextos para o estudo de <o>. Para o QSL, foram considerados 22 contextos para <e> 15 para a variável <o>, como podemos observar no quadro 3 abaixo:

QUADRO 3

Lista de itens lexicais do Questionário Semântico-Lexical (QSL)

| ITENS LEXICAIS (QSL) | | | |
|------------------------------------|----------------|--------------------|---------------------|
| <e> | | <o> | |
| relâmpago (008) | menino (132) | trovão (010) | prostituta (142) |
| temporal/tempestade/vendaval (012) | menina (133) | novembro (034) | porronca (145) |
| nevoeiro/neblina (021) | falecido (135) | forquilha (054) | bolinha (156) |
| crepúsculo (026) | medalha (153) | colibri (065) | lombada (195) |
| fevereiro/setembro/dezembro (034) | presépio (154) | conjuntivite (095) | bodega/boteco (202) |
| mexerica (039) | ferrolho (163) | solução (103) | - |
| pernilongo (088) | semáforo (194) | corcunda (107) | - |
| desdentado (100) | terreno (199) | vomitado (112) | - |
| perneta (114) | - | tornozelo (118) | - |

A amostra utilizada na investigação levou em consideração as capitais da região Norte do Brasil, a saber: Belém (PA), Manaus (AM), Rio Branco (AC), Porto Velho (RO), Macapá (AP), Boa Vista (RR). Os informantes foram estratificados segundo faixa etária, sexo e escolaridade. A distribuição de informantes ficou disposta na tabela 1:

TABELA 1
Amostra estratificada utilizada na pesquisa para as seis capitais da Região Norte do Brasil

| Faixa Etária | Sexo | Escolaridade |
|---------------------|-------------|---------------------|
| 18 a 30 | Masculino | Fundamental (1) |
| | | Superior (1) |
| | Feminino | Fundamental (1) |
| | | Superior (1) |
| 50 a 65 | Masculino | Fundamental (1) |
| | | Superior (1) |
| | Feminino | Fundamental (1) |
| | | Superior (1) |

Todas as células foram compostas por dois informantes, estratificados por sexo (masculino e feminino), idade (18 a 30 e 50 a 65 anos) e escolaridade (fundamental e superior), totalizando para cada capital 8 informantes e a soma total de informantes foram de 48 informantes para a região Norte do Brasil.

2.4 Comunidades pesquisadas

A pesquisa partiu de dados de informantes de seis capitais da região Norte, a saber: Rio Branco (AC), Macapá (AP), Belém (PA), Porto Velho (RO), Boa Vista (RR) e Manaus (AM). A única capital desconsiderada foi Palmas (TO), por ter sua constituição territorial e ocupação recente (a capital do Estado do Tocantins foi fundada em 1989), o que comprometeria a amostra estratificada. Na tabela abaixo, podemos conferir o ano de fundação, a população atual, segundo o IBGE e a extensão territorial de cada capital investigada.

TABELA 2

População, extensão territorial e ano de fundação das capitais da região Norte do Brasil

| Capital | Fundação | População | Homens | Mulheres | Extensão territorial |
|------------------|-----------------|------------------|---------------|-----------------|-----------------------------|
| Belém (PA) | 1616 | 1.393,399 hab. | 659.008 | 734.391 | 1.059,402 km |
| Manaus (AM) | 1669 | 1.832,423 hab. | 879.742 | 922.272 | 11.401,058 km |
| Boa Vista (RR) | 1725 | 284.313 hab. | 140.801 | 143.512 | 5.678,022 km |
| Macapá (AP) | 1758 | 398.204 hab. | 195.613 | 202.591 | 6.408,517 km |
| Rio Branco (AC) | 1882 | 336.038 hab. | 163.592 | 172.446 | 8.835,675 km |
| Porto Velho (RO) | 1943 | 428.572 hab. | 217.618 | 210.909 | 34.096,229 km |

Fonte: IBGE.

Cada capital possui na amostra, (8) informantes estratificados socialmente (sexo, faixa etária e escolaridade), totalizando 48 informantes. Com a amostra é possível investigar a distribuição do alteamento, manutenção e abaixamento de <o> e de <o>. As informações históricas e socioeconômicas sobre as capitais da região Norte estão dispostas em ordem de fundação.

2.4.1 Belém (PA)

Segundo Tavares (2008), a ocupação de Belém coincide com o início do processo de ocupação da Amazônia, antes um imenso território ocupado principalmente por indígenas, mas que era alvo de invasões francesas e holandesas, o que motivou o início da ocupação portuguesa no extremo norte, não é a toa que a primeira construção que marcaria a presença portuguesa foi o Forte do Presépio.

Durante o século XVIII foram fundadas 62 freguesias a partir de aldeias e missões jesuíticas, que posteriormente após a expulsão dos jesuítas foram elevadas à categoria de vilas. As reformas pombalinas tiveram forte influência na constituição indenitária da população amazônica, pois os índios foram libertados, a miscigenação entre índios e portugueses foi estimulada, a língua portuguesa como idioma oficial foi aceita, além da introdução da mão de obra escrava na região.

No século XIX, em virtude da Independência de 1822, que não foi efetiva no Pará ocorreu o movimento popular chamado Cabanagem. O movimento teve forte inspiração em ideias republicanas e ocorreu devido a graves problemas socioeconômicos, que empobreceram a população formada principalmente por índios, escravos e a minoria de portugueses.

Na segunda metade do século XIX, por ocasião do ciclo da borracha, o quadro de estagnação econômica deu espaço para os tempos áureos, que de fato não enriqueceu o Estado, pelo fato do acúmulo de riquezas se concentrarem em Belém e Manaus, esse período é conhecido como *belle époque*, pois se tentava reproduzir o estilo Europeu nos costumes e construções das duas principais cidades amazônicas.

Com o aumento da demanda internacional, decorrente do desenvolvimento do processo de vulcanização, a produção de borracha oriunda dos seringais teve que ser aumentada e para isso a migração nordestina foi incentivada para atuar como mão de obra barata.

Com o declínio do ciclo da borracha, Belém entra em um período de decadência e passou a ser o centro comercial e financeiro de uma economia baseada na agricultura. Só a partir da década de 50 do século XX, com a criação de projetos de integração, como a construção da Belém-Brasília, que o um novo movimento populacional em busca de terras e oportunidades para se estabelecer com isso novos contingentes de migrantes nordestinos e do centro-oeste do Brasil constituíram a população atual do estado e da capital.

2.4.2 Manaus

No final do século XIX, Manaus passa a ter maior importância quando em 1872 dá-se a abertura do rio Amazonas para navegação internacional e a capital, já desmembrada da Província do Amazonas do Pará, passa a ter infraestrutura urbana, semelhante à capital Belém.

De acordo com Daou (2004), a povoação de Fortaleza de São José do Rio Negro foi tardia se comparado à Belém, de modo que a capital Manaus só ganhou visibilidade no ápice do ciclo da borracha. Manaus teve um crescimento populacional considerável no fim do século XIX.

A cidade de Manaus sofreu grande alteração no espaço urbano entre 1892 e 1896, durante a administração de Eduardo Ribeiro, com a implantação de rede de esgoto, iluminação pública, pavimentação, rede de bondes, etc.

Após o fim do ciclo da borracha, Manaus passou a ser alvo de intensa migração em virtude dos projetos de desenvolvimento da Amazônia, em especial após a implantação da Zona Franca de Manaus, que fez com que Manaus tivesse o maior crescimento populacional da região Norte e o 12º maior conglomerado urbano do Brasil, grande parte desses migrantes vieram de outras regiões da Amazônia, do Nordeste e Centro Sul do Brasil.

2.4.3 Macapá (AP)

No século XVIII, o então administrador Francisco Xavier de Mendonça Furtado (irmão do secretário de Estado do Reino Português Marques de Pombal e Governador Geral da Capitania do Grão-Pará, englobando Pará, Maranhão e a Capitania de São José do Rio Negro) foi enviado em missão em direção ao Norte para finalizar a fortificação do Cabo Norte ou Costa do Macapá em resposta à constante ameaça de invasão de corsários franceses, motivo pelo qual a demarcação do território foi efetuada.

De acordo com Costa & Sarney (2004), o início da ocupação do atual Estado do Amapá se iniciou no século XVIII, principalmente após a invalidação do Tratado de Tordesilhas junto a Espanha, tomando como princípio o *uti possendis*, ou seja, prevaleceria o uso da ocupação. Esse ato foi posteriormente agregado ao conjunto de reformas instituídas pelo déspota Marques de Pombal, em 1755, dentre as quais se destaca o envio de Mendonça Furtado para ser governador do Pará, com o objetivo de povoar as missões do Cabo do Norte, defender militarmente a região da presença francesa e holandesa, reparar e construir novas fortalezas militares na costa de Macapá.

O primeiro núcleo habitacional se deu no entorno de Macapá, em 1776, quando Marques de Pombal decidiu criar uma Vila na foz do Anaueraucu (Mazagão) para receber 163 famílias negras vindas da costa do Marrocos, na África.

Após vários conflitos, tentativas de ocupação francesa e de tratados territoriais não ratificados, o Amapá teve um novo ciclo de ocupação no início do século XX, de remanescentes e descendentes das antigas vilas.

2.4.4 Rio Branco (AC)

O município de Rio Branco, capital do Acre se originou na ocasião da chegada do seringalista Neutel Maia em 1882, que veio para atuar junto aos trabalhadores na produção de borracha na margem direita do Rio Acre, onde se deu as primeiras ocupações em áreas antes ocupadas pelos Aquiris (tribo que deu origem ao nome do Estado), Canamaris e Maneteris.

De acordo com Oliveira (1980), a ocupação territorial do Acre e consequentemente de sua capital, Rio Branco, remonta a segunda metade do século XIX, de modo que, com exceção dos grupos indígenas que já ocupavam o espaço territorial, foi realizada por migrantes do sertão nordestino, que se deslocaram movidos pelo aumento do interesse internacional pela borracha, matéria-prima indispensável para a indústria automobilística da época.

Esses migrantes arregimentados, principalmente como força de trabalho, para a então indústria da borracha, mesmo após o declínio da produção da borracha e “esvaziamento” populacional, parte dessa população de migrantes se fixou no Acre.

Os antigos seringais que deixaram de produzir borracha passaram a ser incorporados ao latifúndio, de modo que a disponibilidade de terras improdutivas impulsionou um segundo ciclo de ocupação, principalmente de contingentes populacionais do Centro-Oeste (Mato Grosso e Goiás) e do Pará. Essa nova ocupação fez com que o território do acreano fosse alvo de especulação fundiária, impulsionados principalmente pela formação de projetos agropecuários, madeireiros e de extração mineral.

As gerações posteriores de migrantes do sertão nordestino, expropriados de suas terras, antes pertencentes à cadeia de produção da borracha, teve que migrar internamente em direção a capital Rio Branco, que antes possuía uma infraestrutura administrativa e de serviços reduzida, passou a receber grandes levas de migrantes, o que gerou um forte êxodo rural e consequentemente o crescimento populacional acima das taxas nacionais, na capital do Estado do Acre.

2.4.5 Boa Vista (RR)

O primeiro passo para a ocupação territorial se deu por ocasião da viagem de Pedro Teixeira pelo rio Amazonas no século XVII, no entanto, somente no século XVIII os portugueses dominaram o território efetivamente a partir da militarização da região, com o intuito de consolidar núcleos habitacionais de nativos, para resguardar a região de possíveis invasões estrangeiras.

Segundo Barbosa (1993), “ao final do século XVIII a população local havia declinado, alguns desapareceram e os remanescentes reduziram-se a poucas moradias”. A dificuldade de acesso à região fez com que as terras ficassem sob a responsabilidade de militares e de poucos núcleos habitacionais, que criavam gado, a única atividade econômica até então.

Os primeiros migrantes que surgiram na região eram oriundos do Nordeste da própria região Norte, no entanto, a região de Roraima ainda sofria de um baixo índice demográfico. Só a partir de 1877, com o ápice do ciclo da borracha, que a bacia do rio Branco teve um aumento populacional, principalmente de nordestinos, embora em menor intensidade, se comparado aos estados do Pará, Amazonas e Acre.

A atividade mineral teve bastante influência no fluxo migratório no início do século XX, embora não tenha sido suficiente para aumentar consideravelmente o índice populacional. Em 1926, quando a Vila de Boa Vista do Rio Branco foi elevada à categoria de cidade, o governo amazonense tentou fazer ligação por terra entre Boa Vista e Manaus.

Em 1946, o Governo Federal criou o Território Federal do Rio Branco com o intuito de garantir o domínio nacional a partir do povoamento de seu vasto território, no entanto, a dificuldade de acesso, além da falta de infraestrutura de serviços fez com que a iniciativa do governo não fosse totalmente efetiva.

A última tentativa do governo federal de ocupar a região se deu a partir da implantação de colônias agrícolas nas proximidades da capital, de modo que no censo de 1960 a estado já possuía 28.304 habitantes, com taxas médias de crescimento anual de 4,65%, abaixo dos índices da região Norte (39,2%). A facilidade de obtenção de terras incentivada pelo governo e o aumento do tráfego aéreo permitiu que o estado de Roraima e a capital Boa Vista saíssem de seu isolamento em relação ao restante do Brasil.

2.4.6 Porto Velho (RO)

A capital do estado de Rondônia situada na margem direita do Rio Madeira foi um importante ponto de partida e chegada de navios e foi onde começou a instalação da estação inicial da ferrovia Madeira Mamoré Railway, o que gerou um surto populacional por conta das obras. O núcleo habitacional criado, assim como o porto fluvial, integrou o que seria o futuro município de Porto Velho.

O território que compõe o atual estado de Rondônia sofreu o mesmo processo de ocupação da qual outras localidades amazônicas durante o século XVIII, a ocupação jurídica e militar, por ocasião do Tratado de Madri, a ocupação religiosa e a última econômica.

Segundo Nunes (1996), no fim do século XIX, por volta de 80 mil migrantes Nordestinos aportaram no estado de Rondônia, para atuarem como mão de obra para o primeiro ciclo da borracha, especialmente nos vales do Rio Madeira, Guaporé, Ji-Paraná, Machado, Jamari e Candeias. Parte dessa mão de obra foi direcionada para a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, quando a economia da borracha já estava em decadência.

Durante a primeira metade do século XX, o território de Rondônia era praticamente um vazio demográfico, já que a estagnação econômica fez com que grandes contingentes de mão de obra deixassem o território do Guaporé, posteriormente chamado de Território Federal de Rondônia (1956).

Na década de 50 do século XX, com início da lavra manual de cassiterita, que durou até 1970 e que incrementou o crescimento demográfico da região, o que gerou sérios problemas socioeconômicos, dentre os quais a disputa pela terra. É importante salientar, que o próprio Governo Federal incentivou o fluxo migratório por meio de propagandas do “novo Eldorado”. A segunda metade do século XX foi marcada pela ocupação efetiva do estado, principalmente na capital Porto Velho.

Na figura 1 temos o mapa político dos estados e de suas respectivas capitais da região Norte do Brasil:

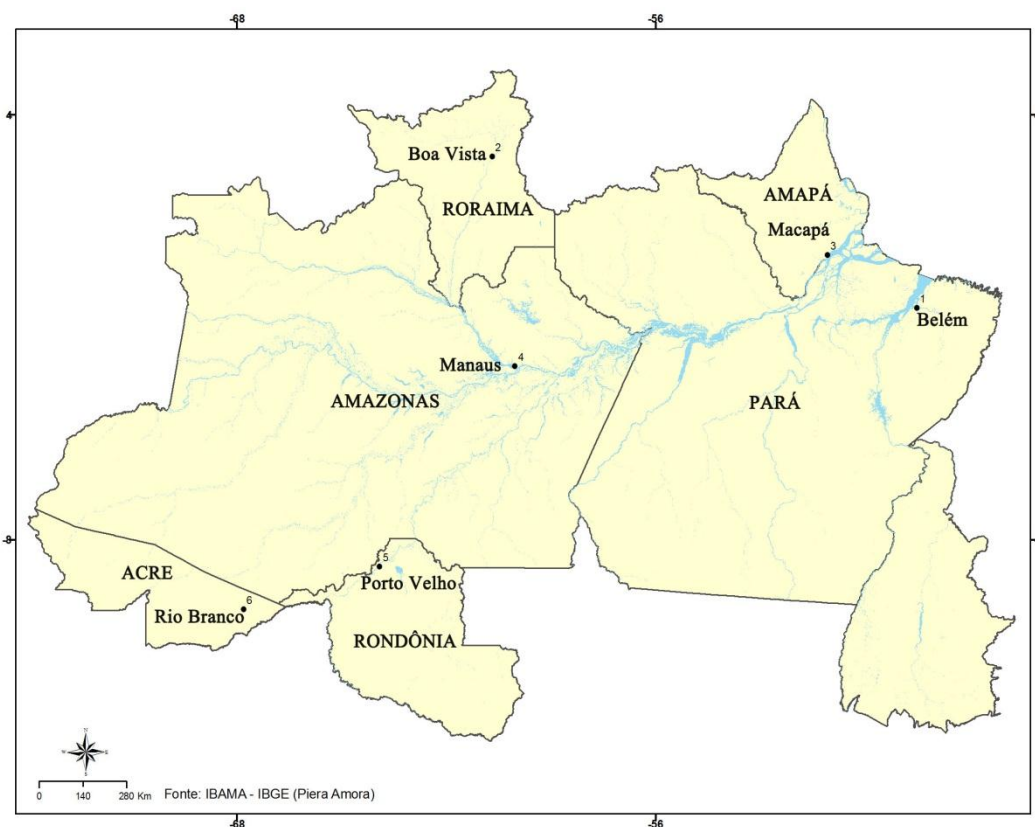


Figura 1: Mapa político das capitais da região Norte do Brasil.

No item 2.5 iremos apresentar a definição das variáveis, tanto da variável dependente, quanto das variáveis independentes elencadas para a pesquisa. É importante lembrar que para a variável dependente, optamos pela separação das vogais médias pretônicas anteriores e posteriores. As variáveis independentes representam o conjunto de hipóteses levantadas previamente e que podem nortear os resultados das rodadas.

2.5 Definição de Variáveis

2.5.1 Variável Dependente

A variável dependente utilizada na pesquisa foi composta por três possibilidades para a vogal anterior <e>: a) alteamento da vogal média pretônica [i]; b) manutenção da vogal média pretônica [e]; c) abaixamento da vogal média pretônica [ɛ] e três possibilidades para a vogal posterior <o>: d) alteamento da vogal média pretônica [u]; e)

manutenção da vogal média pretônica [o] e f) abaixamento da vogal média pretônica [ɔ]. O quadro de variantes da variável dependente ficou assim disposto:

QUADRO 4

Quadro da variável dependente e suas variantes

| Variável Dependente | Variantes da variável Dependente | Exemplos |
|---------------------|----------------------------------|--------------|
| <e> | [i] | m[i]nino |
| | [e] | t[e]mpestade |
| | [ɛ] | p[ɛ]cado |
| <o> | [u] | c[u]lher |
| | [o] | g[o]rdura |
| | [ɔ] | c[ɔ]ração |

Foi necessário separar vogais anteriores e posteriores, pois julgamos necessário verificar se os fatores que favorecem ou desfavorecem [i], [e], [ɛ] ou [u], [o] e [ɔ] são os mesmos ou não. Para justificar essa escolha tomamos como base o trabalho de Bisol (1981), que apontou condicionamentos diferentes para vogais anteriores e posteriores, daí a importância de se executar rodadas ternárias separadas considerando a vogal média pretônica anterior <e> e a vogal média pretônica posterior <o>.

2.5.2 Variáveis Independentes

A seguir, detalharemos as variáveis independentes que representam nossas hipóteses e que podem favorecer ou não os processos envolvidos na variação das médias pretônicas. As variáveis independentes se configuram em grupos de fatores no processamento estatístico informatizado.

2.5.2.1 Fonema vocálico da tônica

A primeira variável independente instituída na investigação se refere à qualidade do fonema vocálico da sílaba tônica. O objetivo é mostrar quais vogais favorecem mais a realização de cada variante e quais são aquelas que a desfavorecem. A testagem desse grupo pode apontar se as vogais altas tônicas favorecem o alteamento, se as vogais médias tônicas favorecem a manutenção e se vogais baixas favorecem o abaixamento.

Para o grupo de fatores fonema vocálico da tônica foram instituídos os seguintes fatores:

- 1) vogal alta anterior [i];
- 2) vogal alta posterior [u];
- 3) vogal média alta anterior [e];
- 4) vogal média alta posterior [o];
- 5) vogal média baixa anterior [ɛ];
- 6) vogal média baixa posterior [ɔ];
- 7) vogal baixa [a].

Consideramos para pesquisa, vogais tônicas independentes da natureza oral ou nasal, por considerarmos que o caráter nasal, por ter peculiaridades, deva ser tratado em um estudo separadamente.

2.5.2.2. Distância entre vogal da sílaba tônica e pretônica

O grupo distância relativo à sílaba tônica é um grupo amplamente utilizado nos trabalhos anteriores e tem por objetivo identificar em que medida a distância entre a sílaba em que se encontra a variável dependente e a sílaba tônica interfere na realização de determinada variante.

Para esse grupo foram testadas apenas duas distâncias: a) distância contígua: como em t[o]mati, em que temos a distância contígua em relação à tônica; e b) distância não contígua: como em pr[o]cissão, em que temos a distância de 1 (uma) sílaba em relação à tônica, de 2 sílabas como em t[e]levisão, quando a distância estiver na ordem de 2 (duas) ou mais sílabas.

2.5.2.3 Segmento do *onset* da sílaba da vogal pretônica

O estabelecimento do grupo de fatores referente ao segmento do *onset* teve por objetivo avaliar quais segmentos possuem influência na aplicação das regras de abaixamento ou alteamento. Foram considerados os segmentos apresentados no quadro 5:

QUADRO 5

Quadro geral de segmentos do *onset* da sílaba da vogal pretônica.

| | | |
|-------|-------|-------|
| [p b] | [n] | [k g] |
| [f v] | [t d] | [R] |
| [m] | [s z] | |
| | [l] | |
| | [ʃ ʒ] | |

2.5.2.4 Segmento do *onset* da sílaba seguinte à vogal pretônica

Assim como o segmento do *onset* da sílaba da pretônica, o segmento da sílaba seguinte também foi levado em consideração como grupo de fatores. O objetivo é avaliar a atuação do *onset* do segmento da sílaba que segue a pretônica sobre a variação das médias em estudo. No quadro abaixo, estão os segmentos considerados na pesquisa:

QUADRO 6

Quadro geral de segmentos do *onset* da sílaba seguinte a vogal pretônica

| | | |
|-------|-------|-------|
| [p b] | [n] | [k g] |
| [f v] | [t d] | [R] |
| [m] | [s z] | [ʎ] |
| | [l] | [ɲ] |
| | [ʃ ʒ] | |
| | [r] | |

2.5.2.5 Classe morfológica

O único grupo de fatores morfológico usado na pesquisa se refere à classe morfológica do item lexical. Para a pesquisa foram considerados substantivos, adjetivos e verbos por serem as classes presentes nos questionários fonético-fonológico (QFF) e

semântico-lexical (QSL). O objetivo da escolha desse grupo se justifica pelo fato de a natureza morfológica do item lexical poder explicar os processos de variação das médias pretônicas.

2.5.2.6 Tipo de questionário

O grupo que trata da natureza do questionário aplicado foi considerado com o intuito de atestar se o grau de formalidade interfere na escolha de determinadas variantes. Foram utilizados na pesquisa dois tipos de questionário: a) Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e b) Questionário Semântico-Lexical (QSL). O primeiro questionário possui grau de formalidade maior em relação ao QSL na nossa avaliação.

2.5.2.7 Sexo do informante

O primeiro grupo social levado em consideração na pesquisa se refere ao sexo do informante e considera informantes do sexo masculino e feminino. A finalidade do grupo é avaliar a influência dessa variável social na realização dos fenômenos que envolvem a pauta pretônica e verificar indícios que apontem regras de uso. No total foram levados em consideração quatro (4) informantes do sexo masculino e (4) quatro do sexo feminino por capital.

2.5.2.8 Escolaridade do informante

Para a pesquisa foi levada em consideração a escolaridade do informante de modo que apenas informantes escolarizados fizeram parte da amostra (com base na organização amostral do Atlas Linguístico do Brasil) (4) quatro informantes com o Ensino Fundamental e (4) quatro com o Ensino Superior.

A escolha do grupo de fatores referente à escolaridade se deu pela necessidade de verificar se a escolaridade é relevante para a realização das variantes encontradas. O processo de escolarização e, conseqüentemente, o contato com a língua na sua modalidade escrita pode ter papel relevante na variação das vogais médias pretônicas.

2.5.2.9 Faixa etária do informante

O grupo referente à faixa etária do informante também foi elencado para elucidar se há ou não relação entre a faixa etária do informante e a realização das variantes, além de apontar possíveis tendências linguísticas. Para a pesquisa foram consideradas duas faixas de idade: a) 18 a 30 anos e b) 50 a 65 anos.

A primeira faixa etária inclui informantes jovens (18 anos) e de idade intermediária (30 anos), enquanto que a segunda faixa etária abarca informantes com idade acima da intermediária (50 anos) até informantes da terceira idade (65 anos).

2.5.2.10 Procedência do informante

O último grupo social elencado na pesquisa se refere à procedência do informante. Consideramos seis capitais da região Norte do Brasil, a saber: Belém (PA); Manaus (AM) Macapá(AP); Rio Branco(AC); Porto Velho (RO) e Boa Vista (RR). A capital do Estado do Tocantins, Palmas não foi considerada, por conta de sua constituição recente (1989) não possui informantes que atendam às necessidades da nossa amostra (os informantes devem ser nascidos na capital e não terem se deslocado para outras regiões, o que não é o caso da capital Palmas).

O grupo pode nos indicar as fronteiras dialetais da região Norte do Brasil, assim como as capitais responsáveis pelo maior ou menor uso das variantes estudadas.

2.6 Tratamento estatístico dos dados

Com o corpus formado para a o estudo das vogais médias pretônicas nas capitais da região Norte, realizou-se a transcrição grafemática dos itens lexicais previamente selecionados a partir do uso do software de transcrição *Transcriber*, como podemos observar na figura 2:

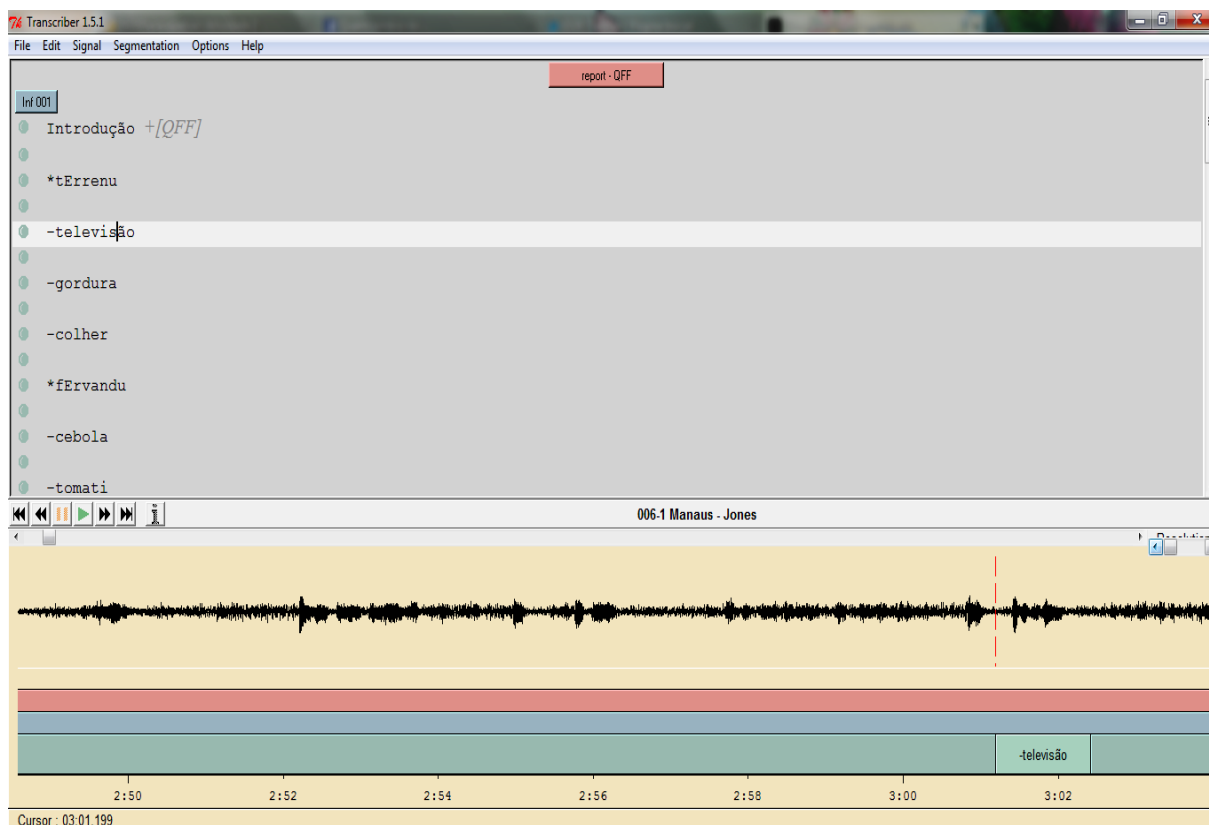


Figura 2: Exemplo de transcrição grafemática no programa *Transcriber*

Após a transcrição de todas as gravações, foi gerado um arquivo de dados transcritos para servir de entrada para o programa de análise de regras variáveis *Varbrul*, de modo que os itens lexicais que apresentaram alteamento foram sinalizados com o sinal positivo (+), aqueles que apresentaram a manutenção das médias foram sinalizados com o sinal negativo (-) e os que apresentaram abaixamento foram marcados com o sinal asterisco (*), como podemos observar na figura 3:



Figura 3: Exemplo de arquivo de dados introduzido no programa *Varbrul*

A transcrição dos itens lexicais contendo vogais médias pretônicas <e> e <o>, gerou 1127 dados para a vogal média pretônica <e> e 995 dados para a vogal média pretônica <o>.

A análise quantitativa variacionista foi realizada por meio do uso do programa de regras variáveis *Varbrul* que gera percentuais e pesos relativos capazes de apontar uma tendência ou regras de variação. O programa tem como base o modelo proposto por Labov (1972), que atua com grupos de fatores que podem (ou não) explicar determinada variável dependente a partir de um logaritmo.

Foi criada uma lista com os grupos de fatores contendo variáveis linguísticas e não linguísticas, a qual se chamou de arquivo de especificações (ESP). A partir desse

arquivo de especificações (ver anexo) cada fator recebeu um código que serviu para identificá-lo na codificação. Convencionamos sinalizar a ocorrência do alteamento com o sinal positivo (+), a manutenção com o sinal negativo (-) e o abaixamento com sinal asterisco (*).

Após a codificação e transferência dos dados, foi gerado pelo programa um arquivo dat chamado também de arquivo de dados. É importante ressaltar que o programa só consegue realizar as etapas subsequentes após a devida correção de erros de codificação a partir do uso do programa CHECKTOK, como, por exemplo, a presença de fatores ilegais, isto é, se um grupo de fatores possui os fatores 1, 2, 3 e o pesquisador por engano atribuiu o código numérico 4 a esse grupo, pode-se considerar esse código ilegal, quando o pesquisador insere um código para um grupo ainda não estabelecido.

Realizada as devidas correções, passamos a 2ª etapa do processamento de dados que é a geração do arquivo de ocorrências a partir do uso do READTOK para em seguida submeter o arquivo ao programa MAKECELL que gera o arquivo de células e aponta os primeiros resultados em termos de frequências, além de mostrar os nocautes (resultado categórico: 0 ou 100%, o que representa uma ausência de variação) que impedem o funcionamento do programa de regra variável. Para gerar o arquivo de células (VOGCEL) é necessário criar antes um arquivo de condições (VOGCON) que mostrará quais grupos de fatores serão levados em consideração nas primeiras rodadas do programa.

Após a criação do arquivo de condições, a geração do arquivo de células já pode ser iniciada. Na criação do arquivo de células é necessário decidir quais as variantes da variável dependente serão levadas em consideração, ou seja, apenas uma: caso binominal “a”; binominal “ab” ou trinominal “abc”. No caso da pesquisa aqui detalhada foram realizadas rodadas trinomiais para <e> e para <o>, considerando as variantes [i], [e], [ɛ] e [u], [o] e [ɔ] com a submissão do arquivo de células ao programa TVARB que gerou o arquivo de regra variável ternária.

A utilização da metodologia quantitativa nos permite descrever a variação com segurança, assim como as possíveis relações entre fatores linguísticos e condicionamentos sociais, como idade, faixa etária e escolaridade.

No próximo capítulo, referente aos resultados obtidos, iremos apresentar os resultados preliminares da rodada ternária inicial, contendo apenas frequências, em virtude dos nocautes e, em seguida, mostraremos os resultados finais em termos de pesos relativos, que serviram de base para a discussão dos resultados e conclusões.

3 APRESENTAÇÃO DE DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No presente capítulo apresentaremos os resultados preliminares obtidos a partir das primeiras rodadas, além dos resultados finais obtidos a partir do processamento estatístico no programa de regra variável. Esses resultados preliminares estão dispostos em termos de percentuais e aplicação e apresentam os nocautes ocorridos.

Feitos os ajustes, apresentaremos os resultados finais obtidos após a retirada dos nocautes que impediam o processamento final das rodadas ternárias no programa de regra variável. Os resultados, sob forma de peso relativo, superiores a .333 são considerados favorecedores da aplicação da regra, enquanto que os que se encontram abaixo desse valor são considerados desfavorecedores.

3.1 Resultados preliminares

Após a codificação e processamento dos dados, o programa gerou resultados para as três variantes de <e> e de <o> a partir de rodadas ternárias, considerando-se as variantes [i], [u]; [e], [o] e [ɛ], [ɔ].

A rodada preliminar de <e> foi realizada com base em 1127 dados distribuídos em 1068 células. A rodada preliminar de <o> tomou como base 905 dados distribuídos em 867 células, considerando-se as três possibilidades de realização.

Após a realização das rodadas, foi constatada a presença de nocautes em ambas as rodadas, o que impediu a submissão dos dados ao programa de regra variável. De acordo com Guy & Zilles (2007, p. 158), “um nocaute é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” e mais adiante afirma que “qualquer nocaute nos dados tem que ser excluído dos cálculos de pesos relativos e (...) o valor do peso de um nocaute não precisa ser calculado: se a percentagem em tal contexto é 0%, o peso desse fator é 0, se a percentagem é 100%, o peso é 1. Os resultados que serão apresentados como não finais tem por objetivo não só a explicação a retirada dos nocautes, mas também a discussão sobre algumas restrições que se apresentaram nesse tipo e pesquisa. Esses fatores devem ser retirados das rodadas por conta dessas restrições, podendo ser avaliado em termos de percentuais, mas não de peso relativo. É o que faremos aqui.

Na rodada de <e> tivemos o excesso de células (1068), o que impediu o processamento de dados no programa TVARB, haja vista que o programa aceita arquivos com no máximo 1000 células, o que nos obrigou a reduzir esse quantitativo.

Nas próximas seções, iremos explicitar quais procedimentos foram tomados para a retirada dos nocautes de modo a tornar o arquivo de células aceitável para o programa

de regra variável. Assim, partimos de resultados intermediários até chegarmos à apresentação dos finais.

3.1.1 Rodada preliminar de <o>

A rodada preliminar de <o> apresentou 10 nocautes, 905 dados e 867 células. Para dar prosseguimento ao processamento de dados foi necessário realizar a retirada dos nocautes, procedimento esse que será detalhado a seguir.

a) Segmento do *onset* da sílaba da pretônica

O grupo segmento do *onset* da sílaba da pretônica apresentou três (3) nocautes resultantes da baixa quantidade de dados ou pela ausência de dados para uma das três variantes. Na tabela 3 que segue podemos observar os segmentos que apresentaram nocaute:

TABELA 3

Fatores que apresentaram nocaute no grupo segmento do *onset* da sílaba da pretônica na rodada de <o>.

| Fator | [u] | | [o] | | [ɔ] | |
|-------|-----------|-----|-----------|-----|-----------|-----|
| | Aplicação | % | Aplicação | % | Aplicação | % |
| [f v] | 8 | 38% | 13 | 62% | 0 | 0 |
| [l] | 1 | 5% | 19 | 95% | 0 | 0 |
| [R] | 0 | 0 | 1 | 50% | 1 | 50% |

Para eliminar os nocautes foi necessário retirá-los da rodada. Eles representavam menos de 5% do total de dados, o que comprometeria a ortogonalidade¹ dos resultados.

¹ O fator pequeno, com poucos dados, dificilmente se mostra significativo e, portanto, é improvável que um grupo com tal distribuição seja significativo (...). O fator que tem a maioria dos dados acaba não sendo ortogonal ao fator input, o que provoca falta de convergência e distorção dos resultados. (GUY & ZILLES, 2007, p.171)

b) Segmento do *onset* da sílaba seguinte

Assim como no grupo anterior, também tivemos quatro (4) nocautes em segmentos que apresentaram nenhum ou poucos dados, o que gerou os nocautes, como pode observar na tabela que segue.

TABELA 4
Fatores que apresentaram nocaute no grupo segmento do *onset* da sílaba seguinte na rodada de <o>

| Fator | [u] | | [o] | | [ɔ] | |
|-------|-----------|------|-----------|-----|-----------|-----|
| | Aplicação | % | Aplicação | % | Aplicação | % |
| [ɲ] | 28 | 68% | 11 | 32% | 0 | 0 |
| [p b] | 3 | 50% | 3 | 50% | 0 | 0 |
| [k g] | 0 | 0 | 1 | 50% | 1 | 50% |
| [ʃ] | 1 | 100% | 0 | 0 | 0 | 0 |

Assim como no grupo segmento do *onset*, para eliminar os nocautes do grupo segmento do *onset* da sílaba seguinte, foi necessário retirá-los da rodada por representarem menos de 5% do total de dados, o que comprometeria a ortogonalidade dos resultados. O segmento [ɲ] apresentou nocaute em virtude de restrições fonéticas, portanto itens como b[ɔ]nito não foram encontrados no *corpus*.

c) Segmento da coda da sílaba da pretônica

O último grupo referente ao segmento da coda da sílaba da pretônica apresentou três (3) nocautes, como podemos observar na tabela abaixo:

TABELA 5

Fatores que apresentaram nocaute no grupo segmento da coda da sílaba da pretônica na rodada de <o>

| Fator | [u] | | [o] | | [ɔ] | |
|-------|-----------|-----|-----------|-----|-----------|-----|
| | Aplicação | % | Aplicação | % | Aplicação | % |
| [w] | 0 | 0 | 16 | 52% | 16 | 48% |
| [n] | 4 | 5% | 70 | 95% | 0 | 0 |
| [ʃ] | 1 | 50% | 1 | 50% | 0 | 0 |
| | | | | | 0 | 0 |

Os resultados preliminares do grupo segmento da coda mostraram que não houve ocorrência da variante [u], quando há presença do segmento [w] em posição de coda, como no item [sow'dadu], o que gerou o nocaute e conseqüentemente a sua retirada do processamento final.

O segmento [n] em posição de coda também apresentou nocaute para a variante [ɔ], em virtude de uma restrição da própria língua: onde palavras com a coda [n] tendem a impedir a realização da variante baixa, como na palavra c[õ]stelação; há restrições para ocorrência de c[ɔ]stelação, o que explica a não ocorrência da variante baixa e justifica a retirada do fator da rodada final.

O fator [ʃ] apresentou baixa ocorrência pelo fato do item m[o]squito ter apresentado apenas duas (2) ocorrências, o que motivou sua retirada da rodada final.

Após a resolução dos nocautes da rodada preliminar de <o> foi possível realizar a rodada final e obter resultados em termos de pesos relativos para a análise quantitativa. A seguir, apresentaremos os resultados preliminares da rodada de <e>.

3.1.2 Resultado preliminar de <e>

A rodada preliminar de <e> apresentou 18 nocautes, 1127 dados e 1068 células. Para dar prosseguimento ao processamento de dados foi necessário realizar a retirada dos nocautes e a redução do número de células, que serão detalhados a seguir.

e) Fonema vocálico da tônica

O grupo fonema vocálico da tônica apresentou um (1) nocaute, em virtude da ausência de dados para a variante [i]. Na tabela 6, abaixo, podemos observar a vogal tônica que gerou nocaute:

TABELA 6
Fator que apresentou nocaute no grupo fonema vocálico da tônica na rodada de <e>

| Fator | [i] | | [e] | | [ɛ] | |
|-------|-----------|---|-----------|----|-----------|-----|
| | Aplicação | % | Aplicação | % | Aplicação | % |
| [ɛ] | 0 | 0 | 2 | 5% | 41 | 95% |

Para eliminar o nocaute foi necessário retirar o fator da rodada pelo fato do mesmo representar menos de 5% do total de dados, o que comprometeria a ortogonalidade dos resultados.

b) Classe morfológica

Assim como no grupo anterior, também tivemos um (1) nocaute no grupo classe morfológica em virtude da ausência de verbos com a variante [i], portanto, contextos como r[i]mando, f[i]rvendo ou p[i]rguntar não figuraram no *corpus*, o que gerou os nocaute, como podemos observar na tabela abaixo:

TABELA 7
Fator que apresentou nocaute no grupo classe morfológica na rodada de <e>

| Fator | [i] | | [e] | | [ɛ] | |
|-------|-----------|---|-----------|-----|-----------|-----|
| | Aplicação | % | Aplicação | % | Aplicação | % |
| Verbo | 0 | 0 | 56 | 50% | 55 | 50% |

Considerando o nocaute apresentado e a quantidade majoritária de itens pertencentes à classe dos substantivos (920 dos 1162 dados), avaliamos que o grupo poderia ser retirado da rodada final, pois esses números poderiam enviesar o resultado final em virtude da falta de ortogonalidade entre os fatores. A retirada desse grupo contribuiu para a redução de células que impedia o processamento final. Não tivemos nenhum dado de [i] para verbos.

c) Segmento do *onset*

O último grupo referente ao segmento da *onset* da sílaba da pretônica apresentou sete (7) nocautes, como podemos observar na tabela 8 abaixo:

TABELA 8
Fatores que apresentaram nocaute no grupo segmento do *onset* na rodada de <e>

| Fator | [i] | | [e] | | [ɛ] | |
|----------------------|-----------|------|-----------|------|-----------|-----|
| | Aplicação | % | Aplicação | % | Aplicação | % |
| [R] | 0 | 0 | 53 | 62% | 33 | 38% |
| [k g] | 0 | 0 | 3 | 60% | 2 | 40 |
| [ʃ] | 1 | 100% | 0 | 0 | 0 | 0 |
| [pr],[cr] ou [tr] | 0 | 0 | 13 | 24% | 42 | 76% |
| [ɲ] | 0 | 0 | 21 | 81% | 5 | 19% |
| [ʒ] | 1 | 8% | 11 | 100% | 0 | 0 |
| [l] | 1 | 8% | 11 | 92% | 0 | 0 |

Os resultados preliminares do grupo segmento do onset mostraram que os segmentos [R], [k], [pr] ou [tr] e [ɲ] apresentaram nocaute para a variante [i], o que pode estar ligado a natureza do vocábulo estudado, por exemplo, os itens qu[e]stão, r[e]mando, m[e]ntira e pr[e]sente não sofreram alteamento. Os demais fatores não

apresentaram dados em uma ou duas variantes, como os segmentos [ʃ], [ʒ] e [l], que foram retirados da rodada.

d) Segmento do *onset* da sílaba seguinte

O grupo referente ao segmento do *onset* da sílaba seguinte apresentou sete (7) nocautes, como podemos observar na tabela abaixo:

TABELA 9
Fatores que apresentaram nocaute no grupo segmento do *onset* na rodada de <e>

| Fator | [i] | | [e] | | [ɛ] | |
|-------|-----------|-----|-----------|------|-----------|-----|
| | Aplicação | % | Aplicação | % | Aplicação | % |
| [R] | 0 | 0 | 12 | 22% | 43 | 78% |
| [l] | 0 | 0 | 27 | 36% | 48 | 64% |
| [n] | 20 | 83% | 4 | 17% | 0 | 0 |
| [m] | 0 | 0 | 46 | 98% | 1 | 2% |
| [f v] | 0 | 0 | 79 | 100% | 0 | 0 |
| [t d] | 0 | 0 | 27 | 28% | 68 | 72% |
| [ʒ] | 15 | 68% | 7 | 32% | 0 | 0 |

O grupo apresentou nocautes em virtude da não ocorrência de determinada variante em alguns itens lexicais, como diante de [R] do item f[e]rrolho, que não sofreu alteamento, assim como diante de [l] do item t[e]levisão e também diante de [t d], como em m[e]dalha e s[e]tebro. Para esse grupo, os fatores [R], [n], [m], [f v] e [ʒ] foram retirados por representarem menos de 5% do total de dados.

Os fatores [l] e [t d] tiveram que receber um (1) dado fictício cada, já que a quantidade de dados das demais variantes representa mais de 5% do total de dados.

e) Segmento da coda

O grupo segmento da coda apresentou dois (2) nocautes, o primeiro ocorreu com segmento [r] que não apresentou dados para [i], e o segmento [n] que não apresentou dados para a variante [ɛ].

TABELA 10

Fatores que apresentaram nocautes no grupo segmento da coda na rodada de <e>

| Fator | [i] | | [e] | | [ɛ] | |
|-------|-----------|-----|-----------|-----|-----------|-----|
| | Aplicação | % | Aplicação | % | Aplicação | % |
| [r] | 0 | 0 | 93 | 36% | 162 | 64% |
| [n] | 21 | 28% | 54 | 72% | 0 | 0 |

O segmento da coda apresentou o fator [n] sem ocorrência para [ɛ], em virtude de uma restrição fonética que impede o abaixamento de itens que apresentam esse tipo de coda, como no item m[e]ntira. A coda em [r] se apresentou como inibidora da realização de [u], como no item p[e]rfume e p[e]rdida, o que gerou o nocaute. Com base nesses resultados, optamos por excluir o grupo da rodada estatística final em virtude das restrições apresentadas por determinados tipos de coda para uma das variantes.

Após a resolução dos nocautes da rodada preliminar de <e>, foi possível realizar a rodada final e obter resultados em termos de pesos relativos para a análise quantitativa. A seguir, apresentaremos os resultados finais da rodada de <e> e, em seguida, da rodada de <o>.

3.2. Resultados Finais

Os resultados referentes à variável dependente mostraram que nas capitais da região Norte do Brasil prevalece a ocorrência da manutenção das vogais médias pretônicas, com 49% para [e] e 54% para [o], em detrimento do alteamento (10% para [i] e 23% para [u]) e do abaixamento (41% para [ɛ] e 23% para [ɔ]). Há probabilidade de .878 de manutenção para <e> e .563 para a manutenção de <o>. Em seguida, temos o abaixamento de <e> respondendo por .075 de probabilidade, seguido do abaixamento de <o> com .172 de peso relativo.

Para a vogal pretônica <e>, a probabilidade de alteamento está na ordem de .047 e de <o> .265. Observemos os resultados, considerando-se o peso relativo e aplicação na tabela 11:

TABELA 11
Resultados da variável dependente para <e> e <o>

| Variável Dependente | Alteamento | | | Manutenção | | | Abaixamento | | |
|---------------------|------------|-----------|-----|------------|-----------|-----|-------------|-----------|-----|
| | PR | Aplicação | % | PR | Aplicação | % | PR | Aplicação | % |
| <e> 1127 dados | .047 | 115 | 10% | .878 | 552 | 49% | .075 | 460 | 41% |
| <o> 905 dados | .265 | 207 | 23% | .563 | 493 | 54% | .172 | 205 | 23% |

De acordo com a tabela 11, podemos observar que a manutenção, tanto de <e>, quanto de <o> é o padrão na região Norte, o que explica os índices de probabilidades de .878 e .563. A prevalência da manutenção é mais acentuada para <e>, para a qual temos o peso próximo do categórico. A variável <o> apresenta probabilidade menor para a manutenção (.563) e o alteamento de <e> e de <o> são desfavorecidos.

Os resultados obtidos aqui se aproximam de Yacovenko (1993), Célia (2004), Freitas (2001) e Sousa (2010), que mostraram a manutenção como regra nas localidades estudadas.

Nas próximas seções, apresentaremos os resultados das rodadas de <o> e de <e>, para, em seguida, realizar a comparação entre seus resultados.

3.2.1 Resultados de <o>

Apresentaremos aqui os resultados de <o>, considerando a quantidade de dados e os pesos relativos gerados para cada grupo de fatores. Com base nesses resultados, vamos, posteriormente, evidenciar semelhanças ou diferenças relativas à variação das médias <e> e <o>.

3.2.2.1 Fonema Vocálico da Tônica

O primeiro grupo instituído na pesquisa e na rodada de <o> mostrou que diante das tônicas [ɛ] e [i] há favorecimento de [u]. A ocorrência de [o] é favorecida principalmente pelas vogais [u], [e], [a] e [i] na tônica. As vogais [o] e [a] favoreceram a ocorrência de [ɔ]. Observemos os resultados na tabela 12:

TABELA 12
Resultados do grupo fonema vocálico da tônica em pesos relativos para a vogal pretônica <o>.

| | [u] | Aplicação | Exemplo | [o] | Aplicação | Exemplo | [ɔ] | Aplicação | Exemplo |
|-----|------|-----------|------------|------|-----------|-------------|------|-----------|------------|
| [u] | .278 | 7/97 | g[u]rdura | .597 | 80/97 | g[o]rdura | .124 | 10/97 | c[ɔ]rcundu |
| [ɛ] | .709 | 43/101 | c[u]lher | .039 | 19/101 | c[o]lher | .252 | 39/101 | c[ɔ]legas |
| [a] | .182 | 44/326 | t[u]mati | .440 | 202/326 | m[o]ntar | .378 | 80/326 | c[ɔ]ração |
| [i] | .543 | 73/179 | d[u]rmindo | .395 | 97/179 | b[o]nitu | .062 | 9/179 | s[ɔ]rrisu |
| [e] | .274 | 37/174 | j[u]elho | .515 | 83/174 | b[o]rboleta | .211 | 54/174 | in[ɔ]centi |
| [o] | .026 | 2/23 | tr[u]vões | .069 | 11/23 | c[o]ntorno | .905 | 10/23 | p[ɔ]rronca |

De acordo com os pesos relativos, há maior probabilidade de ocorrer [u], quando temos a vogal [ɛ] na tônica, com peso de .709. O peso elevado para a presença da média baixa se dá em virtude da presença do item /ko'ʎɛr/, que na maioria das ocorrências se realizou como /ku'ʎɛh/. Parece que a presença de segmentos altos no *onset* da tônica e

da pretônica pressão sob a vogal pretônica que acaba sendo elevada. A segunda maior probabilidade de [u] ocorre quando temos a vogal alta [i] na tônica, com peso de .543.

Para [o] tivemos como maior probabilidade a presença de [u] na tônica, com peso de .597, em virtude da manutenção da média em grande parte do item g[o]rdura. Em seguida tivemos como segunda maior probabilidade a presença de [e] na tônica, com .515, a terceira maior probabilidade se dá diante da vogal [a], com .440 e a última maior probabilidade está associada a presença da vogal [i], com .395 de peso relativo.

Os resultados também mostraram que há maior probabilidade de ocorrer [ɔ], quando temos a presença de [o] com .905, impulsionado principalmente pela realização do contexto p[ɔ]rronca, seguido de [a], com .378. Segue tabela com a organização dos fatores favorecidos no grupo fonema vocálico da tônica.

TABELA 13

Fatores favorecedores por variante no grupo fonema vocálico da tônica

| [u] | [o] | [ɔ] |
|----------|----------|----------|
| [ɛ] .709 | [u] .597 | [o] .905 |
| [i] .543 | [e] .515 | [a] .378 |
| | [a] .440 | |
| | [i] .395 | |

A variante [u] é favorecida por contextos de altura baixa e alta, considerando-se a atuação de consoantes altas no entorno, como evidenciado no contexto /ku'ʎeh/. A variante [o] é favorecida por contextos de altura média, baixa e alta, com destaque para a alta posterior. Finalmente, a variante [ɔ] é favorecida pelos contextos de altura média e baixa.

3.2.2.2 Distância entre vogal tônica e a pretônica

O segundo grupo considerado na rodada de <o> se refere à distância entre vogal tônica e pretônica, onde os resultados mostraram que a distância contígua favorece a realização de [u]. A ocorrência de [ɔ] é favorecida pela distância não contígua. Observemos os resultados na tabela 14 que segue:

TABELA 14

Resultados do grupo distância entre a vogal da sílaba tônica e pretônica em pesos relativos para a vogal pretônica <o>.

| Distância | [u] | Aplicação | Exemplo | [o] | Aplicação | Exemplo | [ɔ] | Aplicação | Exemplo |
|--------------|------|-----------|-----------|------|-----------|-------------|------|-----------|-----------|
| Contígua | .478 | 184/698 | b[u]nitu | .322 | 361/698 | d[o]rmino | .200 | 153/698 | s[ɔ]ldadu |
| Não contígua | .205 | 23/207 | v[u]mitar | .304 | 132/207 | b[o]rboleta | .491 | 52/207 | c[ɔ]ração |

Os resultados apresentados na rodada de <o> mostraram que a realização de [u] possui maior probabilidade de ocorrer, quando a vogal tônica é contígua à pretônica, apresentando um peso relativo de .478. Há maior probabilidade de ocorrer [ɔ], quando temos a distância não contígua, com probabilidade de .491. Na tabela 15 estão dispostos apenas os fatores favorecedores:

TABELA 15

Fatores favorecedores por variante para o grupo distância entre vogal tônica e a pretônica

| [u] | [ɔ] |
|-----------------|---------------------|
| Contígua (.478) | Não contígua (.491) |

Podemos afirmar com base nos resultados que quanto menor a distância, maior é a probabilidade de ocorrência de [u] e o contrário aumenta a probabilidade de ocorrência de [ɔ]. Esses resultados confirmam os resultados de outros estudos da mesma natureza em que a contiguidade é determinante para a realização de certas variantes, como o alteamento. Quanto à variante [o], não foi favorecida por nenhum dos contextos avaliados, embora o fator contígua tenha recebido índice próximo do favorecimento, igual a .322. Esses resultados confirmam Bisol (1981), que apontou em seu estudo a relação entre alteamento e distância.

3.2.2.3. Segmento do *onset* da sílaba da vogal pretônica

Na rodada de <o> para o grupo segmento do *onset* da sílaba da pretônica obtivemos os seguintes resultados: os segmentos [ʃ ʒ], [p b] e [m] como favorecedores de [u]. Os segmentos [m], [t d], [k g] e grupo consonantal como favorecedores de [o] e os segmentos [n], [s z], [k g] e grupo consonantal como favorecedores de [ɔ]. Observemos os resultados em pesos relativos na tabela 16:

TABELA 16
Resultados do grupo segmento do *onset* da sílaba da vogal pretônica em pesos relativos para a vogal pretônica <o>.

| Segmento do <i>onset</i> | [u] | Aplicação | Exemplo | [o] | Aplicação | Exemplo | [ɔ] | Aplicação | Exemplo |
|--------------------------|------|-----------|------------|------|-----------|-------------|------|-----------|-------------|
| [k g] | .124 | 28/205 | c[u]lher | .430 | 101/205 | c[o]ração | .446 | 76/205 | c[ɔ]lega |
| [t d] | .303 | 23/109 | t[u]mada | .543 | 83/109 | t[o]rnozele | .154 | 3/109 | t[ɔ]mati |
| [p b] | .592 | 77/204 | b[u]tar | .252 | 92/204 | b[o]nito | .155 | 35/204 | b[ɔ]tar |
| [s z] | .110 | 10/104 | ass[u]vio | .252 | 70/104 | s[o]rrisu | .637 | 24/104 | s[ɔ]ldadu |
| [n] | .008 | 10/71 | in[u]centi | .005 | 12/71 | n[o]vembro | .986 | 49/71 | in[ɔ]centi |
| [ʃ ʒ] | .883 | 30/37 | c[u]risco | .079 | 6/37 | ch[o]vendo | .038 | 1/37 | ch[ɔ]vendo |
| [m] | .403 | 10/56 | m[u]leque | .585 | 44/56 | m[o]ntar | .012 | 1/57 | m[ɔ]lhado |
| pr ou tr | .188 | 10/78 | tr[u]vões | .366 | 53/78 | pr[o]moção | .446 | 15/78 | pr[ɔ]cissão |

Os resultados mostraram que os segmentos [ʃ ʒ], [p b] e [m], elevam a probabilidade de ocorrência de [u], com .883, .592 e .403, respectivamente. A variante [o] possui maior probabilidade de ocorrer quando temos os segmentos [m], [t d], [k g] e grupo consonantal [pr e tr], com .585, .543, .430 e .366, respectivamente. Por fim, a variante [ɔ] possui maior probabilidade de ocorrência quanto temos os segmentos [n], [s z], [k g] e grupo consonantal cr, pr ou tr, com .986, .637, .446 e .446, respectivamente.

TABELA 17
Fatores favorecedores por variante do grupo segmento do *onset*

| [u] | [o] | [ɔ] |
|-----------------|-----------------------------------|------------------------------|
| [ʃ ʒ] (883) | [m] (.585) | [n] (.986) |
| [p b] (.592) | [t d] (.543) | [s z] (.637) |
| [m] (.403) | [k g] (.430) | [k g] (.446) |
| | <i>pr, cr</i> ou <i>tr</i> (.366) | <i>pr</i> ou <i>tr</i> (446) |

De acordo com os resultados são favorecedores de [u], os segmentos labiais [p b] e [m], além dos segmentos [ʒ ʃ], em virtude da recorrência do contexto ch[u]visco e ch[u]vendo. Para a variante [o], foram significantes os segmentos [t d] (impulsionado pelo item tornozelo), [k g], grupo consonantal *cr, pr* ou *tr* e o segmento [m] como principal motivador presente em itens como m[o]ntar. A relação entre favorecimento de [u] e a presença de segmentos labiais foi apontada também por Silveira (2008), Freitas (2001) e Araújo (2007).

A variante [ɔ] foi favorecida pela presença de segmentos coronais [n], [s z], dorsais [k g] e grupo consonantal *pr* ou *tr*. A presença do segmento [n] favoreceu a realização da variante [ɔ] em virtude da recorrência dos itens n[ɔ]vembro e in[ɔ]cente. Os segmentos alveolares [s z] figuraram como favorecedores do abaixamento (principalmente no item s[o]ldado) e manutenção, assim como no trabalho de Araújo (idem) e os segmentos [k g] apresentaram maior probabilidade por conta da recorrência de itens como coração e colega e o grupo consonantal em virtude da presença de itens como pr[ɔ]cissão e pr[ɔ]moção.

3.2.2.4 Segmento do *onset* da sílaba seguinte

O grupo segmento do *onset* da sílaba seguinte mostrou que os segmentos [m], [f v] e [s z] favorecem a ocorrência de [u]. A ocorrência de [o] é favorecida principalmente pela presença de [ʌ], [s z], [R] e [m]. A ocorrência de [ɔ] é favorecida pelos segmentos [l], [r], [t d] e [R]. Observemos os resultados completos na tabela 18:

TABELA 18

Resultados do grupo segmento do *onset* da sílaba seguinte em pesos relativos para a vogal pretônica <o>.

| | [u] | Apl. | Exemplo | [o] | Apl. | Exemplo | [ɔ] | Apl. | Exemplo |
|-------|------|-------|-------------|------|--------|-------------|------|--------|------------|
| [ʎ] | .263 | 17/38 | c[u]lher | .665 | 17/38 | c[o]lher | .072 | 4/38 | b[ɔ]linha |
| [m] | .607 | 11/58 | v[u]mitar | .353 | 45/58 | t[o]mate | .039 | 2/58 | t[ɔ]mate |
| [l] | .068 | 10/69 | borb[u]leta | .101 | 17/69 | borb[o]leta | .830 | 42/69 | c[ɔ]legas |
| [R] | .101 | 8/112 | b[u]rracha | .500 | 88/112 | b[o]rracha | .398 | 16/112 | s[ɔ]riso |
| [s z] | .370 | 8/68 | in[u]centi | .530 | 37/68 | pr[o]cissão | .100 | 23/68 | in[ɔ]centi |
| [r] | .195 | 2/40 | c[u]risco | .101 | 8/40 | c[o]ração | .704 | 30/40 | c[ɔ]ração |
| [t d] | .240 | 32/94 | b[u]teco | .128 | 22/94 | r[o]dovia | .632 | 40/94 | b[ɔ]tar |
| [f v] | .589 | 32/94 | ch[u]visco | .139 | 22/94 | tr[o]vão | .272 | 40/94 | n[ɔ]vembro |

Os resultados mostraram que há maior probabilidade de ocorrer [u] quando temos os segmentos [m], [f v] e [s z] no onset da sílaba seguinte, com .607, .589 e .370, respectivamente. A variante [o] possui maior probabilidade de ocorrer quando temos os segmentos [ʎ], [s z], [R] e [m], com .665, .530, .500 e .353, respectivamente. Os segmentos [l], [r], [t d] e [R] elevaram a probabilidade de ocorrência de [ɔ], com .830, .704, .632 e .398, respectivamente.

TABELA 19

Fatores favorecedores por variante do grupo segmento do *onset* da sílaba seguinte

| [u] | [o] | [ɔ] |
|--------------|--------------|--------------|
| [m] (.607) | [ʎ] (.665) | [l] (.830) |
| [f v] (.589) | [s z] (.530) | [r] (.704) |
| [s z] (.370) | [R] (.500) | [t d] (.632) |
| | [m] (.353) | [R] (.398) |

A tabela 19 acima mostra os segmentos labiais [m] e [f v] como motivadores da realização de [u], além dos segmentos coronais [s z]. A variante [o] teve como motivadores os segmentos dorsais [ʎ] e [R], além dos segmentos coronais [s z] e da labial [m]. A realização da variante [ɔ] é motivada pela presença dos segmentos coronais [l], [r], [t d] e do segmento dorsal [R]. É importante observar que a variante [ɔ]

ocorre na maioria dos casos quando temos a vogal baixa em posição contígua ou não, como em b[ɔ]linha, c[ɔ]ração, b[ɔ]tar e t[ɔ]mate, ou quando a vogal tônica é aberta como c[ɔ]lega.

3.2.2.5 Classe Morfológica

O grupo que trata da classe morfológica mostrou que adjetivos são os principais favorecedores de [u] e também favorecem [o]. Os substantivos favorecem a ocorrência de [o] e de [ɔ] e os verbos favorecem realização de [ɔ]. Observemos os resultados, na tabela que segue:

TABELA 20

Resultados do grupo classe morfológica em pesos relativos para a vogal pretônica <o>.

| Classe Morfológica | [u] | Aplicação | Exemplo | [o] | Aplicação | Exemplo | [ɔ] | Aplicação | Exemplo |
|--------------------|------|-----------|------------|------|-----------|------------|------|-----------|-------------|
| Substantivo | .275 | 138/668 | b[u]rracha | .361 | 366/668 | s[o]rriço | .365 | 164/668 | pr[ɔ]cissão |
| Adjetivo | .524 | 38/92 | b[u]nitu | .344 | 35/92 | c[o]rcunda | .133 | 19/92 | in[ɔ]centi |
| Verbo | .195 | 31/145 | d[u]rmino | .226 | 92/145 | m[o]ntar | .579 | 22/145 | b[ɔ]tar |

Os pesos relativos mostram que há maior probabilidade de ocorrência de [u] nos adjetivos (.524). A realização de [o] possui maior probabilidade de ocorrer nos substantivos (.361) e adjetivos, com peso de .344. Há maior probabilidade de ocorrência de [ɔ] nos verbos, com .579, seguido dos substantivos, com .365.

TABELA 21

Fatores favorecedores por variante para o grupo classe morfológica

| [u] | [o] | [ɔ] |
|-----------------|---------------------------------------|------------------------------------|
| Adjetivo (.524) | Substantivo (.361) Adjetivo (.344) | Verbo (.579) Substantivo (.365) |

Embora os resultados sejam importantes para indicar o que favorece e o que desfavorece a realização das três variantes, não há evidências de que as classes gramaticais aqui consideradas sejam determinantes, haja vista que, se somarmos substantivos e adjetivos dentro da mesma classe dos nomes, teríamos mais de 80% dos dados. Desse modo, as três variantes ocorrem em todas as classes, independente de sua

natureza morfológica, embora os verbos sejam menos suscetíveis às três variantes. É importante observar o favorecimento de [ɔ] nos verbos, que pode ser explicado pela harmonia verbal causada pela terminação *-ar* (vogal temática *-a* + sufixo *-r*) presente em palavras da 1ª conjugação como b[ɔ]tar e v[ɔ]mitar.

3.2.2.7 Sexo do informante

O grupo referente ao sexo do informante mostrou que há um maior favorecimento de [u] no falar dos informantes do sexo masculino. A realização de [o] é favorecida principalmente no falar dos informantes do sexo feminino, assim como a realização de [ɔ]. Observemos os resultados, na tabela 22:

TABELA 22

Resultados do grupo Sexo do Informante em pesos relativos para a vogal pretônica <o>.

| Sexo | [u] | Aplicação | [o] | Aplicação | [ɔ] | Aplicação |
|-----------|-------------|-----------|-------------|-----------|-------------|-----------|
| Masculino | .379 | 116/474 | .320 | 252/474 | .300 | 106/474 |
| Feminino | .290 | 91/431 | .343 | 241/431 | .366 | 99/431 |

É possível observar a oposição entre o uso das regras conforme o sexo, de modo que a variante [u] é preferida pelos informantes do sexo masculino e desfavorecida por informantes do sexo feminino. As mulheres apresentaram favorecimento para [o] e para [ɔ] e os homens desfavoreceram essas duas regras.

Há maior probabilidade de ocorrência de [u] no falar dos informantes do sexo masculino (.379), e a ocorrência de [o] e [ɔ] co-ocorrem com maior probabilidade no falar dos informantes do sexo feminino, com .343 e .366, respectivamente.

Esses resultados podem indicar o uso de regras exclusivas, pois nenhuma das três variantes teve favorecimento em ambos os sexos, apesar de as mesmas ocorrerem tanto no sexo masculino, quanto no feminino. A manutenção e o abaixamento são favorecidos por informantes do sexo feminino e o alteamento por informantes do sexo masculino.

3.2.2.8 Escolaridade do Informante

O grupo referente à escolaridade do informante mostrou que, os informantes que possuem Ensino Fundamental apresentam maior favorecimento da ocorrência de [u], enquanto que os informantes com curso superior mostraram maior favorecimento de [o]. A realização de [ɔ] apresentou favorecimento no falar dos informantes com ensino superior. Observemos os resultados na tabela 23:

TABELA 23
Resultados do grupo escolaridade do informante em pesos relativos para a vogal pretônica <o>.

| Escolaridade | [u] | Aplicação | [o] | Aplicação | [ɔ] | Aplicação |
|--------------|-------------|-----------|-------------|-----------|-------------|-----------|
| Fundamental | .408 | 112/424 | .299 | 217/424 | .293 | 95/424 |
| Superior | .266 | 95/481 | .363 | 276/481 | .371 | 110/481 |

O grupo escolaridade mostrou que as informantes com ensino fundamental possuem probabilidade maior de realizar [u]. Manutenção e abaixamento concorrem entre si em informantes com ensino superior, como no grupo de fatores sexo. No grupo de fatores sexo [ɔ] apresenta probabilidade maior do que [o]. No grupo escolaridade ocorre o mesmo, como podemos observar na tabela acima. O favorecimento de [u] por informantes com menor escolaridade também foi constatado na pesquisa de Freitas (2001) e Sousa (2010).

3.2.2.9 Faixa Etária do informante

Os informantes com idade entre 50 a 65 anos com apresentaram maior favorecimento de [u] e os informantes com idade entre 18 e 30 anos favorecerem a realização de [o]. A segunda faixa etária (50 a 65 anos) apresentou maior favorecimento da realização de [ɔ]. Observemos os resultados na tabela que segue:

TABELA 24
Resultados do grupo faixa etária do informante em pesos relativos para a vogal pretônica <o>

| Faixa Etária | [u] | Aplicação | [o] | Aplicação | [ɔ] | Aplicação |
|--------------|-------------|-----------|-------------|-----------|-------------|-----------|
| 18 a 30 | .287 | 91/454 | .394 | 263/454 | .319 | 100/454 |
| 50 a 65 | .381 | 116/451 | .277 | 230/451 | .342 | 105/451 |

Se para a escolaridade há maior diferença de uso em relação ao alteamento, aqui a maior diferença refere-se ao uso de [o]. Aproximam-se, em seguida, em relação a [i], vindo depois [ɔ].

O grupo faixa etária apresentou como resultados os informantes com idade de 50 a 65 anos com a maior probabilidade de realização de [u], com .381. Os informantes com idade entre 18 a 30 são os principais responsáveis pela ocorrência de [o], com peso relativo de .394. A realização de [ɔ] possui maior probabilidade de ocorrer no falar de informantes com idade entre 50 a 65 anos, com peso de .342.

Apesar de os mais velhos favorecerem as variantes [u] e [ɔ], há prevalência de [u]; o alteamento e o abaixamento concorrem nessa faixa etária. A manutenção é preferida pelos mais jovens, o que pode indicar uma regra em possível estabilidade.

O favorecimento do alteamento por parte dos informantes mais velhos foi apontado nas pesquisas de Bisol (1981), Célia (2004), Silveira (2008), Freitas (2001) e Sousa (2010), corroborando os nossos resultados, que indicam o alteamento sendo favorecido pelos mais velhos e a manutenção pelos mais jovens.

3.2.2.10 Procedência do Informante

O último grupo social refere-se à procedência do informante. Os resultados mostraram que as capitais Macapá e Belém são as que apresentaram maior favorecimento de [u]. A realização de [o] é favorecida em Belém, Porto Velho e Macapá. A ocorrência de [ɔ] é favorecida nas seguintes capitais: Manaus, Boa Vista, Rio Branco e Porto Velho. Vejamos os resultados na tabela 25 abaixo:

]

TABELA 25

Resultados do grupo procedência do informante em pesos relativos para a vogal pretônica <o>.

| Procedência | [u] | Aplicação | [o] | Aplicação | [ɔ] | Aplicação |
|-------------|------|-----------|------|-----------|------|-----------|
| Belém | .379 | 43/175 | .453 | 111/175 | .167 | 21/175 |
| Boa Vista | .255 | 24/132 | .311 | 71/132 | .434 | 37/132 |
| Macapá | .444 | 38/143 | .340 | 79/143 | .216 | 26/143 |
| Manaus | .326 | 50/186 | .224 | 84/186 | .450 | 52/186 |
| Porto Velho | .254 | 24/126 | .368 | 73/126 | .378 | 29/126 |
| Rio Branco | .310 | 28/143 | .278 | 75/143 | .412 | 40/143 |

Os pesos relativos mostram que na região Norte há maior probabilidade de ocorrência de [u] em Macapá e Belém. A variante [o] possui maior probabilidade de ocorrer nas seguintes capitais: Belém, Porto Velho e Macapá. Já a realização de [ɔ] tem maior possibilidade de ocorrer em Manaus, Boa Vista, Rio Branco e Porto Velho.

TABELA 26
Fatores favorecedores por variante do grupo procedência do informante.

| [u] | [o] | [ɔ] |
|---------------|--------------------|--------------------|
| Macapá (.444) | Belém (.453) | Manaus (.450) |
| Belém (.379) | Porto Velho (.368) | Boa Vista (.434) |
| | Macapá (.340) | Rio Branco (.412) |
| | | Porto Velho (.378) |

A variante [o] prevalece em Belém, o que confirma os resultados de autores como Nina (1991) e Sousa (2010), que mostraram a variante como regra na capital.

Em algumas capitais ocorreu o favorecimento de duas regras concomitantemente, como a manutenção e o abaixamento em Porto Velho e alteamento e manutenção em Macapá e Belém. Em nenhuma das capitais ocorreu favorecimento das três regras concomitante.

De um lado, há capitais que favorecem a concorrência de duas regras, como mostrado anteriormente, há, por outro lado, capitais em que figura uma única variante. É o caso de Rio Branco e Boa Vista, onde temos a variante [ɔ] como regra, o que fortalece a relação desses resultados com a imigração de nordestinos. A variante [ɔ] prevalece nas capitais Manaus, Boa Vista, Rio Branco e Porto Velho, ou seja, nas capitais que sofreram grande fluxo de migrantes, principalmente da região Nordeste.

Observemos, no mapa que segue a distribuição das variantes médias pretônicas na região Norte do Brasil:

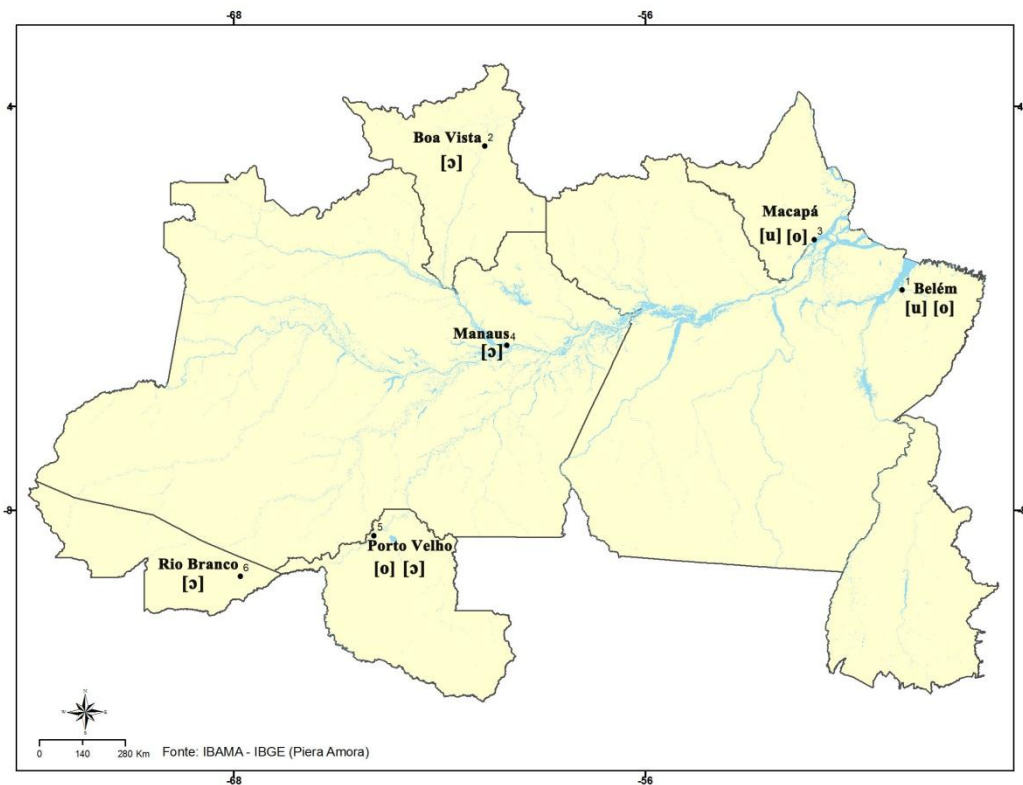


Figura 4: Distribuição das variantes de <o> nas capitais da região Norte do Brasil.

É possível observar no mapa as variantes [u] e [o] em disputa na Amazônia oriental e o favorecimento da variante [ɔ] nas demais capitais, com destaque para Manaus, Rio Branco e Boa Vista, onde a variante baixa atua isolada, enquanto que em Porto Velho, a mesma disputa com a variante [o].

O favorecimento da variante [ɔ] na Amazônia ocidental pode ser explicado pelo intenso movimento migratório de nordestinos, especialmente no início do século XX, movidos pela economia do ciclo da borracha e, posteriormente pelos projetos de ocupação territorial promovidos pelo Governo Federal. É possível concluir que as variantes [u] e [o] prevalecem em Macapá e Belém em virtude do intenso trânsito de pessoas entre as duas capitais, o que explica a similaridade no favorecimento.

3.2.2.11 Tipo de Questionário

O último grupo da rodada de <o> se refere ao tipo de questionário que mostrou maior favorecimento do [ɔ] no Questionário Fonético-Fonológico (QFF). A realização de [u] e de [o] foram favorecidas pelo Questionário Semântico-Lexical (QSL). Observemos os resultados na tabela 27:

TABELA 27

Resultados do grupo tipo de questionário do informante em pesos relativos para a vogal pretônica <o>.

| | [u] | Aplicação | [o] | Aplicação | [ɔ] | Aplicação |
|-----|------|-----------|------|-----------|------|-----------|
| QFF | .260 | 126/599 | .285 | 334/599 | .454 | 139/599 |
| QSL | .402 | 81/306 | .367 | 159/306 | .231 | 66/306 |

Os resultados mostram que há maior probabilidade de ocorrência de [ɔ] nos itens lexicais do QFF (.435), seguido de [o] nos itens lexicais do QSL (.384) e a última probabilidade é a de ocorrência de [u] no QSL (.371).

Com base nesses números é possível traçar uma relação entre formalidade e o uso de determinadas variantes. A aplicação do QSL é menos formal e propicia a realização da variante [u]. O QFF possui grau de formalidade maior e respostas objetivas, favorecendo a realização de [ɔ]. O favorecimento de [o] em itens do QSL indica que mesmo em contexto de informalidade, a regra da manutenção prevalece.

3.2.2 Resultados de <e>

Apresentaremos os resultados gerados na rodada de <e>, considerando também a quantidade de dados e os pesos relativos gerados para cada grupo de fatores.

3.2.2.1. Fonema Vocálico da Tônica

O primeiro grupo instituído na pesquisa e na rodada de <e> mostrou que a presença da vogal tônica [o], [i] e [u] favorecem [i]. A variante [e] não foi favorecida

em nenhum dos contextos. As vogais [e] e [a] favorecem [ɛ]. Observemos os resultados na tabela 28:

TABELA 28
Resultados do grupo fonema vocálico da tônica em pesos relativos para a vogal pretônica <e>.

| Fonema da tônica | [i] | Aplicação | Exemplo | [e] | Aplicação | Exemplo | [ɛ] | Aplicação | Exemplo |
|------------------|------|-----------|------------|------|-----------|------------|------|-----------|-----------|
| [e] | .002 | 1/311 | b[i]zerro | .055 | 125/311 | pr[e]sente | .942 | 185/311 | t[ɛ]rreno |
| [a] | .062 | 13/372 | d[i]smaio | .229 | 181/372 | m[e]dalha | .708 | 178/372 | p[ɛ]cado |
| [o] | .823 | 3/92 | b[i]souro | .166 | 83/92 | f[e]rrolho | .011 | 6/92 | p[ɛ]scoço |
| [i] | .766 | 80/224 | m[i]xirica | .171 | 119/224 | f[e]rida | .063 | 25/224 | s[ɛ]rviço |
| [u] | .714 | 18/85 | s[i]guro | .159 | 42/85 | p[e]rfume | .126 | 25/85 | p[ɛ]rfume |

De acordo com os pesos relativos há maior probabilidade de ocorrer [i], quando temos a vogal tônica [o], com peso de .823. A segunda maior probabilidade de [i] ocorre quando temos a vogal alta [i] na tônica, com peso de .766 e a terceira maior ocorre quando temos a vogal [u], com .714, o que era esperado, pois são vogais altas e médias altas que atuam na elevação de <e>.

Os resultados também mostraram que há maior probabilidade de ocorrer [ɛ], quando temos a presença de [e] com .942, seguido de vogal [a], com .708. Esses resultados são muito parecidos com trabalho anteriores sobre o tema.

TABELA 29
Fatores favorecedores por variante do grupo fonema vocálico da tônica

| [i] | [ɛ] |
|----------|----------|
| [o] .823 | [e] .942 |
| [i] .766 | [a] .708 |
| [u] .714 | |

Os resultados mostram que a vogal [o] atua em favor de [i]. As vogais altas [i] e [u] figuraram como favorecedoras de [i], em virtude da harmonia vocálica; onde vogais altas na tônica tendem a elevar as vogais médias pretônicas, resultados semelhantes aos de Bisol (1981) Silveira (2008), Araújo (2007) e Campos (2008). Aqui, a alta anterior apresenta mais probabilidade de levantar [e] do que a alta posterior [u]. A realização de

[ɛ] foi favorecida pela presença da vogal [e] ocasionado pela recorrência do item t[ɛ]rreno e pela vogal baixa [a] na vogal tônica, como em p[ɛ]cado e p[ɛ]rnambucano.

3.2.2.2 Distância entre vogal tônica e a pretônica

O segundo grupo considerado na rodada de <e> refere-se à distância entre vogal tônica e pretônica. Os resultados mostraram que a distância não contígua favorece a realização de [i]. A ocorrência de [e] é também favorecida pela distância não contígua e a ocorrência de [ɛ] é favorecida pela distância contígua. Observemos os resultados na tabela 30:

TABELA 30
Resultados do grupo distância entre a vogal da sílaba tônica e pretônica em pesos relativos para a vogal pretônica <e>.

| Distância | [i] | Aplicação | Exemplo | [e] | Aplicação | Exemplo | [ɛ] | Aplicação | Exemplo |
|------------------|------------|------------------|----------------|------------|------------------|----------------|------------|------------------|----------------|
| Contígua | .260 | 91/861 | f[i]rida | .224 | 392/861 | p[e]rmeta | .516 | 378/861 | m[ɛ]dalha |
| Não contígua | .375 | 24/266 | m[i]xirica | .435 | 160/266 | p[e]rnilongo | .189 | 82/266 | p[ɛ]nambucano |

Os resultados apresentados na rodada de <e> mostraram que a realização da variante [i] possui maior probabilidade de ocorrer, quando a distância entre tônica e pretônica vogal é não contígua, apresentando um peso relativo de .375. Há maior probabilidade de ocorrer a variante [e] quando temos também a distância não contígua, com probabilidade de .435. Finalmente, há maior probabilidade de ocorrência da variante [ɛ], quando a distância é contígua, com .516 de peso relativo.

TABELA 31
Fatores favorecedores por variante do grupo distância entre vogal tônica e pretônica.

| [i] | [e] | [ɛ] |
|---------------------|---------------------|-----------------|
| Não contígua (.375) | Não contígua (.435) | Contígua (.516) |

O grupo distância mostrou que a ocorrência de [i] é favorecida pela distância não contígua, diferente dos resultados obtidos de <o>, onde a distância contígua favorece a realização da variante alta. A realização de [e] apresentou favorecimento na distância não contígua e a ocorrência de [ɛ] é favorecida pela distância contígua. Apenas o resultado para a variante [e] ocorreu como esperado e foi semelhante aos resultados da rodada de <o> para esse grupo.

3.2.2.4 Segmento do *onset* da sílaba da vogal pretônica

A rodada de <e> para o grupo segmento do *onset* da sílaba da pretônica apresentou os segmentos [t d], [m] e [s z] como favorecedores de [i]. Os segmentos [R], [f v] e [s z] favoreceu a realização de [e]. Os segmentos [p b] favoreceram [ɛ]. Observemos os resultados em pesos relativos na tabela 32:

TABELA 32
Resultados do grupo segmento do *onset* da sílaba da vogal pretônica em pesos relativos para a vogal pretônica <e>.

| Segmento do <i>onset</i> | [i] | Aplicação | Exemplo | [e] | Aplicação | Exemplo | [ɛ] | Aplicação | Exemplo |
|--------------------------|------|-----------|--------------|------|-----------|-------------|------|-----------|-----------------|
| [t d] | .898 | 13/218 | d[i]sdentado | .066 | 111/218 | t[e]levisão | .036 | 94/218 | t[ɛ]rreno |
| [f v] | .201 | 23/118 | f[i]rida | .566 | 66/118 | v[e]ndaval | .232 | 29/118 | f [ɛ]rvendo |
| [s z] | .416 | 21/142 | s[i]guro | .344 | 70/142 | c[e]bola | .240 | 51/142 | s[ɛ]rviço |
| [p b] | .004 | 2/337 | p[i]dido | .043 | 141/337 | p[e]rmeta | .952 | 194/337 | p[ɛ]rguntar |
| [R] | .168 | 1/87 | - | .571 | 53/87 | r[e]mando | .261 | 33/87 | r [ɛ]lâmpago |
| [m] | .782 | 54/126 | m[i]nino | .132 | 62/126 | m[e]ntira | .086 | 10/126 | m[ɛ]dalha |

Os resultados mostraram que os segmentos [t d], [m] e [s z] elevam a probabilidade de ocorrência de [i], com .898, .782 e .416, respectivamente. A realização de [e] possui maior probabilidade de ocorrer quando temos a presença dos segmentos [R], [f v] e [s z], com .571, .566 e .426, respectivamente. Há maior probabilidade de ocorrer [ɛ], quando ocorre a presença dos segmentos [p b], com .952. Segue a tabela em que estão dispostos apenas os fatores favorecedores de cada variante:

TABELA 33
Fatores favorecedores por variante do grupo segmento do *onset*

| [i] | [e] | [ɛ] |
|--|--|--------------|
| [t d] (.898) [m] (.782) [s z] (.416) | [R] (.571) [f v] (.566) [s z] (.426) | [p b] (.952) |

De acordo com os resultados os segmentos coronais [t d] e [s z] e o labial [m] são favorecedores de [i], aqueles impulsionadas por itens como d[i]sdentado e s[i]guero e esses por itens como m[i]nino. A dorsal [R], seguido das labiais [f v] e coronais [s z] figuraram como favorecedoras de [e]. A recorrência do item v[e]ndaval contribuiu para o favorecimento diante de labiais. Os demais resultados se apresentaram conforme o esperado.

A variante [ɛ] apresentou os segmentos labiais [p b] como favorecedores em virtude da presença do item p[ɛ]rguntar. Nesse caso, há o favorecimento dessa variante em virtude de termos um verbo da 1ª conjugação, terminado em *-ar* sobre o qual recai a tônica, o que influi consideravelmente no abaixamento da pretônica, resultado semelhante ao obtido na rodada de <o>.

3.2.2.5 Segmento do *onset* da sílaba seguinte

O grupo segmento do *onset* da sílaba seguinte mostrou que os segmentos [r] e [k g] favorecem a ocorrência de [i]. A ocorrência de [e] é favorecida principalmente pela presença dos segmentos [p b] e por [t d]. A ocorrência de [ɛ] é favorecida pelos segmentos [l], [s z] e [t d]. Observemos os resultados completos na tabela 34:

TABELA 34

Resultados do grupo segmento do *onset* da sílaba seguinte em pesos relativos para a vogal pretônica <e>.

| Segmento do onset seguinte | [i] | Apl. | Exemplo | [e] | Apl. | Exemplo | [ɛ] | Apl. | Exemplo |
|----------------------------|------|-------|------------|------|--------|-------------|------|--------|-----------------|
| [l] | .026 | 1/76 | - | .059 | 27/76 | t[e]levisão | .915 | 48/76 | r [ɛ]lâmpago |
| [p b] | .143 | 3/55 | c[i]bola | .748 | 47/55 | c[e]bola | .109 | 5/55 | p[ɛ]rdão |
| [k g] | .731 | 18/84 | s[i]guro | .200 | 32/84 | s[e]guro | .069 | 34/84 | p[ɛ]cado |
| [r] | .935 | 23/59 | f[i]rida | .042 | 17/59 | f[e]rida | .023 | 19/59 | s[ɛ]reno |
| [s z] | .098 | 1/114 | fal[i]cido | .325 | 35/114 | pr[e]sente | .577 | 78/114 | pr[ɛ]sépio |
| [t d] | .175 | 1/96 | - | .357 | 27/96 | r[e]torno | .469 | 68/96 | m[ɛ]dalha |

Os resultados mostraram que há maior probabilidade de ocorrer [i], quando temos a presença do segmento [r] e [k g] na sílaba seguinte, com peso relativo de .935 e .731, respectivamente. A variante [e] possui maior probabilidade de ocorrer, quando há a presença dos segmentos [p b] e [t d], com .748 e .357, respectivamente. A realização de [ɛ] possui maior probabilidade de ocorrer com a presença dos segmentos [l], [s z] e [t d], com .915, .577 e .469, respectivamente. Vejamos na tabela 35 apenas os fatores favorecedores no grupo:

TABELA 35

Fatores favorecedores por variante do grupo fonema vocálico da tônica

| [i] | [e] | [ɛ] |
|----------------------------|------------------------------|--|
| [r] (.935) [k g] (.731) | [p b] (.748) [t d] (.357) | [l] (.915) [s z] (.577) [t d] (.469) |

De acordo com a tabela 34, o segmento coronal [r] e as dorsais [k g] atuam como favorecedoras de [i], no primeiro caso temos a provável causa da elevada probabilidade em virtude da recorrência do item f[i]rida e no caso das dorsais temos a recorrência do item s[i]guro, o que pode explicar os pesos obtidos na rodada de <e>.

A variante [e] é favorecida pela presença das labiais [p b], com destaque para o item c[e]bola, que apresentou alto número de ocorrências. As coronais [t d] figuraram como favorecedoras de [e].

Os segmentos coronais [l], [s z] e [t d] se apresentaram como principais motivadores da realização de [ɛ], com destaque para os itens r[ɛ]lâmpago, p[ɛ]cado e m[ɛ]dalha, que somados a vogal baixa [a] na tônica elevaram a probabilidade de ocorrência de abaixamento.

3.2.2.7 Sexo do informante

O grupo referente ao sexo do informante mostrou que há maior favorecimento da variante [i] no falar dos informantes do sexo masculino. A realização da variante [e] é favorecida principalmente no falar dos informantes do sexo feminino, assim como a realização de [ɛ]. Observemos os resultados, na tabela 36:

TABELA 36

Resultados do grupo sexo do informante em pesos relativos para a vogal pretônica <e>.

| Sexo | [i] | Aplicação | [e] | Aplicação | [ɛ] | Aplicação |
|-------------|------------|------------------|------------|------------------|------------|------------------|
| Masculino | .381 | 64/605 | .314 | 299/605 | .305 | 242/605 |
| Feminino | .289 | 51/522 | .350 | 253/522 | .361 | 460/522 |

A ocorrência de [i] apresentou maior probabilidade de ocorrer no falar dos informantes do sexo masculino (.381), e a ocorrência de [e] e [ɛ] apresentaram maior probabilidade no falar dos informantes do sexo feminino, com .350 e .361, respectivamente.

Assim como na rodada de <o>, os resultados do grupo sexo do informante indicaram o uso de regras exclusivas, pois nenhuma das três variantes teve favorecimento em ambos os sexos e há favorecimento de duas variantes no sexo feminino.

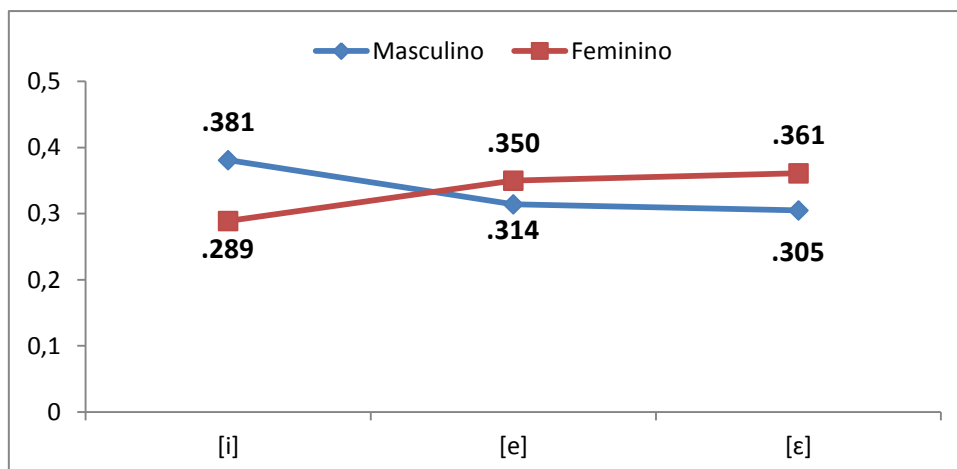


Gráfico 1: Sexo do informante para a vogal pretônica <e>.

O gráfico 8 evidencia, de outra parte, onde homens e mulheres apresentam usos mais aproximados das variantes [e] e [ɛ].

3.2.2.8 Escolaridade do Informante

O grupo referente à escolaridade do informante mostrou que os informantes que possuem ensino fundamental apresentam maior favorecimento da variante [i], com peso relativo de .400. Os informantes com curso superior apresentaram maior favorecimento da variante [e]. A realização de [ɛ] apresentou peso de .333, ou seja, neutro, no falar dos informantes com ensino superior. Observemos os resultados, na tabela 37:

TABELA 37

Resultados do grupo escolaridade do informante em pesos relativos para a vogal pretônica <e>.

| Escolaridade | [i] | Aplicação | [e] | Aplicação | [ɛ] | Aplicação |
|--------------|------|-----------|------|-----------|------|-----------|
| Fundamental | .400 | 67/542 | .274 | 243/542 | .326 | 232/542 |
| Superior | .271 | 48/585 | .396 | 309/585 | .333 | 228/585 |

O grupo escolaridade mostrou que os informantes com ensino fundamental possuem probabilidade maior de realizar a variante [i]. A realização de [e] possui maior

probabilidade de ocorrência na fala de informantes com ensino superior. Observemos na figura 12 o gráfico que mostra o distanciamento entre a maior e a menor escolaridade para as variantes [i] e [e] e a aproximação das mesmas para a variante [ɛ].

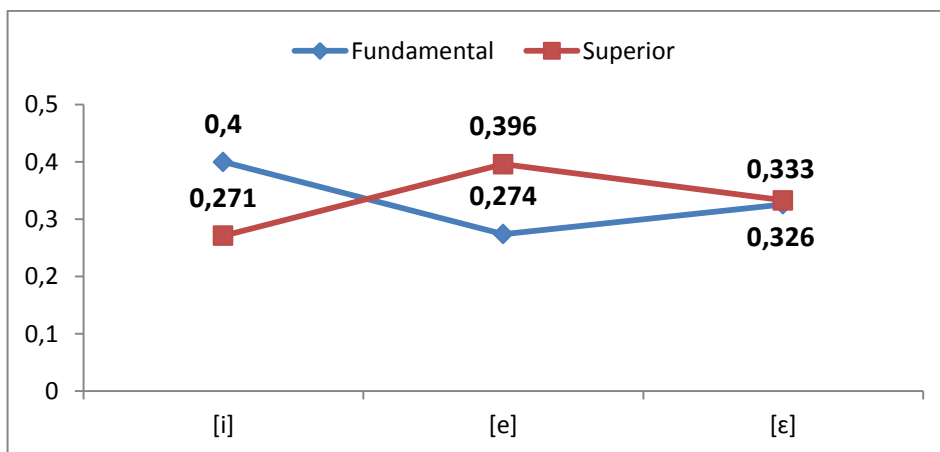


Gráfico 2: Escolaridade do informante para a vogal pretônica <e>.

O grupo escolaridade apontou resultados esperados, semelhantes aos da rodada de <o> e mostrou os informantes com menor escolaridade, como principais responsáveis pela realização de [i]. A variante [e] é favorecida no falar de informantes com maior escolaridade e a variante [ɛ] não apresentou favorecimento em nenhuma das faixas de escolaridade, apesar do peso relativo para informantes com ensino superior ter ficado no ponto neutro (.333).

3.2.2.9 Faixa Etária do informante

Os informantes com idade entre 18 e 30 anos apresentaram maior favorecimento de [e], com peso relativo de .417, enquanto que os informantes com idade entre 50 e 65 anos favorecem a realização de [ɛ], com .417. Observemos os resultados, na tabela e no gráfico que seguem:

TABELA 38
Resultados do grupo faixa etária do Informante em pesos relativos para a vogal pretônica <e>

| Faixa Etária | [i] | Aplicação | [e] | Aplicação | [ɛ] | Aplicação |
|--------------|------|-----------|------|-----------|------|-----------|
| 18 a 30 | .326 | 48/548 | .417 | 314/548 | .256 | 186/548 |
| 50 a 65 | .327 | 67/579 | .256 | 328/579 | .417 | 274/579 |

Os informantes com idade entre 18 a 30 anos tem maior probabilidade de realizar [e], com .417. Os informantes com idade entre 18 a 30 são os principais responsáveis pela ocorrência de [ɛ], com peso relativo de .417 também. Na figura 13 é possível observar o distanciamento entre os informantes mais velhos e os mais jovens em relação ao uso da variante [e], de modo que na faixa etária destes a probabilidade de uso é maior. Para a variante [ɔ] temos a preferência por parte dos mais velhos, enquanto que os mais jovens desfavorecem o uso da mesma.

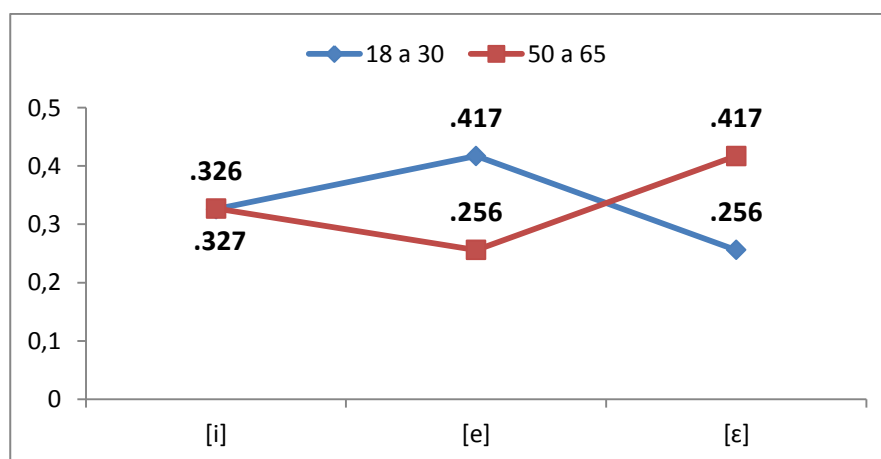


Gráfico 3: Faixa etária do informante para a vogal pretônica <e>.

Os resultados mostraram que os informantes mais jovens (18 a 30 anos) realizam mais a variante [e] e os informantes mais velhos (50 a 65) apresentam favorecimento da

variante [ɛ], o que indica uma tendência para a manutenção de <e>, em detrimento das demais variantes em questão. A variante [i] não foi favorecida em nenhuma das duas faixas etárias, embora seus pesos relativos estejam próximos ao favorecimento.

3.2.2.10 Procedência do Informante

O último grupo social levado em consideração para a análise se refere à procedência do informante. Os resultados mostraram que as capitais Macapá, Belém, Manaus e Boa Vista apresentaram maior favorecimento da variante [i]. A realização de variante [e] prevalece em Boa Vista, Porto Velho e Belém. A ocorrência de [ɛ] prevalece nas seguintes capitais: Rio Branco; Porto Velho e Manaus. Vejamos os resultados, na tabela:

TABELA 39
Resultados do grupo procedência do informante em pesos relativos para a vogal pretônica <e>

| Procedência | [i] | Aplicação | [e] | Aplicação | [ɛ] | Aplicação |
|-------------|------|-----------|------|-----------|------|-----------|
| Belém | .437 | 22/210 | .376 | 123/210 | .187 | 65/210 |
| Boa Vista | .339 | 14/162 | .419 | 94/162 | .243 | 54/162 |
| Macapá | .531 | 26/180 | .226 | 78/180 | .244 | 76/180 |
| Manaus | .341 | 24/201 | .238 | 83/201 | .420 | 94/201 |
| Porto Velho | .180 | 12/171 | .396 | 85/171 | .423 | 74/171 |
| Rio Branco | .204 | 17/203 | .294 | 89/203 | .502 | 97/203 |

Os pesos relativos mostram que na região Norte há maior probabilidade de ocorrência de [i] em Macapá, Belém, Manaus e Boa Vista. A variante [e] possui maior probabilidade de ocorrer nas seguintes capitais: Boa Vista, Porto Velho e Belém. Já a realização de [ɛ] tem maior possibilidade de ocorrer em Rio Branco, Porto Velho e Manaus. Observemos na tabela 40 apenas as capitais que apresentaram favorecimento em cada uma das variantes:

TABELA 40

Fatores favorecedores por variante do grupo procedência do informante

| [i] | [e] | [ɛ] |
|--|--|--|
| Macapá (.531) Belém (.437) Manaus (.341) Boa Vista (.339) | Boa Vista (.419) Porto Velho (.396) Belém (.376) | Rio Branco (.502) Porto Velho (.423) Manaus (.420) |

Assim como nos resultados de <o>, em algumas capitais ocorreu o favorecimento de duas variantes, como Belém [i e], Boa Vista [e i], Porto Velho [ɛ e] e Manaus [ɛ i]. Em duas das seis capitais ocorreu o favorecimento de apenas uma das variantes, Macapá [i] e Rio Branco [ɛ]. Em nenhuma das seis capitais tivemos o favorecimento das três variantes e todas apresentaram favorecimento de pelo menos uma das variantes. Observemos na figura 5, o mapa com a distribuição das variantes nas capitais estudadas.

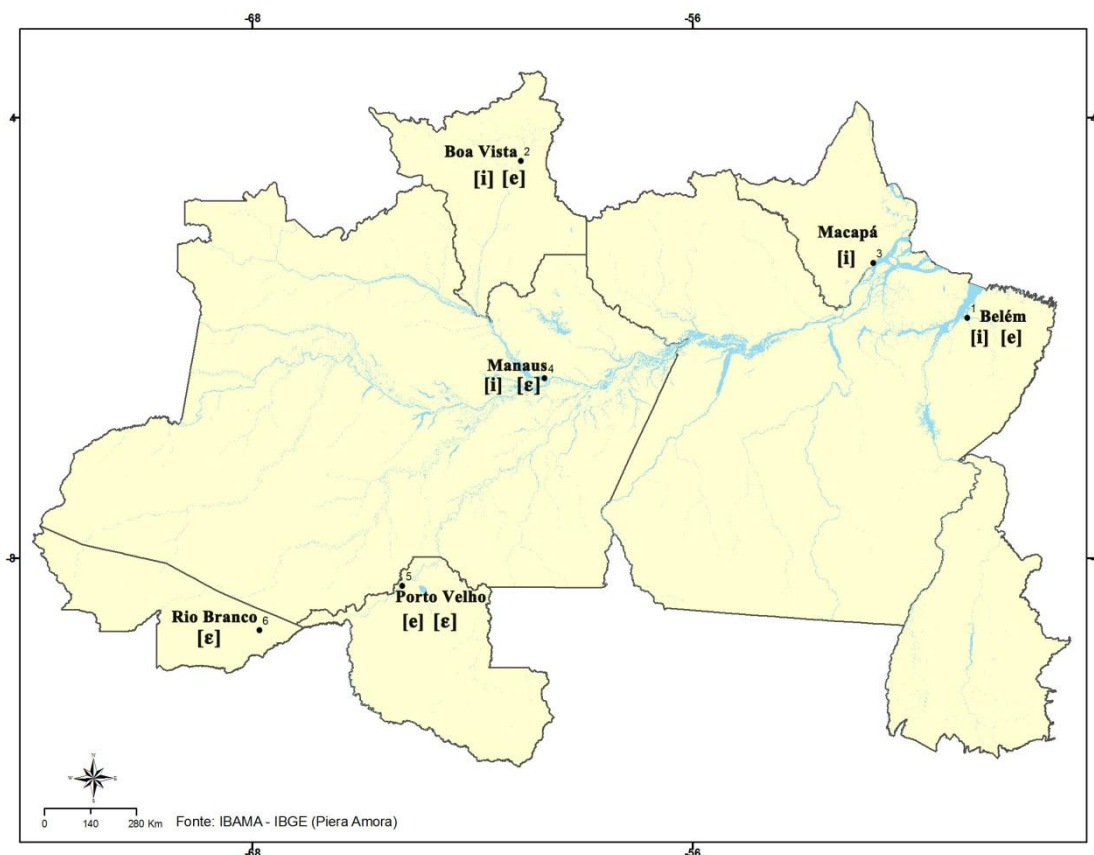


Figura 5: Distribuição das variantes de <e> nas capitais da região Norte do Brasil.

O mapa mostra que a distribuição das variantes é diferente da observada na rodada de <o>. É possível observar as variantes [i] e [e] são favorecidas nas capitais Belém e Boa Vista. Macapá apresenta a favorecimento apenas da variante [i]. A variante [i] é favorecida principalmente na parte setentrional da região Norte e na parte meridional da região temos o favorecimento da variante [ɛ], prevalecendo isoladamente em Rio Branco e na capital Porto Velho temos o favorecimento das variantes [ɛ] e [e].

A capital Manaus se situa na transição entre as duas áreas, apresentando favorecimento das variantes [i] e [ɛ]. Assim como na rodada de <o>, a influência do fluxo migratório de nordestinos é a provável explicação para a presença acentuada da variante [ɛ] na parte meridional da região Norte.

3.2.2.11 Tipo de Questionário

O último grupo da rodada de <e> se refere ao tipo de questionário que mostrou maior favorecimento de [e] no Questionário Fonético-Fonológico (QFF). A realização de [i] e de [ɛ] apresentaram favorecimento no Questionário Semântico-Lexical (QSL). Observemos a disposição dos resultados na tabela 41:

TABELA 41
Resultados do grupo tipo de questionário do informante em pesos relativos para a vogal pretônica <e>

| Tipo de Questionário | [i] | Aplicação | [e] | Aplicação | [ɛ] | Aplicação |
|-----------------------------|------------|------------------|------------|------------------|------------|------------------|
| QFF | .307 | 70/703 | .461 | 359/703 | .232 | 274/703 |
| QSL | .335 | 45/424 | .223 | 193/424 | .443 | 186/424 |

Os pesos relativos mostram que há maior probabilidade de ocorrência de [e] nos itens lexicais do QFF (.461) e de [ɛ] nos itens lexicais do QSL (.443) e a última probabilidade é a de ocorrência de [i] no QSL (.335).

A realização de [i] e de [ɛ] foi favorecida no QSL, que possui nível de

formalidade menor e a realização de [e] apresentou favorecimento no QFF que é mais formal se comparado ao QSL. Os resultados mostram que o grau de formalidade deve ser considerado para a realização de determinada variante, de modo que as variantes [i] e [ɛ] possuem maior probabilidade de ocorrer na fala informal e a variante [e], na fala formal.

4.2.4 Atuação dos grupos de fatores sobre a variação de <e> e <o>

Na presente seção, apresentaremos o quadro comparativo das rodadas de <e> e de <o>, a partir dos resultados obtidos na pesquisa. O objetivo é descrever como se dá a atuação dos fatores avaliados sobre as três variantes estudadas.

4.2.4.1 Variável dependente

A variante [e] apresentou favorecimento de .878 e a variante [o] apresentou peso relativo de .563, portanto, há maior probabilidade de ocorrer a manutenção de <e> nas capitais da região Norte do que de <o>.

As variantes [i] e [u] atuam com menor favorecimento, pois apresentaram pesos de .047 e .265, respectivamente. Esses resultados demonstram que as variantes altas ocorrem no falar da região Norte, embora tenha favorecimento baixo.

Por último, as variantes [ɛ] e [ɔ] apresentaram pesos de .172 e 0.75, portanto, há menor probabilidade de ocorrer essas variantes no falar da região. Observemos os resultados no gráfico que segue:

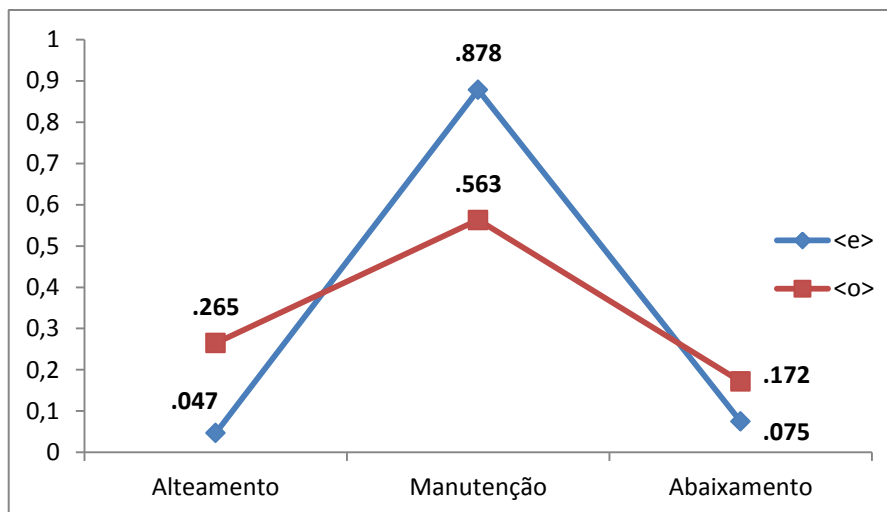


Gráfico 4: Resultados para as variantes de <e> e de <o>.

Podemos observar no gráfico que as variantes [e] e [o] apresentaram probabilidades acima da significância, com destaque para a variante [e] que apresentou peso de .878, próximo ao categórico. As variantes [i] e [u] apresentaram probabilidade bem mais baixa e são desfavorecidas. As variantes [ɛ] e [ɔ] apresentaram pesos mais baixos ainda. Os resultados, em termos de favorecimento ou não se assemelham para <e> e <o>.

4.2.4.2 Fonema vocálico da tônica

O grupo fonema vocálico da tônica apresentou fatores favorecedores distintos e alguns fatores em comum para as rodadas de <e> e de <o>. De acordo com os resultados, a presença de [i] na tônica favorece o alçamento, tanto de <e> quanto de <o>, assim como a presença da vogal baixa [a] favorece o abaixamento em ambas as rodadas.

QUADRO 7

Quadro comparativo de <e> e <o> para o grupo fonema vocálico da tônica

| Variantes | | | | | |
|-----------|-----|-----|-----|-----|-----|
| [i] | [u] | [e] | [o] | [ɔ] | [ɛ] |
| [o] | [ɛ] | | [u] | [o] | [e] |
| [i] | [i] | | [e] | [a] | [a] |
| [u] | | - | [a] | | |
| | | | [i] | | |

Com base no quadro é possível observar que os fatores favorecedores de [i] e de [u] apresentam diferenças; enquanto esse apresenta [ɛ] e [i] como vogais tônicas favorecedoras. Apenas a vogal tônica [i] favorece o alteamento de [i] e [u].

A variante [ɔ] apresentou maior probabilidade de ocorrer quando há a presença de [o] e a variante [ɛ] possui maior probabilidade de ocorrer quando temos [e] na tônica. O fator comum para as duas variantes é a vogal baixa [a].

A variante [e] não apresentou fatores favorecedores para o grupo e a variante [o] mostrou como favorecedoras as vogais [u], [e], [a] e [i].

4.2.4.3 Distância

Os resultados para a distância foram distintos para as rodadas de <e> e de <o>. Para [i] tivemos a distância não contígua e para [u] a distância contígua atuando como favorecedoras. Para [e] tivemos a não contígua e para [o] nenhum das distâncias se mostrou favorecedora. Finalmente, para [ɛ] tivemos a distância contígua como significativa e para [ɔ] a não contígua. Observemos o quadro comparativo que segue:

QUADRO 8

Quadro comparativo de <e> e <o> para o grupo distância entre tônica e pretônica

| Variantes | | | | | |
|--------------|----------|--------------|-----|----------|--------------|
| [i] | [u] | [e] | [o] | [ɛ] | [ɔ] |
| Não contígua | Contígua | Não contígua | - | Contígua | Não contígua |

De acordo com o quadro 8, há maior probabilidade de ocorrer [i] quando a distância é não contígua e de ocorrer [u] quando a distância é contígua, portanto, a distância tem atuação diferente para cada uma das variantes. A variante [ɛ] possui maior probabilidade de ocorrer em palavras com distância contígua e a variante [ɔ] ocorre com maior probabilidade quando temos a distância não contígua.

A variante [o] não apresentou fatores favorecedores para o grupo e a variante [e] apresentou a distância não contígua como favorecedora.

4.2.4.4 Segmento do *onset* da sílaba da pretônica

O grupo segmento do *onset* da sílaba da pretônica apresentou resultados diferentes para as rodadas de <e> e de <o>. Para [i] tivemos os segmentos [t d], [m] e [s z] como favorecedores e, para [u], [ʒ ʃ], [p b] e [m]. Esse último segmento é favorecedor comum para ambas as rodadas. A variante [e] teve como favorecedores os segmentos [R], [f v] e [s z] e a variante [o] os segmentos [m], [t d], [k g] e pr ou tr. Não houve fatores comuns para as duas variantes médias.

A variante [ɛ] teve os segmentos [p b] como favorecedores e [ɔ] os segmentos [n], [s z], [k g] e pr ou tr. Não houve fatores favorecedores em comum para ambas as rodadas.

QUADRO 9

Quadro comparativo de <e> e <o> para o grupo segmento do *onset*.

| Variantes | | | | | |
|-----------|-------|-------|----------|-------|----------|
| [i] | [u] | [e] | [o] | [ɛ] | [ɔ] |
| [t d] | [ʒ ʃ] | [R] | [m] | [p b] | [n] |
| [m] | [p b] | [f v] | [t d] | | [s z] |
| [s z] | [m] | [s z] | [k g] | | [k g] |
| | | | pr ou tr | | pr ou tr |

Com base no quadro 9 podemos dizer que os segmentos favorecedores de <e> e de <o> são diferentes, com exceção dos segmentos labiais, que apresentaram favorecimento para [i] e para [u], o que era esperado, pois as labiais tendem a levantar a pretônica, principalmente a posterior [u]. A comparação entre os segmentos que atuaram no favorecimento de cada variante comprovou a necessidade se realizar rodadas separadas para <e> e para <o>.

4.2.4.5 Segmento do *onset* da sílaba seguinte

O grupo segmento do *onset* da sílaba seguinte mostrou os segmentos [r] e [k g] como favorecedores de [i], e os segmentos [m], [f v] e [s z], como favorecedores de [u]. A variante [e] apresentou os segmentos [p b] e [t d] como favorecedores e a variante [o]. Os segmentos [ʌ], [s z], [R] e [m]. A variante [ɛ] foi favorecida pelos segmentos [l], [s z] e [t d] e a variante [ɔ], favorecida pelos segmentos [l], [r], [t d] e [R]. Observemos o quadro comparativo que segue:

QUADRO 10

Quadro comparativo de <e> e <o> para o grupo segmento do onset da sílaba seguinte.

| Variantes | | | | | |
|-----------|----------------|-------|---------------------|----------------|---------------------|
| [i] | [u] | [e] | [o] | [ɛ] | [ɔ] |
| [r] | [m] | [p b] | [ʌ] | [l] | [l] |
| [k g] | [f v] [s z] | [t d] | [s z] [R] [m] | [s z] [t d] | [r] [t d] [R] |

Assim como no grupo segmento do *onset*, o grupo segmento do *onset* da sílaba seguinte apresentou o favorecimento de fatores distintos para <e> e para <o>. Apenas as variantes [ɛ] e [ɔ] apresentaram segmentos favorecedores comuns, a saber [l] e [t d]. Também tivemos a presença de segmento labial [m] favorecendo [u], o que era esperado. Seguindo a mesma tendência do grupo anterior, a natureza do *onset* da sílaba seguinte possui fatores diferentes em grande parte dos contextos atuando no favorecimento das variantes.

4.2.4.6 Tipo de questionário

O grupo tipo de questionário apresentou itens do QSL como favorecedores de [i] e de [u]. A variante [e] apresentou itens do QFF como favorecedores e a variante [o] apresentou itens do QSL como significantes. A variante [ɛ] apresentou itens do QSL como favorecedores e a variante [ɔ] apresentou itens do QFF como favorecedores. Observemos o quadro comparativo que segue:

QUADRO 11

Quadro comparativo de <e> e <o> para o grupo fonema vocálico da tônica.

| Variantes | | | | | |
|-----------|-----|-----|-----|-----|-----|
| [i] | [u] | [e] | [o] | [ɛ] | [ɔ] |
| QSL | QSL | QFF | QSL | QSL | QFF |

De acordo com o quadro 11, o QSL apresentou maior probabilidade de ocorrer tanto na variante [i], quanto na variante [u]. A variante [e] apresentou maior probabilidade de ocorrer no QFF e a variante [o], no QSL. Finalmente, a variante [ɛ] prevalece no QSL e a variante [ɔ] no QFF.

Apenas para as variantes [e] e [o] tivemos a atuação de fator em comum quanto ao favorecimento, no caso, o QSL. Nas demais variantes os fatores favorecedores foram distintos.

4.2.4.7 Sexo do informante

O grupo social sexo apresentou resultados semelhantes para ambas as rodadas. Os resultados mostraram os informantes do sexo masculino como favorecedores de [i] e de [u]. As variantes [e] e [o] apresentaram favorecimento no falar de informantes do sexo feminino e as variantes [ɛ] e [ɔ] também apresentaram o sexo feminino como favorecedor. Observemos o quadro comparativo que segue:

QUADRO 12

Quadro comparativo de <e> e <o> para o grupo sexo do informante.

| Variantes | | | | | |
|-----------|-----------|----------|----------|----------|----------|
| [i] | [u] | [e] | [o] | [ɛ] | [ɔ] |
| Masculino | Masculino | Feminino | Feminino | Feminino | Feminino |

O quadro 12 mostra resultados simétricos para cada grupo de variantes. Os informantes do sexo masculino apresentaram favorecimento das variantes [i] e [u]. As variantes [e] e [o] apresentaram maior probabilidade de ocorrer no falar de informantes do sexo feminino, assim como nas variantes [ɛ] e [ɔ].

Esses resultados demonstram que os homens são os principais responsáveis pela regra do alteamento e as mulheres pela realização da manutenção e abaixamento, o que confirma o uso de regras exclusivas de acordo com o sexo.

4.2.4.8 Faixa etária

Para o grupo faixa etária tivemos resultados as variantes [e] e [o] sendo favorecidas por informantes mais jovens (18 a 30 anos) e as variantes [ɛ] e [ɔ] apresentou os mais velhos (50 a 65 anos) como favorecedores da regra. A variante [i] não apresentou faixa etária favorecedora. Observemos o quadro comparativo abaixo:

QUADRO 13

Quadro comparativo de <e> e <o> para o grupo faixa etária do informante.

| Variantes | | | | | |
|-----------|---------|---------|---------|---------|---------|
| [i] | [u] | [e] | [o] | [ɛ] | [ɔ] |
| - | 50 a 65 | 18 a 30 | 18 a 30 | 50 a 65 | 50 a 65 |

Podemos observar no quadro comparativo que os informantes com idade entre 18 a 30 possuem maior probabilidade de realizar as variantes [e] e [o]. A variante [ɛ] e [ɔ] apresentou favorecimento no falar de informantes da faixa etária de 50 a 65 anos.

É importante observar o fato de que mais jovens estarem usando mais a variante padrão e os mais velhos realizando as demais variantes, portanto as variantes [e] e [o] estão liderando a “disputa” e a tendência é que ocorra a estabilidade no uso dessas variantes.

4.2.4.9 Escolaridade

A escolaridade apresentou resultados semelhantes para as variantes [i] e [u]. Tivemos os informantes com ensino fundamental como favorecedores da regra. As variantes [e] e [o] mostraram os informantes com ensino superior como favorecedores da regra. A variante [ɛ] não apresentou fator favorecedor. Confira os resultados no quadro comparativo abaixo:

QUADRO 14

Quadro comparativo de <e> e <o> para o grupo escolaridade do informante.

| Variantes | | | | | |
|-------------|-------------|----------|----------|----------|-----|
| [i] | [u] | [e] | [o] | [ɔ] | [ɛ] |
| Fundamental | Fundamental | Superior | Superior | Superior | - |

De acordo com o quadro 14 podemos observar que as variantes [i] e [u] possuem maior probabilidade de ocorrer no falar de informantes que possuem o ensino fundamental. As variantes [e] e [o] prevalecem no falar de informantes que possuem o ensino superior

Esses resultados mostram que a escolaridade tem papel fundamental na variação das vogais médias pretônicas. A menor escolaridade eleva a probabilidade de ocorrer o alteamento e a maior escolaridade propicia a realização da manutenção, o que indica

forte relação entre escolaridade e o uso das variantes estudadas.

4.2.4.10 Procedência

O grupo referente à localidade apresentou resultados semelhantes. As capitais Belém e Macapá se apresentaram como favorecedoras de [i] e de [u]. A variante [e] foi favorecida nas capitais Boa Vista, Porto Velho e Belém. A variante [o] se mostrou significativa em Belém, Porto Velho e Macapá. As capitais Rio Branco, Porto Velho e Manaus apresentaram favorecimento para as variantes [ɛ] e [ɔ]. Observemos os resultados no quadro comparativo que segue:

QUADRO 15

Quadro comparativo de <e> e <o> para o grupo procedência do informante.

| Variantes | | | | | |
|-----------|--------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| [i] | [u] | [e] | [o] | [ɛ] | [ɔ] |
| Belém | Belém | Boa Vista | Belém | Rio Branco | Manaus |
| Macapá | Macapá | Porto Velho | Porto Velho | Porto Velho | Rio Branco |
| | | Belém | Macapá | Manaus | Porto Velho |

É possível observar no quadro 15 que Belém e Macapá apresentaram maior favorecimento de [i] e [u]. A variante [e] apresenta favorecimento em Boa Vista, Porto Velho e Macapá. A variante [o] é favorecida em Belém, Porto Velho e Macapá. Em Belém e Porto Velho há maiores probabilidades de ocorrer as duas variantes.

As variantes [ɛ] e [ɔ] são favorecidas em Rio Branco, Manaus e Porto Velho, sendo que a primeira variante é liderada pela capital Rio Branco e a segunda variante ocorre com maior probabilidade em Manaus. Com base nesses resultados é possível traçar as linhas que podem ser observadas na figura 16 que segue:

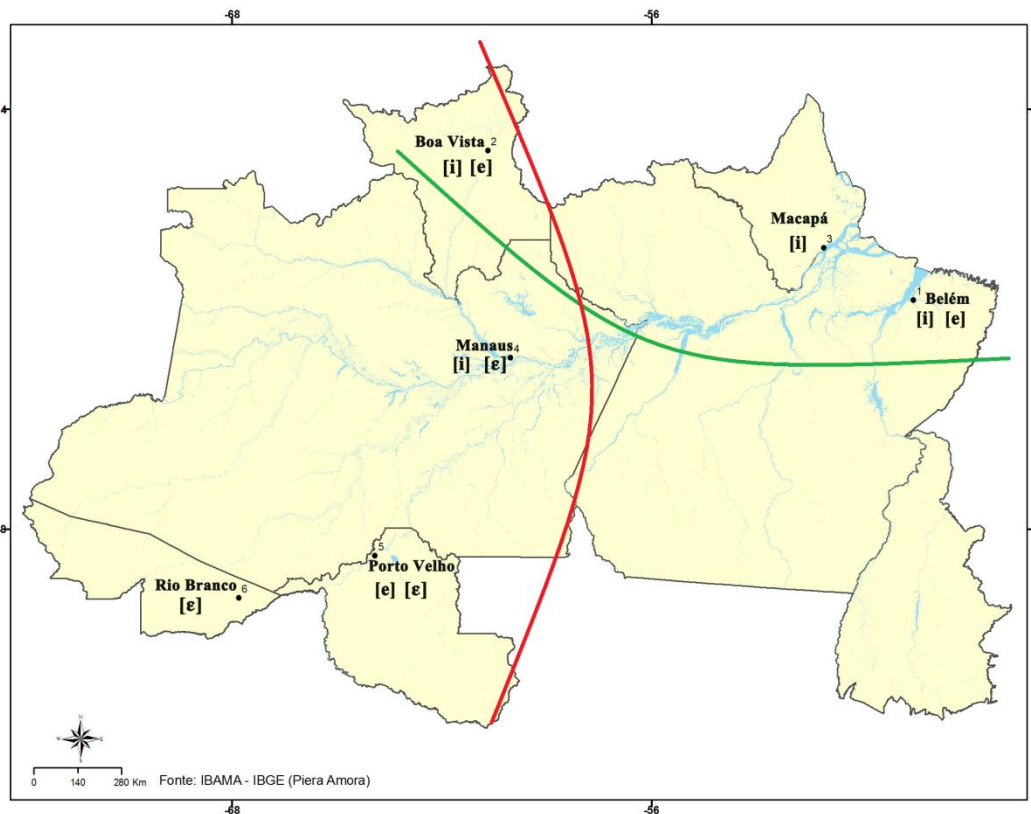


Figura 6: Distribuição das variantes de <e> nas capitais da região Norte do Brasil.

De acordo com o mapa da figura 6 podemos observar a linha verde que compreende as capitais Macapá e Belém com o prevalescimento das variantes [i] na primeira e [i e] na segunda, além da capital Boa Vista, onde temos favorecimento de [i e].

Na região meridional temos Rio Branco e Porto Velho, sinalizados pela linha vermelha, apresentando as variantes [ɛ] e [ɛ ɛ], respectivamente. Em Manaus e Boa Vista temos as variantes [i e] e [i ɛ], respectivamente.

A distribuição das variantes de <e> mostra as variantes [i] e [e], prevalecendo nas capitais situadas na zona setentrional da região Norte, que compreende Belém, Macapá e Boa Vista. Na zona meridional da região Norte, temos o favorecimento das variantes [ɛ] e [e], além da capital Manaus situada entre as duas zonas.

É possível observar no mapa com as capitais que tiveram grande fluxo de migrantes nordestinos, e conseqüentemente, ocupação territorial tardia. Elas apresentam a variante [ɛ] e [e], excetuando-se a capital Boa Vista, enquanto que as demais capitais

apresentaram as variantes [i] e [e] figurando nas capitais que tiveram o início da ocupação no século XVII e fluxo migratório menos intenso.

O mapa da distribuição das variantes de <o> na região Norte se apresentou semelhante ao mapa de <e>, como podemos observar na figura 7 abaixo:

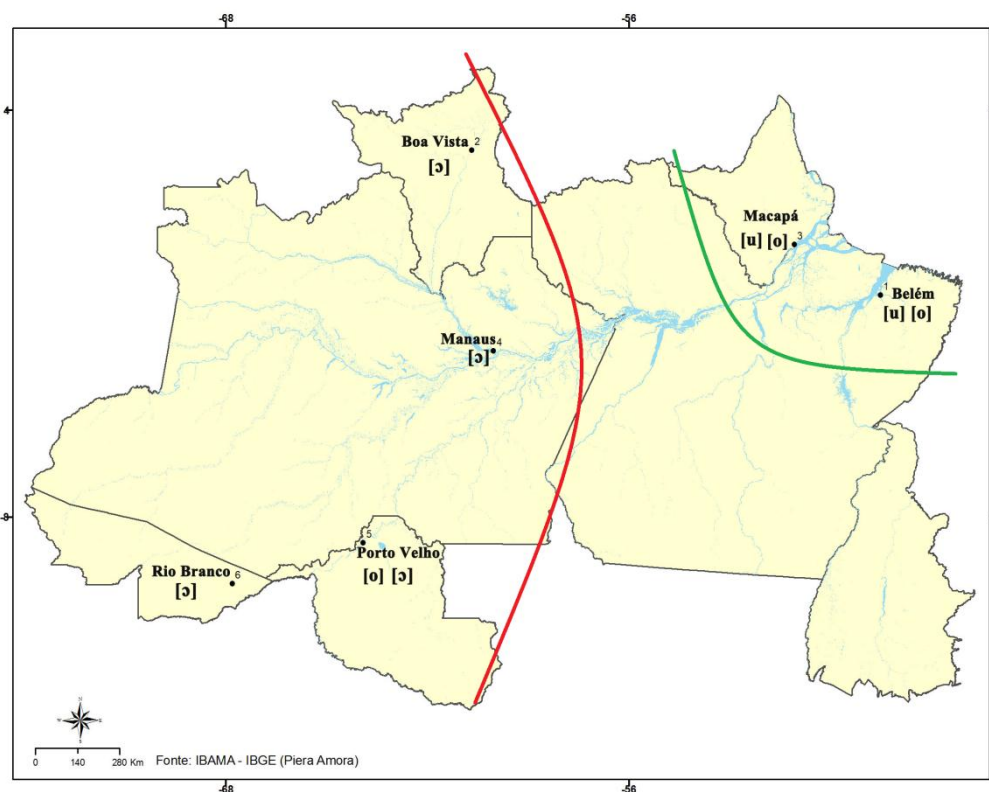


Figura 7: Distribuição das variantes de <o> nas capitais da região Norte do Brasil.

De um lado temos as variantes [u] e [o] prevalecendo nas capitais, Macapá e Belém (linha verde). Na zona meridional temos a variante [ɔ] sendo favorecida em Rio Branco e as variantes [o] e [ɔ] prevalecendo em Porto Velho, assim como no extremo norte da região, onde temos a variante [ɔ] se destacando em Boa Vista (linha vermelha).

Em Manaus temos aparentemente uma zona de transição, pois temos a variante [u] ao lado da variante [ɔ], como podemos observar no círculo azul.

Na figura 8 temos os mapas de <o> e de <e>, onde podemos observar a semelhança entre as linhas que separam as variantes.

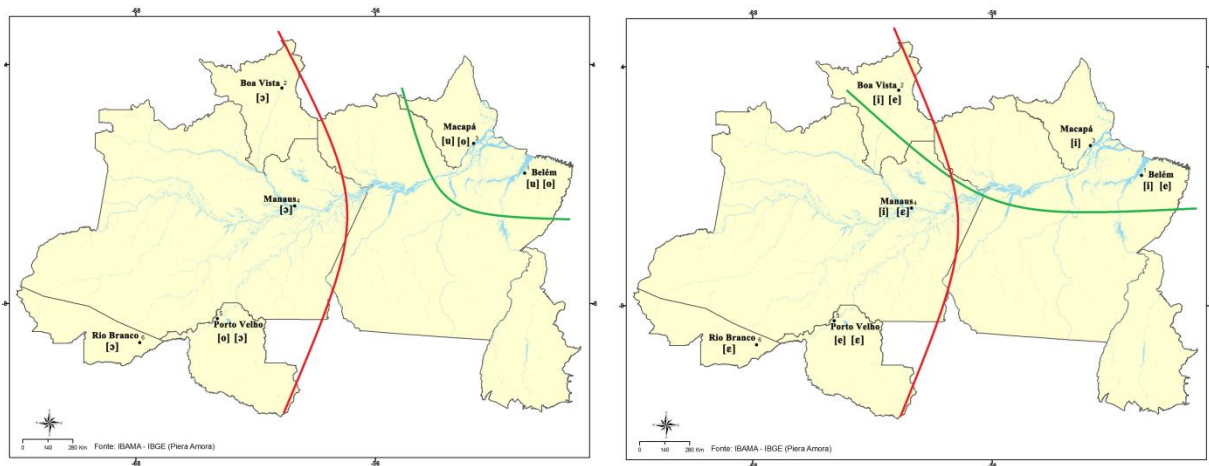


Figura 8: Distribuição das variantes de <o> e <e> nas capitais da região Norte do Brasil.

É possível observar nos dois mapas que as variantes [ɔ] e [ɛ] são favorecidas na região que compreende Manaus, Rio Branco e Porto Velho, que podemos chamar de área de abaixamento. As variantes altas [i] e [u] prevalecem na região setentrional que compreende Belém e Macapá, além das capitais, Boa Vista e Manaus, que apresentaram favorecimento de [i]. Podemos considerar essa região como área de alteamento.

Podemos dizer, com base nos resultados e na distribuição das variantes, que as variantes baixas prevalecem nas capitais que tiveram intenso fluxo migratório de nordestinos ao longo do processo de ocupação da Amazônia. As variantes altas apresentaram maior ocorrência principalmente em Belém e Manaus, capitais que tiveram o processo de ocupação anterior ao das demais capitais da região Norte e em Macapá pelo fato da mesma possuir intensa circulação de pessoas e serviços para a capital Belém, o que pode explicar o favorecimento da variante alta.

CONCLUSÃO

Com base nos resultados obtidos é possível afirmar que a manutenção de <e> e <o>, considerando as capitais da região Norte do Brasil é regra predominante em termos gerais.

Os fatores linguísticos que atuam no favorecimento do alteamento, manutenção e abaixamento de <e> e de <o> não são os mesmos, como podemos observar nos quadros comparativos, o que nos leva a dizer que temos a atuação de fatores linguísticos específicos para cada variável, o que mais uma vez justifica a separação das rodadas.

Podemos concluir que as vogais altas na tônica aumentam a probabilidade de ocorrência do alteamento, tanto de <e> quanto de <o> e a vogal baixa eleva a probabilidade de ocorrer o abaixamento, excetuando os contextos de palavras específicos, o que indica a atuação de duas harmonias vocálicas, a primeira ocorre quando temos a presença de vogal alta na tônica eleva a média pretônica, a segunda ocorre quando a vogal tônica é baixa e a pretônica tende a harmonizar com a mesma. De acordo com os resultados obtidos, podemos dizer que a vogal tônica é a principal motivadora do alteamento e do abaixamento; em suma, altas na tônica favorecem o primeiro e a vogal baixa favorece o segundo fenômeno.

Concluimos também que a distância entre vogal tônica e pretônica atua na realização das variantes, de modo que a maior distância favorece [o] e a menor distância favorece [i]. Para a vogal pretônica <e>, a atuação desse grupo tem menor impacto em virtude da prevalência da manutenção, que atingiu nível próximo ao categórico.

Não foi possível apontar a relação entre a natureza morfológica do item lexical e a ocorrência de uma das três variantes, em virtude da prevalência de dados da classe dos substantivos, o que afetou a ortogonalidade dos resultados. Apesar do grupo não ter sido conclusivo, o mesmo apresentou um resultado que pode ser alvo de investigação. Trata-se da ocorrência de [ɔ] nos verbos, que pode ser explicada pela natureza morfológica do mesmo, em especial naqueles verbos pertencentes à 1ª conjugação verbal (terminados em -ar), que se mostraram mais suscetíveis ao abaixamento.

Os pesos relativos e os fatores favorecedores do grupo segmento do *onset* mostraram que apenas segmentos labiais atuam para o favorecimento de [i] e de [u] e para as demais variantes temos diversos segmentos favorecedores distintos. As variantes [ɛ] e [ɔ] apresentaram segmentos favorecedores distintos, o que nos leva a dizer que a vogal tônica baixa é a desencadeadora das duas variantes, principalmente em verbos da 1ª conjugação.

O segmento do *onset* da sílaba seguinte apresentou apenas os segmentos [l] e [t d] comuns para as variantes [ɛ] e [ɔ], portanto não é possível afirmar que a natureza do *onset* da sílaba seguinte tenha influência na realização das variantes.

Com base nos resultados podemos afirmar que os fatores sociais têm papel determinante para atuação das variantes de <e> e de <o>.

O grupo sexo do informante indicou o uso de regras exclusivas para informantes do sexo masculino, que possuem maior probabilidade de realizar o alteamento. Os informantes do sexo feminino apresentaram maior probabilidade de realizar a manutenção e o abaixamento, portanto, há relação direta entre o uso de determinada variante e o sexo do informante.

A faixa etária mostrou informantes mais velhos com maior probabilidade de realizar o alteamento e os mais jovens com a maior realização da manutenção, tanto para <e> quanto para <o>. Esses resultados mostram indícios de que a manutenção aumentará consideravelmente no falar das gerações seguintes, o que apontando uma situação de estabilidade.

Os resultados do grupo escolaridade mostraram que os informantes que possuem o ensino fundamental realizam com maior probabilidade as variantes [i] e [u] e os informantes com ensino superior apresentaram maior probabilidade de realizar as variantes [e] e [o], o que demonstra o uso de variantes ligadas à escolaridade. Podemos dizer com base nos resultados que quanto maior a escolaridade, menor é a probabilidade de ocorrer o alteamento e vice versa.

Os resultados mostraram que a distribuição das variantes nas capitais da região Norte segue os seguintes moldes: as variantes [i] e [u] prevalecem nas capitais Belém e Macapá, ou seja, na parte setentrional da região Norte. As variantes [ɔ] e [ɛ] ocorrem com maior probabilidade em Rio Branco, Porto Velho e Manaus, ou seja, na parte meridional da região Norte.

Esses resultados demonstram que nas capitais que passaram pelo 1º momento de ocupação (século XVII) prevalecem as variantes altas [i] e [u]. Nas capitais situadas na parte meridional do mapa e que historicamente sofreram ocupação territorial entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, principalmente por migrantes do Nordeste, prevalece as variantes [ɛ] e [ɔ], variantes típicas do falar nordestino. A capital Manaus, apesar de ter sua ocupação iniciada no século XVII, passou por intenso fluxo de migrantes nordestinos motivados por incentivos do Governo Federal, por conta disso a capital está situada na área de transição.

A realização desse estudo propiciou a descrição do quadro de vogais médias pretônicas, considerando contextos específicos de palavras presentes no QFF e QSL do ALiB. A distribuição das variantes nas capitais evidenciou diferenças no falar das seis capitais aqui abordadas, de modo que as capitais que tiveram ocupação tardia foram mais suscetíveis a influência do migrante nordestino, principalmente.

É preciso levar em consideração para o estudo que a variação das vogais médias pretônicas sofre atuação de diversos fatores, dentre os quais podemos destacar a vogal tônica, seguido da natureza do *onset* em determinados casos e a distância contígua. Os grupos sociais evidenciaram a influência do uso de regras exclusivas de acordo com o sexo, a maior escolaridade contribuindo para o predomínio da manutenção, o que pode ser explicado pela influência da escrita. É possível afirmar também que nas capitais da região Norte temos a mudança linguística em processo, pois os jovens estão liderando o uso das variantes [e] e [o] e as demais variantes estão presentes principalmente no falar dos mais velhos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Aluiza A. **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza (CE): uma abordagem variacionista**, 2007.
- BARBOSA, R.I. **Ocupação Humana em Roraima**. I. Do histórico Colonial ao início do assentamento dirigido. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, 9(1), 123-144, 1993.
- BISOL, Leda. **Harmonização Vocálica: uma regra variável**. Tese de Doutorado em Linguística e Filologia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981.
- BRASIL. **Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ano base 2010**. Brasília: IBGE, 2011. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/ Acessado em 13 de julho de 2011.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CAMPOS, Benedita Maria do Socorro Pinto. **Descrição sociolinguística das vogais médias pretônicas no português falado no Município de Mocajuba-(PA)**. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.
- CÉLIA, Gianni Fontis. **As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia (ES)**. Campinas: Unicamp/IEL, 2004. (Dissertação de Mestrado).
- DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque amazônica**. 3.ed.Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FREITAS, Simone Negrão de. **As vogais Médias Pretônicas no Falar da Cidade de Bragança**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.
- GUY, Gregory R; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, Willian. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad.: BAGNO, Marcos. São Paulo: Parábola, 2009. [1972].
- NINA, Terezinha. **Aspectos da variação fonético-fonológica na fala de Belém**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Faculdade de letras/UFRJ, 1991.
- NUNES, Dorisvalder Nunes. Rondônia: ocupação e ambiente. In: **Revista Presença**. Porto Velho-RO, p. 27-32, 1996.
- OLIVEIRA, L. A. Expansão da fronteira, migração e reprodução urbana: o caso do Acre. **Anais do II Encontro Nacional da Abep**, Volume 1 Águas de São Pedro, 1980
- SARNEY, José; COSTA, Pedro. **Amapá: a terra onde o Brasil começa**. 2 ed. Brasília: Senado Federal, 2004

SOUSA, Josivane do Carmo Campos. **A variação das vogais médias pretônicas no português falado na área urbana do município de Belém/PA.** Belém: Universidade Federal do Pará, 2010. (Dissertação de mestrado).

SILVEIRA, Ana Amélia Menegasso da. **As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista.** São José do Rio Preto: [s.n], 2008.

SILVA, Ailma do Nascimento. **As pretônicas no falar teresinense.** Porto Alegre: PUCRS, 2009.

SCHWINDT, Luiz C. **A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista.** Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995.

YACOVENKO, Lílian C. **As vogais médias pretônicas no falar culto carioca.** Rio de Janeiro: Departamento de Letras Vernáculas/UFRJ, 1993.

ANEXOS

marcelopires.dias@gmail.com

Grupo 1: Variantes da variável dependente (6 fatores)

12

d

p - alteamento da vogal média pré-tônica /e/

m - manutenção da vogal média pré-tônica /e/

a - abaixamento da vogal média pré-tônica /e/

v - alteamento da vogal média pré-tônica /o/

x - manutenção da vogal média pré-tônica /o/

y - abaixamento da vogal média pré-tônica /o/

pmavxy

nil

Grupo 2: segundo Grupo de fatores - fonema vocálico da tônica

1 - i

2 - u

3 - e

4 - ε

5 - o

6 - o

7 - a

1234567

nil

Grupo 3: sexto grupo de fatores - Distância relativamente à Sílabas Tônicas

e - distância contígua (perigo)

f - distância não contígua (jornalista)

ef

nil

Grupo 4: Classe gramatical

h - Substantivo

i - Adjetivo

j - verbo

hij

nil

Grupo 5: Segmento do onset.

t - [t] + [d]

f - [f] + [v]

s - [s] + [z]

p - [p] + [b]

k - [k] + [g]

m - [m]

n - [n]
R - [R] forte
r - [r] tepe
l - [l]
j - [ʒ]
S - [ʃ]
@ - grupo consonantal [pr], [cr]

tfspkmmRrISj@
nil

Grupo 6: segmento seguinte.

t - [t] + [d]
f - [f] + [v]
s - [s] + [z]
p - [p] + [b]
k - [k] + [g]
m - [m]
n - [n]
R - [R] forte
r - [r] tepe
l - [l]
S - [S] ch
L - [L]
N - [N]
w - [w]
j - [j]

tfspkmmRrISLNwj
nil

Grupo 7: segmento da coda

r - [r]
s - [s]
z - [z]
l - [l]
n - [m] e [n]
w - glide [w]
y - glide [y]

rslnwyz
nil

Grupo 8: Sexo do informante

M - masculino
F - feminino
MF
nil

Grupo 9: Escolaridade do informante

X - fundamental
Z - superior
XZ
nil

Grupo 10: décimo quarto grupo de fatores - Faixa Etária

% - 18 a 30

- 50 a 65

%#

nil

Grupo 11: Procedência do informante

? - Belém (PA)

! - Manaus (AM)

+ - Rio Branco (AC)

= - Macapá (AP)

* - Boa Vista (RO)

@ - Porto Velho (RR)

?!+=*@

nil

Grupo 12: Tipo de questionário

& - QFF

\$ - QSL

&\$

nil